



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DAYANNE COSTA FIDELES

ÀS MARGENS DE MARÉS:
UMA ANÁLISE SOCIOLOGICA DA REPRODUÇÃO SOCIAL
E VIOLÊNCIA SISTÊMICA NO BAIRRO DE JARDIM VENEZA - JOÃO PESSOA/PB

João Pessoa
2025

DAYANNE COSTA FIDELES

ÀS MARGENS DE MARÉS:

UMA ANÁLISE SOCIOLOGICA DA REPRODUÇÃO SOCIAL
E VIOLÊNCIA SISTÊMICA NO BAIRRO DE JARDIM VENEZA - JOÃO PESSOA/PB

Monografia apresentada a licenciatura em Ciências Sociais no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociologia urbana.
Sociologia.

Orientadora: Dra. Mariana Shinohara Roncato

João Pessoa
2025

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

F451à Fideles, Dayanne Costa.
As margens de marés: uma análise sociológica da
reprodução social e violência sistêmica no bairro de
Jardim Veneza - João Pessoa/PB / Dayanne Costa Fideles.
- João Pessoa, 2025.
100 f. : il.

Orientadora: Mariana Shinohara Roncato.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2025.

1. Sociologia Urbana. 2. Violência Sistêmica. 3.
Sociologia. I. Roncato, Mariana Shinohara. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 316.334.56

DAYANNE COSTA FIDELES

ÀS MARGENS DE MARÉS:

UMA ANÁLISE SOCIOLOGICA DA REPRODUÇÃO SOCIAL
E VIOLÊNCIA SISTÊMICA NO BAIRRO DE JARDIM VENEZA - JOÃO PESSOA/PB

Monografia do curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba. Em cumprimento das exigências para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais.

Aprovada em: **03 de outubro de 2025.**

Banca Examinadora:

(Profa. Mariana Shinohara Roncato - Doutorado)
Orientadora - DCS/UFPB

(Prof. Jesus Marmanillo Pereira - Doutorado)
Examinador - DCS/UFPB

(Profa. Marcela Zamboni Lucena - Doutorado)
Examinadora - DCS/UFPB

*Dedico este trabalho a
todos os trabalhadores e
trabalhadoras do Jardim Veneza,
onde a periferia resiste em existir.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer cada interlocutor que tive, a principal delas, a minha mãe. Moradora de muitos anos do bairro aqui descrito. Agradeço a todos os meus professores que me moldaram como pesquisadora e cientista social. Agradeço as oportunidades de permanência que tive para focar na universidade, através de estágio administrativo na UFPB, os projetos de pesquisa, monitoria e docência que me deram meios materiais de concluir essa graduação. Fazer parte do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) me moldou como futura educadora, bem como me deu de presente amizades que seguirão a pós-graduação, para a vida.

Aos meus pais, obrigado por tamanho esforço e respeito pelas escolhas que fiz e faço. Obrigado à minha orientadora, Profa. Dra. Mariana Roncato, que acompanhou verdadeiramente todo o processo acelerado e difícil de concluir este trabalho em dois meses. À minha coordenadora de curso, Profa. Dra. Eliane Silva e a Vice-coordenadora Aina Guimarães, agradeço pela empatia com minhas inseguranças cultivadas na última graduação e os traumas que me paralisaram. Aos meus amigos: Ana Beatriz, Maria Eduarda, Chyntia Araújo, Gabriel Pereira, Wagner de Oliveira, Vagner Figueirêdo, Maria Clara, aqueles que me entendem melhor do que eu mesma, que contribuíram com diálogos, correções e revisões neste trabalho. Meus amigos, todos eles são os que me abraçam e me dão segurança, não me deixam desistir e veem o que nunca conseguirei ver em mim mesma, vocês são motores à minha resistência.

Gostaria de agradecer ao projeto de extensão Jovens Escritoras Periféricas e ao Prof. Dr. Márcio Sá por idealizar uma oficina de escrita criativa, da qual fiz parte e hoje sou monitora. A mentoria e a felicidade de encontrar Ana Carolina Lemos como instrumento de conexão com a escrita da realidade periférica, com a condição de mulher, foi um propulsor a esse trabalho.

Gostaria de agradecer aos membros da banca de avaliação deste trabalho, os professores Dr. Jesus Marmanillo Pereira e a Dra. Marcela Zamboni Lucena que contribuirão com críticas e observações relevantes às temáticas aqui abordadas.

E brevemente, à menina que aproveitou de forma muito pesada as oportunidades que teve, os privilégios que obteve. Que você chegou a um lugar que nunca imaginou e que mesmo pensando não suficiente, você fez o seu melhor. Comemore, se orgulhe de onde você chegou e as possibilidades que ainda virão. Ouse pensar e focar no futuro, mas não o determine.

*“A luta pela justiça social começa por uma
reivindicação do tempo:
‘eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize’.”*

- Antônio Cândido.

RESUMO

Esta pesquisa analisa como a violência sistêmica ocorre no bairro periférico do Jardim Veneza, no qual não se reproduz nos discursos sobre a capital da Paraíba nos últimos anos, como sendo uma das capitais mais atrativas ao turismo do Brasil e do mundo. As contradições apresentadas sobre a imagem divulgada sobre João Pessoa invisibilizam as profundas desigualdades sociais e econômicas existentes no território. Para que compreendamos a violência sistêmica, essa que vai além dos territórios periféricos, devemos relacionar a realidade que nos foi apresentada, com o aporte teórico de autores como Thiti Bathacharya, Karl Marx e Heleith Saffioti. Esses territórios são atingidos de forma crítica e desigual, visto isso nos atentamos à condição da mulher periférica dentro desse território marginal. Abordamos neste trabalho as implicações sociais, políticas, culturais e individuais dessa violência sistêmica na vida cotidiana do bairro. O estudo aborda, através da Teoria da Reprodução Social, o modo de produção capitalista, no qual esse depende de uma integração entre produção e reprodução social, nos quais devemos relacionar e analisar gênero, raça e classe para compreensão de como o direito à vida é negado às classes subalternas. E por direito à vida, entendemos como as dificuldades de acesso à saúde, segurança, lazer, educação e inclusive, o direito à cidade, como aborda o autor Henri Lefebvre. A capacidade de reivindicar o ritmo de vida, para além da precarização da vida e do trabalho, um ritmo próprio que lhe dê meios de viver a vida além do trabalho. Por meio de observação-participante, caminhadas, dados secundários, matérias jornalísticas, dados etnográficos, fotografias e análise de dados dispostos no Plano Diretor de João Pessoa, analisamos como os dados dispostos se articulam com o cotidiano descrito e teoricamente refletido. Como resultado, o estudo priorizou as dificuldades do cotidiano no bairro do Jardim Veneza, no qual são escassos os meios de manutenção à vida dos moradores, demonstrando que os avanços econômicos concentram-se nos bairros de concentração de poder e capital econômico em João Pessoa, fato este que segue aprofundando múltiplas violências em periferias.

Palavras-chave: Sociologia urbana; Violência sistêmica; Teoria da Reprodução Social.

ABSTRACT

This research analyzes how systemic violence occurs in the peripheral neighborhood of Jardim Veneza, which is not reflected in recent discourse about the capital of Paraíba as one of the most attractive tourist destinations in Brazil and the world. The contradictions presented in the image disseminated about João Pessoa obscure the profound social and economic inequalities that exist in the territory. In order to understand systemic violence, which goes beyond peripheral territories, we must relate the reality that has been presented to us with the theoretical contributions of authors such as Thiti Bathacharya, Karl Marx, and Helelith Saffioti. These territories are critically and unequally affected, which is why we focus on the condition of women in the periphery within this marginal territory. In this work, we address the social, political, cultural, and individual implications of this systemic violence in the daily life of the neighborhood. The study addresses, through the Theory of Social Reproduction, the capitalist mode of production, which depends on an integration between production and social reproduction, in which we must relate and analyze gender, race, and class to understand how the right to life is denied to the subaltern classes. And by the right to life, we mean the difficulties of access to health, safety, leisure, education, and even the right to the city, as discussed by author Henri Lefebvre. The ability to reclaim the pace of life, beyond the precariousness of life and work, a pace of one's own that gives one the means to live life beyond work. Through participant observation, walks, secondary data, newspaper articles, ethnographic data, photographs, and analysis of data provided in the João Pessoa Master Plan, we analyzed how the data provided relates to the daily life described and theoretically reflected upon. As a result, the study prioritized the difficulties of daily life in the Jardim Veneza neighborhood, where the means of sustaining the lives of residents are scarce, demonstrating that economic advances are concentrated in the neighborhoods where power and economic capital are concentrated in João Pessoa, a fact that continues to deepen multiple forms of violence in the peripheries.

Key-words: Urban Sociology; Systemic violence; Social Reproduction Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Antigo açougue da região, hoje encontra-se uma farmácia neste local.....	18
Figura 2: Farmácia atual no local (2025).....	18
Figura 3: Antiga panificadora, no momento de surgimento.....	19
Figura 4: Atual padaria no local (2025).....	19
Figura 5: Mapa do Bairro do Jardim Veneza - João Pessoa/PB.....	26
Figura 6: Fim de tarde na R. Maria José Miranda do Amaral.....	28
Figura 7: Praça das Três Lagoas.....	32
Figura 8: Inundações recorrentes na comunidade Beira Molhada (2019).....	32
Figura 9: Comunidade da Beira Molhada no dia 15 de agosto de 2025.....	33
Figura 10: Beira Molhada após as chuvas do dia 15 de agosto de 2025.....	33
Figura 11: Praça do Vieira Diniz - Maria Bronzeado (2025).....	35
Figura 12: Condições estruturais da Praça Maria Bronzeado (2025).....	36
Figura 13: Associação de moradores do Vieira Diniz em abandono (2025).....	36
Figura 14: Locais do antigo posto policial do bairro (2025).....	37
Figura 15: Inauguração da Praça da Juventude do Bairro das Indústrias (2015).....	38
Figura 16: Praça da Juventude (Localizada no Bairro das Indústrias - 2025).....	39
Figura 17: Projeto Futebol de Rua.....	40
Figura 18: Ambiente de Anfiteatro degradado e abandonado (2025).....	40
Figura 19: Campo de futebol Marretinha (2024).....	41
Figura 20: Condomínio “Dilmão” antes da entrega em 2017.....	43
Figura 21: Condomínio Dilmão atualmente (2025).....	43
Figura 22: Ao redor do Conj. Dilmão - R. Alberto Cassiano Coutinho (2024).....	44
Figura 23: “Invasões” em alvenaria próximo ao Distrito Industrial (2025).....	44
Figura 24: Conjunto habitacional Vieira Diniz I, II, III e IV (2025).....	45
Figura 25: Conj. Vieira Diniz I (2025).....	46
Figura 26: Crianças moradoras brincam em terreno baldio à tarde.....	46
Figura 27: Condomínio da Paz - Beira Molhada (2022).....	47
Figura 28: Condomínio da Paz nos dias atuais (2025).....	47

Figura 29: Unidade de Saúde da Família do Vieira Diniz (2025).....	51
Figura 30: Unidade de Saúde da Família do Jardim Veneza (2024).....	51
Figura 31: Escola Municipal João Monteiro da Franca (2025).....	52
Figura 32: Escola Cidadã Integral Prof. Paulo Freire (2019).....	52
Figura 33: Escola Municipal Presidente João Pessoa (2024).....	53
Figura 34: Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Profª Gilberta Fátima B. de Oliveira (2025).....	53
Figura 35: Novas habitações sendo construídas na região de Beira Molhada (2025).....	53
Figura 36: Rua à Frente da atual construção.....	54
Figura 37: Tipologia intraurbana da concentração urbana de João Pessoa (2017).....	70
Figura 38: Centralidades em João Pessoa (2020).....	71
Figura 39: Localização dos conjuntos habitacionais do PMCMV em João Pessoa (até 2016)	72
Figura 40: Macrozoneamento de João Pessoa.....	73
Figura 41: Mapa de concentração étnica e bairro de transição étnica.....	75
Figura 42: Renda média domiciliar, por autodeclaração de cor ou raça parda/preta, dos bairros de João Pessoa - 2010.....	76
Figura 43: Renda Média domiciliar por bairro.....	77
Figura 44: Distribuição por bairros de equipamentos educacionais.....	81
Figura 45: Distribuição Espacial da rede pública de segurança de João Pessoa.....	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação Dos Equipamentos Públicos Socioassistenciais.....	79
Tabela 2: Avaliação dos equipamentos socioassistenciais.....	79
Tabela 3: Lista de equipamentos educacionais da 6 ^a Região (incluso o Jardim Veneza).....	82
Tabela 4: Avaliação dos equipamentos educacionais da 6 ^a Região (incluso o Jardim Veneza)	82
Tabela 5: Relação Cor/Raça e Sexo com Remuneração Salarial (2024).....	86

LISTA DE ABREVIATURAS

- CFP – Centro de Formação Profissional Odilon Ribeiro Coutinho
- CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil
- CRC – Centro de Referência da Cidadania
- CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
- CREI – Centro de Referência Escolar Infantil
- CVLI – Crimes Violentos Letais e Intencionais
- ECIT – Escola Cidadã Integral Técnica
- EEEFM – Escola de Ensino Fundamental e Médio
- EEEM – Escola Estadual de Ensino Médio
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- LENAD – Levantamento Nacional de Álcool e Drogas
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- MIR – Ministério da Igualdade Racial
- PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
- PSB – Partido Socialista Brasileiro
- PMCMV – Programa Minha Casa, Minha Vida
- SESDS – Secretaria de Estado de Segurança e Defesa Social
- TRE-PB – Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba
- UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
- UFPB – Universidade Federal da Paraíba
- UPA – Unidade de Pronto Atendimento
- USF – Unidade de Saúde da Família
- ZEIS – Zona Especial de Interesse Social

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	15
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1: ENTRE MARÉS E BEIRA MOLHADA: O JARDIM VENEZA.....	22
1.1 Onde estamos: “Este bairro existe em João Pessoa?”.....	23
1.2. Juventudes, a Beira Molhada e o Lazer.....	31
1.3 A realidade da Favelização Vertical: O Condomínio da Paz, Dilmão e Conjunto Vieira Diniz I, II, III e IV.....	42
1.4 Mecanismos de manutenção do presente e futuro, mas qual futuro?.....	49
CAPÍTULO 2: A VIOLÊNCIA SISTÊMICA NO JARDIM VENEZA.....	56
2.1 Violência: multiplicidade de opressões e sofrimentos.....	58
2.2 Reprodução Totalizante.....	62
2.3 Direito à cidade.....	66
CAPÍTULO 3: PLANEJAMENTO DAS CIDADES: UMA ANÁLISE DO PLANO DIRETOR DE JOÃO PESSOA (2022).....	70
3.1 Classe, Raça e Renda:.....	74
3.2 Educação:.....	80
3.3 Saúde e Segurança:.....	83
3.4 Gênero: condição da mulher periférica.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	91

PRÓLOGO

Quando uma realidade lhe atravessa em termos de existência, não se faz possível ignorá-la, ainda mais sendo uma cientista social e desde sempre, escritora. Ser de uma periferia de João Pessoa, às margens da cidade, nos limita espacialmente a participar da mesma em plenitude. A infância, a juventude e a vida adulta não podem ser iguais a vida em outros territórios da cidade. Nascida e criada nesse bairro, pelas ruas e calçadas, com as pessoas, por esses lugares me construí como ser humano, como mulher periférica.

No bairro do Jardim Veneza, meus pais construíram a vida que tem até os dias atuais, seu negócio, onde todos me conhecem pela “filha do moço do depósito de construção” ou a “filha da mulher que tem uma vila para alugar”. Eu, Dayanne, sou quase do interior, mesmo estando na capital do estado. Ousei pensar além, com as oportunidades que me foram construídas de sair da escola do bairro aos 12 anos e ir para o centro da cidade estudar numa escola particular, onde eu conseguia estar por receber uma espécie de desconto por ter outros familiares matriculados. Ousei querer o ensino superior. Uma universidade federal. Hoje me encontro na segunda graduação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Sou a única da família com ensino superior. Morar onde ainda moro, me fez viver e sentir as diferenças, bem como as desigualdades sociais presentes naquele espaço escolar. Sabia exatamente quanto custava cada coisa que tinha: meus livros, a mensalidade, o fardamento, as passagens de ônibus, o tempo que levava para chegar à escola e depois retornar para casa. Uma hora para ir, sem trânsito, uma hora hora para voltar, se tudo corresse bem no caminho — os ônibus do bairro tem um histórico de serem tão precários, que sempre quebravam em alguma parte do trajeto e pela falta de opção de outras linhas era uma eternidade esperar o próximo chegar.

Utilizei o circular do bairro (linha 1001) por treze anos — ônibus esse que já vinha lotado do Bairro das Indústrias, que por essas circunstâncias já me fez passar mal pelo calor, ser espremida, também ser assediada. De segunda à sexta, saia às 5h45, pegava o ônibus, era o meu ritual diário. Precisava calcular para chegar antes das 7h15, que era o limite para entrar na primeira aula. Eu usava a estratégia de dormir de farda, às vezes, só para não ter o risco de perder o ônibus. Sempre acordando cedo, correndo e nunca chegando atrasada ou faltando, sob sol ou chuva, internalizei o valor que era aquela oportunidade, de onde vinha o sacrifício dos meus pais.

Via meus colegas chegando de van, de carro com os pais. Já eu precisava, assim como um amigo que fiz de imediato, pegar o ônibus lotado todos os dias vindo do outro lado da

cidade. Esse meu amigo era morador do Conjunto Valentina de Figueiredo, outro bairro periférico de João Pessoa. Um rapaz negro, que entendia o que era não pertencer aquela realidade e viver longe. Sabíamos de onde viemos, nunca esquecendo nossas raízes, nossas diferenças da maioria dos alunos ali, classe média ou média-alta, que nos intervalos falavam sobre as viagens nacionais e internacionais que faziam, as festas que iam. Eu me dividia em estudar, ajudar minha mãe em casa, cuidar do meu irmão, estudar mais e tentar ser uma jovem, fato esse que nunca soube ser. Meu foco não era outro, senão estudar. Não tinha muitos amigos no bairro, nem fora dele. Meus amigos se tornaram as múltiplas formas de arte, a principal delas a escrita, outras são as paixões por literatura e filmes.

Aos trancos e barrancos eu convivo com a realidade da ansiedade e da depressão, que só consegui tratar pelas oportunidades de bolsa e estágio que vieram com o curso e da universidade. Na minha família a saúde mental é tão invisibilizada e não percebida que não existe o tratamento como solução. Existe apenas ser determinado suficiente, ser forte, dar conta do recado. A cobrança internalizada de compensar os esforços dos meus pais, o quanto eles gastaram, o quanto sacrificaram, me moldaram numa disciplina em termos de estudo, de compromisso que também me adoecem. Hoje, depois de entender as ferramentas, esse processo consegue ser menos doloroso, mas não menos pesado.

A condição periférica me atravessa a existência. Escolher as ciências sociais, um curso historicamente elitista é um ato de subversão. Continuar todos os dias indo para universidade de ônibus, como faço desde os 12 anos de idade, não me deixa esquecer de onde eu pertenço. Onde respiro aliviada para deitar e dormir, onde meu lar se encontra. A ambição de pensar meu bairro do ponto de vista sociológico vem da necessidade de mostrar sua complexidade e expor sua resistência frente o esquecimento do poder público.

Pensar a violência não seria algo distante, visto que essa é uma das realidades do Jardim Veneza. O bairro não se define por isso, nem jamais deverá. São os moradores — novos e antigos —, suas histórias, seus comércios, as ruas, as calçadas que moldam a vida cotidiana neste bairro. O Jardim Veneza faz parte de mim, tanto quanto faço parte dele. Posso questionar muitos dos moradores, principalmente, os mais antigos e eles jamais lhe dirão que esse lugar é tão ruim de viver. Até porque aqui, eles tiveram oportunidade de ter uma casa própria, criar sua família, ter seu sustento até os dias de hoje.

Este trabalho de conclusão de curso busca desvelar as contradições dos discursos de um bairro periférico com a realidade vivida por seus sujeitos, bem como a cidade segue excluindo corpos vulneráveis e cresce aprofundando as desigualdades existentes.

INTRODUÇÃO

O que poderíamos dizer sobre o bairro do Jardim Veneza, que era um local entre a bacia de Marés e o Distrito Industrial da cidade de João Pessoa? O que vai além das impressões e observações realizadas por esses moradores sobre a violência que sofrem, assim como as condições de vida neste bairro? Quais são as condições das mulheres neste território? Essas são algumas das questões que nos nortearam.

A região era conhecida como um local de grandes fazendas e granjas, majoritariamente cercado pela natureza, animais e poucos moradores. Poucas delas ainda existem. A dinâmica de cercas extensas para proteção das propriedades, as relações rurais, onde a população comprava leite fresco das granjas uns dos outros, andavam a cavalo ou com carroças, cultivavam aquilo que comiam e vendiam em bairros próximos, em feiras locais.

Esse passado não tão distante ainda tem seus resquícios na identidade moldada neste território, que hoje faz parte da cidade, mas segue com relações muito familistas, de uma proximidade entre os antigos moradores que viram esse território se tornar o que ele é hoje, com mais de 60 anos de história. Encontra-se às margens da BR-101 e BR-230, escondido pelo Distrito Industrial e pelo Corpo de Bombeiros. Esses moradores dizem que muito vem mudando com a expansão urbana de João Pessoa. Novas estratégias de segurança são criadas, como alteração do tamanho dos muros, a seletividade na utilização de vendas por fiado (relações de confiança), agora são cercadas por câmeras e vigilância privada sob os comércios e casas.

As dinâmicas sociais neste espaço não conseguem, por completo, destruir o que fazia parte desse território, isso porque, por exemplo, ainda pode-se observar moradores sentados nas calçadas conversando no fim do dia. Encontros que ocorrem pelos comércios e pelas ruas do centro comercial do bairro, as crianças que brincam na rua soltando suas pipas, moradoras que circulam à noite — mesmo com cautela com seus pertences e integridade física — não vivem com um medo constante. Poucas casas seguem nos moldes antigos, nos quais os vizinhos se conhecem, trocam relações de amizade por relações familiares, contam um com o outro.

A depender de quão antiga for a rua, todos ali sabem os nomes uns dos outros. Não são todos que conversam com os vizinhos, mas nenhum deles passa despercebido se questionarmos sobre alguém “É filho/filha/parente de quem? Tem algum comércio por aqui?” É assim que muitos dos moradores ainda se reconhecem entre si. E os novos moradores vão se adaptando a um ambiente que é acolhedor e um pouco guiado pelo fuxico e a fofoca. Sua

vida acaba sendo assunto em rodas de conversa, hábitos de comunidades relativamente pequenas, onde “todo mundo se ajuda” e “todo mundo sabe um pouco da vida do outro”.

Fotografias: O bairro em sua face antiga

Figura 1: Antigo açougue da região, hoje encontra-se uma farmácia neste local



Fonte: Cedida por moradores, ano desconhecido.

Figura 2: Farmácia atual no local (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles (2025).

Figura 3: Antiga panificadora, no momento de surgimento.



Fonte: Cedida por morador, ano desconhecido.

Figura 4: Atual padaria no local (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles (2025).

As imagens anteriores reforçam as mudanças que vêm acontecendo no bairro no processo histórico da cidade de João Pessoa. Partindo destes princípios locais, pensemos sobre o termo *periferia* derivado de debates econômicos entre as décadas de 1950 e 1960, segundo D'Andrea (2020), na qual a autora afirma que discussão versava sobre as dinâmicas do capitalismo da época, como uma busca por compreender as relações entre países de economia periférica e as economias centrais.

Sendo assim, entendemos que dentro do processo histórico do conceito e no entendimento do marxismo, advindo do debate econômico a relação de periferia e centro entre países também se reflete nas relações sociais, no tecido urbano, entre bairros, tais como o Jardim Veneza na capital pessoense. Dito isto,

Na década de 1970, no campo do marxismo, interpretações discutiam se a produção da cidade era um reflexo da produção econômica (Camargo et al., 1982; Kowarick, 1993) ou se esta possuía uma lógica própria (Maricato, 1982). Nos anos 1980, pesquisas antropológicas lançaram um novo olhar sobre a periferia, ressaltando modos de vida e o imaginário das populações. (Zaluar, 1985; Durham, 1986). (D'Andrea, 2020, p. 20-21).

Mesmo que o termo periferia carregue uma série de estereótipos, bem como um ponto de vista negativo ao longo da história, com o tempo, os sujeitos periféricos foram reivindicando o termo para um significado que refletisse sua forma de ver o mundo e de pertencimento ao território. Mesmo que durante certo período do debate sociológico e antropológico, entre pesquisadores esse termo foi deixado de lado. No entanto, aos sujeitos periféricos, ele foi reivindicado como algo político que traduziria a sua realidade por meio do rap, da literatura marginal, do funk, das mais distintas formas de expressão cultural. Sendo assim,

O processo histórico engendrado pela população periférica e por seus intelectuais orgânicos visava naquele momento modificar, ampliar ou mesmo construir significados para [a] periferia. O resultado incidia na própria definição de quem era ou o que era a população moradora desses territórios. Todo o processo refletiu na criação de uma consciência periférica, expressa pelo entendimento da ocupação de certa posição urbana, pela compreensão do pertencimento local, entre outras formas de manifestação. (D'Andrea, 2020, p. 23).

Neste trabalho, buscamos refletir sobre o fenômeno da violência sistêmica em um território periférico, bem como as multiplicidades as quais ela atua. Utilizando como local de pesquisa o Jardim Veneza, podemos observar como essa violência ocorre, bem como problematizamos o cotidiano da mulher periférica nessa realidade urbana, impactada pelas

desigualdades presentes em João Pessoa e no Brasil. A realidade da mulher periférica é atravessada em sua existência por violências, sendo uma delas a própria estrutura capitalista que invisibiliza seu trabalho e faz com que a sociedade não reconheça a sua exaustão.

Dadas as circunstâncias de tempo para a realização da pesquisa e sua viabilidade¹, não foi possível seguir com o projeto de execução de entrevistas com as moradoras do bairro. Sendo assim, optamos por utilizar um estudo exploratório do bairro, por meio de caminhadas, fotografias, observação-participante e dados etnográficos. Os esforços de pensarmos de maneira relacional por meio do Plano Diretor de João Pessoa (2021)² como a realidade do Jardim Veneza tem similitudes e distanciamentos com outros territórios de João Pessoa.

Ao pensar nossa pesquisa por meio de uma lógica do movimento, isso nos coloca estando/sendo imersos ao ambiente, percebendo-o (Ingold, 2011). Como abordado por Cooper (2006), seria como andar por um jardim, onde todos os sentidos estão aguçados — visão, audição, tato, olfato e paladar. “Nós não apenas olhamos para um jardim de uma janela ou um terraço, mas olhamos para ele ao nos movermos ao longo dele ou através dele” (Iared; Oliveira *apud*. COOPER, 2006, p. 30).

Mesmo que o campo venha sendo vivenciado pela autora deste trabalho, desde seu nascimento, fizemos todos os esforços em ter um distanciamento, assim como a ação de estranhamento do familiar (Velho, 1978; Da Matta, 1978) para compreensão do nosso campo de forma relacional e ampliada, para além de vivências pessoais. Este trabalho não se trata de uma auto-etnografia, pois não segue a metodologia de um relato pessoal sobre vivências singulares. Visto que não necessariamente o que sempre vemos e encontramos pode ser tomado como conhecido por ter certo grau de familiaridade. A relação de imersão do campo não limitou nosso trabalho, mas contribui em conhecer realidades tendo um ponto em comum com interlocutores e o território: o Jardim Veneza.

A importância e relevância deste trabalho vem de motivações pessoais e afetivas como relatado no prólogo, mas também pela pertinência de estudos sobre o bairro em questão, a partir de uma perspectiva sociológica e antropológica para oferecer amplitude de compreensão de sua complexidade como um objeto de análise pertinente ao campo de pesquisa acadêmica. Dadas as condições de pesquisa e o estreito tempo de resolução,

¹ O trabalho aqui realizado foi realizado num período de dois meses intensos de pesquisa, tanto da autora como correções com a orientação e colegas do campo acadêmico. O contato com a orientação só ocorre neste período de tempo.

² Especificamente o Relatório Técnico II, de outubro de 2022, visto que condensava o maior número de informações relevantes à nossa pesquisa e ao bairro pesquisado.

naturalmente, a pesquisa tem suas limitações. Sendo assim, caminhamos pelos limites do possível, dentro de dois meses, cujos resultados são encontrados neste trabalho.

Nosso primeiro objetivo foi descrever, de forma densa, por meio da observação-participante e caminhadas para construção de dados etnográficos, utilizando também o recurso fotográfico como mecanismo de tradução da realidade ali compreendida. Além disso, tivemos um esforço de revistar os estudos do campo da violência e da cidade, para refletirmos como o Plano Diretor da cidade de João Pessoa diagnosticou muitas das violências que são vivenciadas a população do bairro Jardim Veneza, em particular refletimos sobre como isto impacta as mulheres periféricas.

No primeiro capítulo, exploramos como os meios materiais estão dispostos no território do bairro aos seus moradores de forma panorâmica, em categorias como: vida cotidiana, negócios, trabalhos sobre as comunidades locais como a Beira Molhada, que já foram pesquisadas com foco para as juventudes e condições ambientais. Foram expostos quais os equipamentos de saúde, educação, segurança e lazer. Ao descrever lugares, não-lugares, sentimentos, vivências e hábitos dessa comunidade, queremos ir além de uma visão estigmatizada de um bairro considerado distante de tudo e de todos. Pelo contrário, queríamos demonstrar de qual maneira, mesmo dentro da sua complexidade, que a realidade do bairro joga luz para as dinâmicas em que a cidade de João Pessoa está inserida.

No segundo capítulo, ao retomar os debates das Ciências Sociais, do campo de pesquisa sobre Sociologia Urbana, bem como Sociologia da Violência, tentamos estabelecer nosso entendimento sobre a violência sistêmica. Neste processo, refletimos sobre o direito à cidade, que guarda semelhanças com a perspectiva do direito à vida, de viver, de cultivar um ritmo de vida próprio, dos usos do tempo para além das imposições do sistema capitalista. Ademais, procuramos observar o debate de reprodução totalizante para fundamentar nosso aporte teórico da Teoria da Reprodução Social.

No último capítulo, pensamos sobre os dados quantitativos e ao realizar uma análise qualitativa das informações para contextualização de relações de trabalho, em categorias explicativas como gênero, raça, renda, assim como os aspectos materiais que descrevemos no primeiro capítulo, através das informações dispostas sobre o bairro no Plano Diretor de João Pessoa, utilizamos de dados e tabelas disponíveis neste documento. E ao final deste capítulo pensamos a condição da mulher periférica, nosso horizonte de pesquisa. Por fim, cabe dizer que, naturalmente, este trabalho tem suas limitações em que lacunas de análise ou na pesquisa de campo ainda podem vir a ser realizadas em pesquisas posteriores. Nosso esforço de pesquisa sobre esse bairro iniciou-se aqui, mas de forma alguma chegou ao fim.

CAPÍTULO 1: ENTRE MARÉS E BEIRA MOLHADA: O JARDIM VENEZA

As dificuldades em compreender um bairro periférico são das mais diversas possíveis. O Jardim Veneza, nosso local de pesquisa, pode ser encontrado em diversas notícias sobre acontecimentos violentos³, em que a mídia local expõe o lado mais estereotipado desta região. Como argumenta Bourdieu (2008), a mídia dá atenção a ambientes periféricos quando merecem ser retratados como violentos ou com o artifício da própria espetacularização das desigualdades visando audiência. Visto que existe um grande número de telejornais sensacionalistas na cidade de João Pessoa, com figuras carimbadas como grandes *showmans*⁴ da violência cotidiana.

Os mal-estares sociais não têm uma existência visível senão quando se fala deles na mídia, isto é, quando são reconhecidos como tais pelos jornalistas. Ora, eles não se reduzem apenas aos mal-estares sociais mediaticamente constituídos, nem, sobretudo, à imagem que os meios de comunicação dão deles quando os percebem (Bourdieu, 2008, p. 63).

O mal-estar social, ditos invisíveis, invisibilizados, pulsa no cotidiano das classes populares. Entendemos essas classes como, aqueles e aquelas carentes de capitais cultural, social e econômico e que são atravessados pela desigualdade de oportunidades dado os limites sociais e espaciais nos quais vivem. A periferia dá senso de pertencimento e prospecção de futuro aos marginalizados. Quando limitados em termos materiais e imateriais, fica evidente que as mulheres trabalhadoras são as mais prejudicadas em relação aos mecanismos de reprodução social.

Quais são os componentes fundamentais do aprisionamento social para a maioria das populações? A alimentação e o alojamento são as duas necessidades elementares da reprodução [social] -e, para continuar na mesma linha, todos os serviços socializados necessários à manutenção da vida humana e dignidade tais como saúde, a educação, as creches, as pensões, e os transportes públicos (Bhattacharya, 2019, p. 21).

³ Ver “O que se sabe sobre o assassinato dos jovens decapitados em Bayeux” (2024), disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/o-que-se-sabe-sobre-assassinatos-de-jovens-que-foram-decapitados-em-bayeux>, fato que movimentou a região e mais uma vez colocou a comunidade das Três Lagoas, como o próprio bairro em revolta. Foi realizado pela população uma manifestação na BR-101, pedindo justiça pelos jovens e houve implicações no trânsito da localidade durante o período. A população exigia da polícia encontrar os corpos dos jovens da comunidade, que posteriormente a investigações e muita cobrança, foram encontrados com graves sinais de tortura. Segundo a jovem que executou os jovens, eles eram suspeitos de serem de uma facção rival a do território de Bayeux.

⁴ Na construção de uma realidade que reafirme ideias previamente concebidas sobre bairros periféricos, caso do Jardim Veneza, que tem vivências que vão além daquilo mostrado pela mídia local. O *showman* tem como objetivo construir um espetáculo, de forma teatral e dramática. Um verdadeiro empresário, no nosso caso, de notícias sensacionalistas, que apelam ao exagero, a emoção de forma parcial.

Alguns dos trabalhos encontrados são de Pizzol (2005); Peregrino (2016); Peregrino *et al.* (2017) versam sobre a localização geográfica do Jardim Veneza e os noticiários, como dito anteriormente, seus fatos violentos. O bairro localizado na Zona Oeste da capital, possui uma população, segundo dados do IBGE 2022, de 13.114 habitantes⁵. Essa população é observada como maioria de preto/pardos e feminina.⁶ Neste trabalho, buscaremos explorar tais condições e desafios no bairro, em especial as condições de produção e reprodução social que desencadeiam na violência sistêmica da classe trabalhadora dentro da lógica neoliberal, explorada em mais detalhes no aporte teórico desenvolvido no capítulo dois.

1.1 Onde estamos: “Este bairro existe em João Pessoa?”

O Jardim Veneza, nome flório, europeu, não remonta em nada a Veneza italiana, mas localiza-se às margens da Bacia de Marés e das Três Lagoas, na fronteira do território de João Pessoa. Esquecido, com difícil localização mental aos próprios moradores da cidade, que ao falar que moram nele, veem uma tela em branco. Questionam sem imaginar, “*Onde fica?*” “É *outro município?*” “*Esse bairro existe em João Pessoa?*” Sempre inicia-se a explicação de que fica depois do Distrito Industrial da cidade, entre as saídas do Conde ou Bayeux. “*E tem casa por ali? Mora gente naquele lugar?*” Mesmo em meio ao espanto, permanece a falta de entendimento do lugar. Em resumo, um bairro que só existe aos que vivem, respiram, sentem todas suas dificuldades de deslocamento, de ser aceito como existente na realidade pessoense.

O interesse neste trabalho de conclusão de curso advém da escassez de trabalhos sobre o bairro em questão, assim como a necessidade de serem exploradas as suas características dentro da urbanidade pessoense, com enfoque na análise de como a violência sistêmica recai em corpos vulneráveis, como de mulheres trabalhadoras e periféricas. Ao explorar a construção material das contradições do sistema capitalista, nas categorias de reprodução social como: saúde, educação, lazer, habitação e circulação, nossa análise busca ir além do agir econômico, mas lembra de como isso influencia as relações sociais como em Martins, Araújo e Mamede (2021).

⁵ Dados disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/26565-malhas-de-setores-censitarios-divisoes-intramunicipais.html> acesso: 15 set. 2025.

⁶ O que nos faz refletir sobre a necessidade de maior transparência com relação aos dados sobre composição social dos bairros de João Pessoa, assim como um melhor monitoramento visando implementação de políticas públicas necessárias à população. Infelizmente não temos números detalhados disponíveis pela escassez de dados sobre bairros de João Pessoa acessíveis à consulta pública.

Um bairro lembrado em momentos de campanha eleitoral, nos noticiários que reafirmam àqueles poucos que sabem da sua existência: que seria um ambiente violento, marcado pelo tráfico de drogas e uma área de risco. Onde ser morador de uma cidade com um dos turismos⁷ mais atrativos do momento, não lhe deixa imune à ineficiência do Estado em manter a existência de quem vive neste território periférico. Sobre o processo histórico deste bairro, segundo Leal (2014),

Conforme afirma Cavalcanti (1999), a expansão urbana iniciada, ganhou força na década de 1970, marcada pelo aumento da mancha urbana, com uma taxa de crescimento de 100% de uma década para outra, além de um processo de periferização. Iniciou-se também a conurbação com as cidades vizinhas do Bayeux e Santa Rita (ao oeste), que se configuravam como “bairros pobres” da capital e recebiam a população que não tinham acesso à terra em João Pessoa. Nesse período foram reforçados a ocupação de áreas mais periféricas e o crescimento da cidade no sentido sudeste com os bairros Ernani Sátiro, José Américo, Ernesto Geisel, José Vieira Diniz. (2014, p. 957-958).

A área do Vieira Diniz faz parte do Jardim Veneza, no qual essa divisão é interna aos moradores, posteriormente passou a ser considerada pela prefeitura. Vale lembrar que muitas dessas moradoras são mulheres. Dado que há escassez de ônibus, lotados em horários de saída e chegada, elas acabam sendo alvos de assédios no percurso, fato esse que é relatado e vivido por muitas mulheres no bairro, não excluídas da realidade de violências a nível nacional⁸. Sobre o retrato jornalístico de ambientes tidos como violentos, no qual reforça a importância de estudos aprofundados sobre representações sociais, Bourdieu comenta:

A defasagem entre a representação da realidade e a realidade como pesquisas mais minuciosas podem fornecer é ainda mais importante no tratamento televisivo dos incidentes. A atenção dos jornalistas está mais voltada para os confrontos, que para a situação objetiva que os provoca. Eles se tornam sintomas de uma crise mais geral da sociedade que tende a ser tratada independentemente das situações concretas. (2008, p. 72-73).

A realidade social estáposta e os dados locais são essenciais para nós. A moradora que ao entrar num carro ou subir na moto, depois de um dia exausto, fugindo dos ônibus sucateados, barulhentos, sujos e lotados que trafegam a cidade em voltas e mais voltas, ouve e sente diariamente que se mora longe e num lugar ruim. Aguentar ter de ouvir que espera que nada o aconteça, por motoristas aplicativo. Ou ter a sorte de encontrar um motorista morador do bairro, por isso comprehende as dificuldades de outros aceitarem corridas para aquela área.

⁷ Como João Pessoa foi de capital 'esquecida' a nova 'queridinha' do verão do Nordeste. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c878w1140evo> acesso: 15 ago. 2025.

⁸ Uma pesquisa do DataFolha e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelou que mais de 30 milhões de mulheres foram vítimas de assédio sexual em 2022. E três em cada quatro mulheres, foram vítimas de assédio em algum momento da vida.

E muitos ainda relatam, “*ao entrar aqui no bairro, ficamos só fazendo viagens de pouco valor para dentro do bairro. Quase ninguém quer sair para outro lugar. Não vale a pena. Não se paga a corrida, se perde dinheiro*”.

Imersos nestas dificuldades, seja o trabalhador/trabalhadora, criança, idoso, mesmo os jovens — a parcela mais carente de espaço cultural e oportunidades no bairro —, que fogem das fronteiras do mesmo em busca de educação — seja acesso ao ensino médio ou a universidade — e trabalho. Nessa luta diária, tentam encontrar seu caminho de volta ao lar, a sensação de não existir, não fazer parte, lhe atravessam, lhe esmagam como ser.

Onde seus moradores, em vias de fugir de assaltos no transporte público ou do tempo de espera na parada de ônibus, optam pelo transporte alternativo — mais caro que a passagem de ônibus —, ou fazem uso do aplicativo Uber. Alguns dos trabalhadores, principalmente das empresas do Distrito Industrial, utilizam transporte da empresa que os vêm buscar e deixar, com objetivo de driblar as problemáticas com o deslocamento ao trabalho e muitos desses trabalhadores vão a pé ou de bicicleta trabalhar.

Ainda, ao pegar o ônibus lotado, no fim do dia, depois de trabalhar num shopping próximo à orla, trabalhar o dia todo e estudar à noite, acaba por dormir no transporte. Acordar assustado com balanço das curvas, para não perder a parada e enfim, conseguir chegar em casa em segurança. Menos um dia trabalhando em bairro nobre, dormindo em cama pobre. Dorme pouco, quase sem descanso, assombrado pelas humilhações do cotidiano. Exausto de aguentar calado, de ser tratado como mais um a ser substituído na qualidade de despossuído.

Relatos como esses aqui descritos, remontam às condições materiais da classe trabalhadora no Jardim Veneza. Não somente, pois jovens periféricos são atingidos diretamente com a escassez de projetos culturais no bairro. Sobre essa juventude, dadas as próprias dificuldades em conseguir comer diariamente, hoje melhoradas, dadas as políticas sociais do governo que agem como um mitigador das desigualdades sociais gritantes no bairro. A dificuldade em acessar o ensino médio pela juventude, pela escassez de escolas, deixa essas jovens periféricas propensas a estarem em trabalhos precarizados, como de doméstica e de serviços gerais.

A ênfase que damos nas dificuldades do transporte público no bairro estão centradas na escassez de opções de linhas, que levem diretamente à UFPB, por exemplo, ou outros centros de ensino superior na capital. O bairro possui duas linhas que o cruzam diretamente, linhas do 104 e 1001⁹. Aqueles que possuem transporte próprio, ainda assim, se deslocam

⁹ Informações sobre as linhas, são encontradas no site da SEMOB. Disponível em: <https://servicos.semobjp.pb.gov.br/linhas-de-onibus/> acesso 15 set. 2025.

entre 20 min a 30 min para chegarem ao centro da cidade, localizado no Parque Sólon de Lucena. Muitos moradores optam por procurar itens de consumo em bairros circunvizinhos, como em Oitizeiro — que abriga uma das mais conhecidas e antigas feiras de João Pessoa —, a Feira de Oitizeira em Cruz das Armas. Procurando ainda produtos em grandes supermercados localizados no bairro do Ernesto Geisel. A população encontra formas de vencer seus desafios com estratégias das mais diversas possíveis.

Alguns moradores escolhem pegar um ônibus circular — linha circular 5110 —, que passa próximo do Distrito Industrial, que possibilita pegar só um ônibus, economizando passagem, mesmo passando cerca de uma hora e meia indo e voltando no trajeto. Não obstante, há a preocupação constante em precisar lidar com a possibilidade de descontinuidade da linha. O transporte público da cidade é dominado por empresas privadas da capital e que está aos poucos reduzindo seus horários, frota e mudando percursos. Isso tudo ocorre sem consultar a população, ignorando as suas necessidades. Assim como quando o motorista, pelo aumento do trânsito ou necessidade de cumprir rigoroso horário, passa numa BR no sentido contrário ao da parada, ignorando o pedido de parada dos passageiros, sua existência. Muitas vezes, essas pessoas acabam optando por pagar um transporte de aplicativo ou tendo que esperar cerca de uma hora o próximo ônibus, correndo o risco de passar pelo mesmo transtorno novamente. De sentir frustrações semelhantes ao relatado.

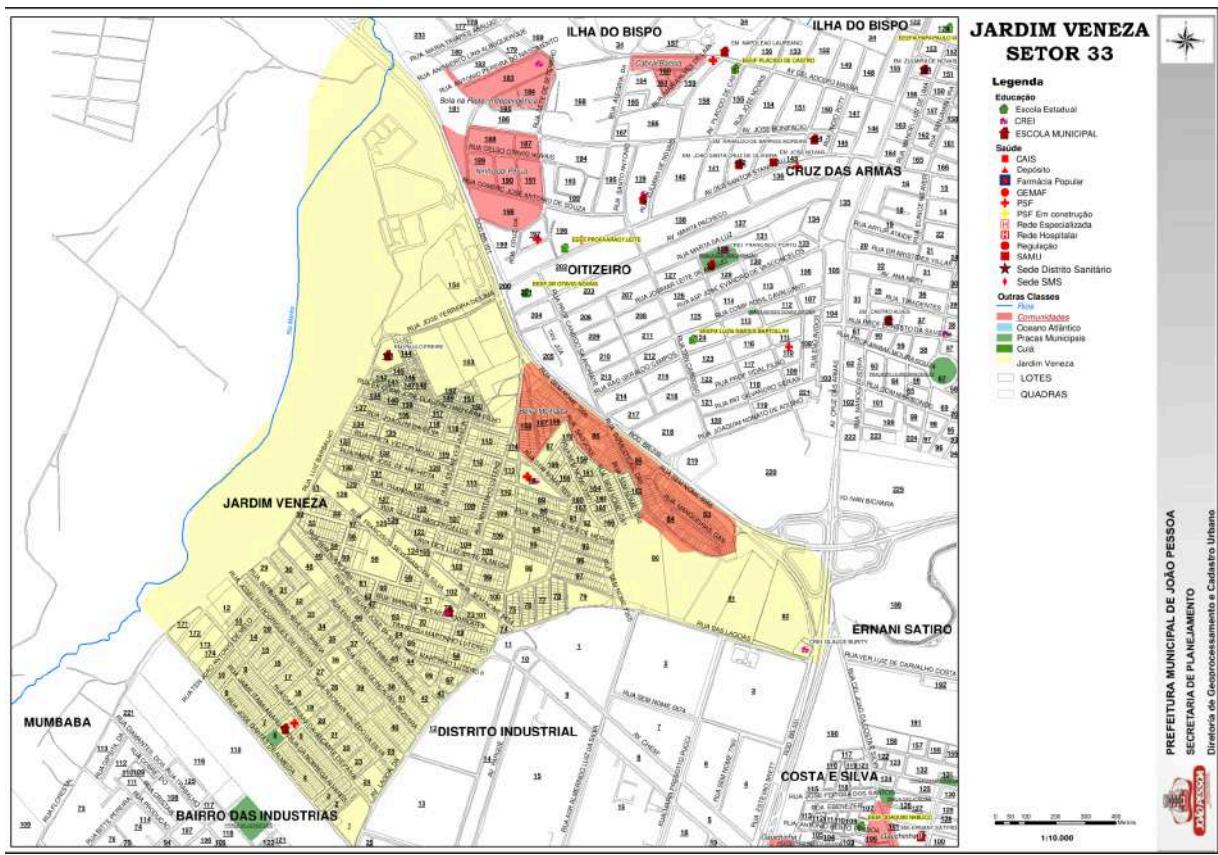
Os obstáculos em concluir todas as etapas da educação impõe barreiras ao mercado de trabalho dos jovens moradores e os deixam vulneráveis à violência urbana e ao tráfico de drogas. Outra barreira prática, para os que acessam o ensino superior é a necessidade de pagar duas passagens de ônibus para conseguir acessar o ensino médio e superior em bairros distantes da cidade, a exemplo, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) localizada em Castelo Branco. Ainda vale ser destacado que a própria lógica adotada pelo ensino estadual da Paraíba, despreza como vivem esses jovens, no qual a privação de acúmulo de capital cultural e social ao longo da vida geram consequências de acessar trabalhos com maior qualificação, que possam ir além do ensino técnico.

Onde, de fato, encontramos o Jardim Veneza? Partimos da estrutura de zoneamento no mapa de João Pessoa, podemos ter uma visão espacial de onde encontramos o Jardim Veneza, seus limites e relações de proximidade com outros bairros na região. O bairro está atravessado por duas rodovias da cidade, a BR-230 e BR-101, que faz fronteira com Distrito Industrial, Bairro das Indústrias, Vieira Diniz, Bairro dos Novais, Costa e Silva, Ernani Sátiro, além de abrigar o Corpo de Bombeiros e o rio de Marés, no qual está localizada a Estação de Tratamento de Águas da Cagepa. Além disso, fica próximo aos municípios de Bayeux e de

Santa Rita, ambas regiões com altos índices de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI)¹⁰.

CVLI são crimes de homicídios dolosos, feminicídios, lesões corporais seguidas de morte e latrocínios. Observando exclusivamente os dados disponíveis sobre feminicídios no território paraibano, o seu destaque é alarmante. Nos primeiros cinco meses de 2025, segundo a Secretaria de Estado de Segurança e Defesa Social (SESDS), por exemplo, a Paraíba registrou dezessete feminicídios, em diferentes cidades — Cajazeiras, Coremas, Araçagi, Cacimba de Dentro, Campina Grande, Conde, Cuité, João Pessoa, Mulungu, Patos e Pilões, Pombal, Santa Rita e Marizópolis. Como observado, estão inclusas as cidades de João Pessoa e de Santa Rita nestes dados, onde se localiza o bairro aqui explorado e também a fronteira existente entre eles.

Figura 5: Mapa do Bairro do Jardim Veneza - João Pessoa/PB



Fonte: Prefeitura de João Pessoa, 2025.

Voltemos à realidade de moradoras no Jardim Veneza, neste mapa não está destacada a divisão entre Vieira Diniz e bairro aqui relatado. De qual modo, em seu cotidiano, podemos

¹⁰ Segundo o Anuário de Segurança de 2023, disponível em: https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-seguranca-e-defesa-social/arquivos/anuario_2023_digital_completo.pdf, acesso em 12 de agosto de 2025.

ver que as violências transpassam as barreiras dos noticiários sobre homicídios? Seriam guerras entre facções? Ao vivenciarmos o bairro por anos¹¹, ouvirmos e vermos diferentes dificuldades e qualidades da vida deste local, podemos destacar alguns enquadramentos analíticos específicos. Um deles se remonta a sua localização. O bairro possui um transporte público extremamente deficitário, já relatado anteriormente, no qual tem essa problemática de mobilidade existe desde o seu surgimento, com isso o cotidiano e o trabalho dos moradores nesta localidade foi constituído de forma exaustiva.

Diferentemente do passado, os moradores saem para trabalhar em outras localidades, não somente nas fábricas remanescentes, pois parte deles ainda seguem sendo absorvidos pelas indústrias que resistem na região. Àqueles que conseguem permanecer no bairro para trabalhar, optam por montar seus próprios negócios, trabalhar próximos de suas casas ou estabelecer algum tipo de comércio em parte das suas residências — podendo ser como um anexo, na parte da frente ou lateral da casa. Seja no Bairro das Indústrias, Mumbaba, no Cidade Verde¹² — área que expandiu e conecta-se diretamente ao município de Santa Rita¹³, ou Vieira Diniz¹⁴. Segue abaixo um extrato do diário de campo sobre a circulação no bairro:

As pessoas circulam muito a pé, mas existe um fluxo muito intenso de carros, motos e caminhões e bicicletas também. O fluxo de pessoas aumenta e se intensifica no período das 16h da tarde, e atinge seu ápice às 17h até às 18h, onde todo o comércio fecha e só se mantém os comerciantes que só comercializam a noite, em exceção de alguns deles que abrem em horários específicos para alimentação e a noite, abrem novamente para lanches, churrasco, bebida, virando espaços de socialização.

Existem algumas barracas móveis que funcionam em locais específicos, mas só são abertas certos dias e horários para venda de frutas ou de batata frita, comidas de lanche rápido. Nesse horário de ápice, também existe muito trânsito e dificuldade de tráfego, o barulho chega a ser como um grito contínuo, o respiro dos trabalhadores em unísmo.

Nesse horário vários moradores retornam às suas casas, compram o que precisam antes de ir para casa. Encontram conhecidos, vizinhos, buscam os filhos na escola. Descobrem o que há para o jantar. (Diário de Campo, Fideles, 2024).

O coração do bairro pulsa nas ruas onde concentram-se os comércios locais como descrito anteriormente: as Ruas José Miranda do Amaral e Martinho Lutero — essa que abre

¹¹ Para clareza de pesquisa, a autora reside no bairro, desde sua infância até os dias atuais. Suas vivências e seu cotidiano são também um fio de observação e descrição neste espaço social. O trabalho busca o exercício do estranhamento do familiar e da realidade do ponto de vista sociológico e político, mas não somente, também dos afetos e efeitos psicológicos de ser uma moradora de periferia na capital pessoense.

¹² Sobre as divisões entre Mumbaba e Cidade Verde, não podemos afirmar que exista um limite claro sobre as localidades, contudo as proximidades do Distrito Industrial é o que os moradores chamam por Mumbaba e após terminar o Bairro das Indústrias, o Cidade Verde se inicia por quatro etapas.

¹³ Mumbaba será incorporada à zona urbana de João Pessoa para expansão imobiliária, disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/politica/mumbaba-sera-incorporada-a-zona-urbana-de-joao-pessoa>, acesso: 12 ago. 2025.

¹⁴ O Vieira Diniz encontra-se em parte do território do Jardim Veneza, considerado parte dele oficialmente, mas pela população é visto como um bairro entre o Bairro das Indústrias e o Jardim Veneza.

o acesso ao bairro via BR-230. Popularmente conhecidas como “principais”, centralizam os mais diferentes tipos de comércios oferecendo diferentes tipos de serviços e produtos, viabilizando acesso a itens necessários do dia a dia, ocasiões especiais e outras necessidades que possam vir a ter. A força do número de comerciantes no bairro vem da própria necessidade da população de ter um “centro comercial” na região. Sobre a Rua Maria José Miranda do Amaral e em seguida uma imagem sobre esta,

A rua é composta por diferentes tipos de comércios e comerciantes, como também algumas poucas moradias que ainda sobrevivem a expansão dos comércios na rua. Algumas delas ainda são uma mistura de comércio próprio e de residência. Logo no início da rua, encontramos uma loja de roupas, uma local de venda de bolos, um dos mercados do bairro, uma padaria/mercado, um mercado de frutas, hortaliças e verduras, chamado de “Sacolão” pela população. Nesta mesma rua, encontram-se dois açouguês, uma barbearia, uma comerciante de temperos e um local de venda de sorvetes da rede glacial. Sobre essa sorveteria, na região sempre existiu apenas um local de venda de sorvetes, mas com a expansão da rede glacial, o comércio do antigo sorveteiro ficou muito prejudicado, pelos valores e o padrão dos produtos. Uma das suas estratégias foi reformar por completo seu comércio e deixá-lo mais atraente visualmente aos clientes. O antigo, único sorveteiro do bairro faz seus sorvetes e picolés na sua residência, lembro que já conheci uma vez os seus maquinários e como fazia os produtos que vende artesanalmente, até hoje. Contudo, com a concorrência externa as vendas têm sofrido uma baixa significativa. (Diário de Campo, Fideles, 2024).

Figura 6: Fim de tarde na R. Maria José Miranda do Amaral



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Podemos ver na imagem acima a construção de novas centralidades, dadas as distâncias. São construídas estratégias para sobreviver às dificuldades de subsistência e deslocamento no bairro, homens e mulheres, jovens e idosos, novos e antigos moradores se

encontram com a realidade social de precariedade, em que o espaço é socialmente desvalorizado e muitas vezes esquecido pelo poder público. Vale ser destacado que a relação entre moradores antigos e novos não é das melhores, lembrando que no momento em que houve a chegada desses novos moradores, existiu uma onda de sensação de insegurança pelos antigos moradores. Visto que as moradias foram oferecidas à população, causando instabilidade nas relações estabelecidas, com o tempo foram montadas novas maneiras de lidar com os novos moradores imersos em outras vivências. Sobre essa instabilidade, nos lembra Elias (2000),

Para eles, o povoado estava claramente dividido entre um grupo que se percebia, e que era reconhecido, como o establishment local e um outro conjunto de indivíduos e famílias outsiders. Os primeiros fundavam a sua distinção e o seu poder em um princípio de antiguidade: moravam em Winston Parva muito antes do que os outros, encarnando os valores da tradição e da boa sociedade. Os outros viviam estigmatizados por todos os atributos associados com a anomia, como a delinquência, a violência e a desintegração. (2000, p. 7).

O que é descrito por Elias (2000) também pode ser percebido no bairro, dado que os novos moradores, como apresentado anteriormente foram associados ao aumentos de assaltos à comércios locais, bem como o aumento de furtos pela população antiga do espaço. Como ainda são observados moradores que fundaram o bairro, os mesmos registram memórias de como o bairro foi constituído, cultivando entre eles um sentimento de tradição e de costumes passados. Esses moradores estabelecidos, como em Winston Parva de Elias associavam de início aos moradores outsiders como símbolos de desintegração social.

Contudo, o cenário de descuido sobre questões como aumento da criminalidade, vem sendo modificado. Dadas as extremas mudanças no cenário político, que atingiu não somente a capital paraibana como nacionalmente, o Jardim Veneza conseguiu eleger dois vereadores nas últimas eleições, em 2020 e 2024. Uma delas com um dos maiores números de votos na cidade, a vereadora Jailma Carvalho (PSB) aliada à máquina pública do atual governador do estado, com 10.127 votos nas eleições de 2024 segundo o Tribunal Eleitoral do Estado e o segundo vereador eleito da localidade, Marcos Bandeira (AVANTE) reeleito com 5.937 votos, foi primeiramente eleito em 2020 no seu primeiro mandato com 3.875 votos¹⁵.

Aos poucos, além da representação política que tem sido construída na localidade, como podemos ver, apenas nas últimas eleições relaciona-se também a expansão populacional do bairro, mas não exclusivamente dele, mas da região. Explorar o ambiente de expansão,

¹⁵ Neste bairro, segundo informações do TRE, algumas estatísticas relevantes são que 16 sessões eleitorais estão aptas, com 5.199 eleitores aptos a votar nesta localidade. Disponível em: <https://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-do-eleitorado-na-pariba>, acesso: 12 de ago. 2025.

assim como os comerciantes locais é uma inquietação de pesquisa que pretendemos compreender em trabalhos posteriores sobre o bairro, pensando nessas mulheres e suas trajetórias de forma aprofundada. Neste momento, iremos nos atentar às condições materiais do bairro, sua infraestrutura e os mecanismos de reprodução social precarizados que recaem numa reprodução de violência sistêmica no bairro.

Para entendermos melhor o Jardim Veneza e onde ele estabelece suas relações, faz-se necessário ver o que há no seu entorno. O Distrito Industrial já foi uma das suas maiores relações, abrigando possibilidades de trabalho à população, dado ao fato que as indústrias referenciais da capital e do Estado estão ali localizadas, tais como a AmBev, a Coteminas, a São Paulo Alpargatas¹⁶, Coca-cola, Elizabeth, Norfil, Intrafrut, IANE, entre outras distribuidoras e transportadoras da região.

Ainda sobre o Distrito Industrial, localizado na Zona Sul pela Prefeitura de João Pessoa, encontra-se um dos centros de referência na formação e inserção de trabalhadores nessas indústrias que é o Centro de Formação Profissional Odilon Ribeiro Coutinho - CFP ORC/Instituto SENAI de Tecnologia Têxtil e Confecções/Faculdade SENAI da Paraíba (SENAI Distrito JP), localizado na Rua das Indústrias. Conhecido pela população pelos diversos cursos que são oferecidos, que em sua maioria são pagos e ofertados de maneira sazonal, sendo alguns deles: refrigeração automotiva, informática básica, técnico em logística, técnico em eletromecânica, técnico em eletrotécnica são os que se destacam¹⁷.

Além disso, um breve adendo, o Bairro das Indústrias recentemente comemorou 57 anos realizando uma comemoração, com dois palcos, que trouxe cantores gospel e populares à população, financiado pela prefeitura e os vereadores locais. Um evento raro e um pouco isolado, em que a população jovem se fez muito presente. Dito isto, iremos dar destaque à juventude local, a comunidade da Beira Molhada e o lazer no Jardim Veneza, para observarmos trabalhos já realizados, ainda o que compreendermos e observamos da realidade do bairro além dos aspectos comerciais e de transporte público que foram destacados aqui.

1.2. Juventudes, a Beira Molhada e o lazer:

A comunidade de Beira Molhada, localizada no Jardim Veneza, às margens da BR-230 ao lado da bacia das Três Lagoas, abriga diversas dificuldades estruturais. Essas são:

¹⁶ Industrias da Paraíba são destaque no setor têxtil <https://fiepb.com.br/noticia/industrias-da-paraiaba-crescem-e-sao-destaque-nacional>, acesso: 12 de ago. de 2025.

¹⁷ Informações detalhadas são ofertadas pelos canais disponíveis do centro de ensino, o folder com a relação dos cursos foi informado por telefone.

saneamento básico, violência, vulnerabilidade social monitorada pelo poder público na classificação dos setores de atenção da cidade — ao menos nos mapas disponíveis — afirmam que enfrentam alagamentos, enchentes da lagoa que adentram as moradias e deixam as pessoas da região ilhados. Ao procurar por trabalhos deste bairro, encontramos o de Peregrino *et al.* (2017), que versa sobre o espaço livre público como possibilidade de integração socioespacial da cidade: o caso da favela de Beira Molhada.

Neste trabalho, os autores destacam a importância de ser pensado o direito à cidade, conceito utilizado na perspectiva do pesquisador Henri Lefebvre (1991a), no qual o direito à cidade se confunde com direito à vida e se opõe a própria segregação construídas nos espaços sociais, afirmando que “o urbano não é indiferente às diferenças, pois ele precisamente às reúne” (Peregrino *et al. apud.* Lefebvre, 2004, p. 111). Este debate será explorado mais detalhadamente no capítulo dois deste trabalho, na tentativa de estabelecer um debate entre a bibliografia sobre violência, urbanidade e gênero nas ciências sociais.

Ainda, o autor Fabiano P. Silva (2011), em seu trabalho sobre rádios comunitárias, aborda como a construção do prédio da USF do Jardim Veneza, localizada justamente entre a comunidade Beira Molhada e o bairro Jardim Veneza, que na época não conseguiu cumprir objetivos mínimos de acesso à saúde e aborda como a rádio foi contra a implantação do posto de saúde no local, pois neste espaço havia um campo de futebol muito utilizado pela população jovem. Segundo entrevista realizada pelo autor com o morador, essa mudança acabou ocasionando o aumento da criminalidade nesta área, dado que não houve realocação do espaço de lazer aos jovens da região para outra localidade. Assim, os jovens foram convidados a ocupar seu tempo de outras maneiras (Silva, 2011, p. 117). Com isso, iremos mostrar a seguir alguns desses espaços de lazer no bairro. Primeiramente, abaixo, temos a única praça da comunidade de Beira Molhada:

Figura 7: Praça das Três Lagoas



Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 8: Inundações recorrentes na comunidade Beira Molhada (2019)



Fonte: Tibério Limeira.

Figura 9: Comunidade da Beira Molhada no dia 15 de agosto de 2025



Fonte: Imagens de stories do Instagram da vereadora Jailma, 2025¹⁸.

Durante as chuvas que ocorreram neste mês de agosto, mais precisamente em 25 de agosto de 2025, João Pessoa se viu ilhada. Bairros alagados e a realidade da Beira Molhada — com ênfase a Rua Silva Pedrosa de Figueiredo, residências às margens de uma das lagoas — não foi diferente, tendo em vista que pode ser considerada uma comunidade ribeirinha da região. Nesta rua, em visitas posteriores às fortes chuvas, o mau cheiro era evidenciado. A lagoa exalava um odor de esgoto, misturado com peixe morto, que dentro da realidade já precarizada dos moradores, os expõe às mudanças climáticas de forma desigual.

Figura 10: Beira Molhada após as chuvas do dia 15 de agosto de 2025



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

¹⁸ O storie é uma forma de serem publicadas imagens por 24h na rede social Instagram, logo não temos um link direto como fonte das imagens aqui expostas.

Ao retratar o bairro do Jardim Veneza, Silva (2011) já aborda a relação da população com a precariedade de espaços de lazer, na qual ele informa da “falta de intervenção do poder público no sentido de criar, nos moldes dos outros bairros da capital, praças que sirvam à população daquela localidade” (Silva, *ibid.* p. 117). No bairro só temos reconhecida uma praça, que fica entre a Escola Municipal João Monteiro da Franca e a antiga Associação de Moradores do Vieira Diniz. Além disso, temos um parque construído na região das Três Lagoas, mostrado anteriormente que fica ao lado de uma das lagoas, próximo ao viaduto que cruza as mesmas e também temos, no Bairro das Indústrias, a Praça da Juventude utilizada pela população do bairro.

Nesta praça, uma de muitas construídas pelos bairros de João Pessoa no Bairro das Indústrias, existe um projeto social chamado “Futebol de Rua”, que também abriga danças pela manhã oferecidas às mulheres com educadores físicos disponíveis. Às noites ocorrem festividades na praça da própria comunidade e dos bairros, uma vez que há uma extensão do espaço disponível para tais eventos. Pela manhã, às mulheres realizam suas danças, onde também são oferecidas no espaço na igreja católica do bairro. Na igreja são ofertadas uma dança pela tarde, que faz com que as mulheres do bairro se conheçam e conversem, novas e antigas moradoras, conseguem ter momentos de diversão para além dos trabalhos domésticos e dos encontros nos comércios locais, pois elas estão à frente da maioria dos comércios do bairro.

Sobre a praça do Vieira Diniz, essa foi desapropriada para a construção da quadra da escola municipal João Monteiro da Franca, uma vez que havia a necessidade dos alunos terem um espaço para educação física. A praça foi sendo reduzida do seu espaço original, e hoje funciona em apenas um terço do que um dia já foi. A praça costumava ser abandonada à noite, mas nos últimos tempos, devido a construção de um mercado próximo e alguns novos comércios nesse local, além da abertura de um acesso direto ao bairro das indústrias, alguns idosos jogam e se reúnem em mesas, no fim da tarde. À noite, mais precisamente, reúne alguns moradores em um bar que é montado com música ao vivo e atrai pessoas da região.

Com relação à população jovem utilizar o espaço da praça, essa não é muito vista nesse espaço e os itens de academia pública foram depredados. Alguns moradores utilizam a praça para parques itinerantes e passeios com animais domésticos, além de tendas montadas que criam bares com música ao vivo ou caixas de som ligados, como já mencionado anteriormente. Sobre esse assunto, conforme Serpa:

Falar de espaços de lazer na produção das metrópoles implica discutir as relações socioespaciais abarcadas pelo fenômeno, vinculando-o a outro que constitui seu par dialético e inseparável: os espaços de trabalho em contexto metropolitano na contemporaneidade. Ou seja: problematizar o lazer implica em pensar também o trabalho, em especial os múltiplos espaços-tempo envolvidos em ambas as atividades. (2015, p. 2).

Como dito pelo autor, ao descrevermos a situação atual dos ambientes de lazer do bairro, buscamos entender como é compreendido o trabalho naquele local. Visto que temos refletido como o tempo dessas trabalhadoras é vivido para além do trabalho. Neste momento, a estrutura da praça encontra-se quase por completo inexistente.

Não existe nada dos equipamentos que um dia foram colocados para servir como academia livre, como um dos projetos da prefeitura. Encontra-se apenas a placa com alguns exemplos de exercícios a serem seguidos. A praça sofre com o retrato do descaso e as constantes reformas ao longo do tempo¹⁹ ineficazes devido a falta de manutenção por parte da prefeitura e de atenção da própria população local. Mesmo que sua existência seja algo ainda a ser valorizado em benefício da população, seguem algumas imagens da praça anteriormente descrita.

Figura 11: Praça do Vieira Diniz - Maria Bronzeado (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

¹⁹ PMJP entrega reurbanização de praça do Conjunto Vieira Diniz (2010). Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/vidaurbana/pmj-p-entrega-reurbanizacao-de-praca-do-conjunto-vieira-diniz/>, acesso: 15 ago. 2025.

Sedurb garante zeladoria de 24 praças distribuídas em 15 bairros de João Pessoa (2020). Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/sedurb-garante-zeladoria-de-24-pracas-distribuidas-em-15-bairros-de-joao-pessoa/>, acesso: 15 de ago. 2025.

Figura 12: Condições estruturais da Praça Maria Bronzeado (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Figura 13: Associação de moradores do Vieira Diniz em abandono (2025)



Fonte: Arquivo Pessoal, Fideles, 2025.

O prédio da associação dos moradores, visualizado nas duas últimas fotografias, mostra que em algum momento da história do bairro existiu uma organização da comunidade para eventos, possivelmente para reivindicar seus direitos ao poder público. Segundo alguns moradores, era um ambiente que ofereciam-se cursos de — corte e costura, cabeleireiro, informática, culinária e artesanato —, bem como reuniam moradores, assim como havia doação de alimentos à população. Neste espaço reunia também fotos e documentos históricos do bairro, segundo informações de moradores. Tentamos ter acesso à eles, mas não foi possível.

Figura 14: Locais do antigo posto policial do bairro (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Como mostrado anteriormente, as fotografias demonstram que o espaço foi apropriado para fins privados. No bairro, não foi identificado nenhum posto policial e além disso, destacamos a inexistência de delegacia da mulher, fato importante para refletir que os avanços nas políticas de prevenção à violência não atingem diretamente bairros periféricos. No local, em reflexo a maioria dos bairros de João Pessoa, não existem delegacias da mulher nas proximidades.

Em vias de divulgar também os ambientes que estão disponíveis, uma delas se localiza no bairro João Paulo II e a outra, no Centro da cidade, próximo a Avenida Beira Rio. Além disso existe a política pública da Patrulha Maria da Penha, não foram encontradas políticas públicas voltadas à segurança da mulher pessoense além dessa. Porém destacamos a existência de campanhas de conscientização sobre a problemática da violência contra a mulher e publicidade para os canais de denúncia, mas não atinge todas às vítimas²⁰.

Abaixo podemos ver algumas fotografias sobre outros ambientes de lazer do bairro, que já foram descritos. Como a praça da juventude no Bairro das Indústrias, no momento de inauguração e como ela se encontra hoje. Além disso, algumas fotografias do projeto Futebol de Rua também citado anteriormente.

Figura 15: Inauguração da Praça da Juventude do Bairro das Indústrias (2015)



Fonte: Google Imagens (Dell Lima).

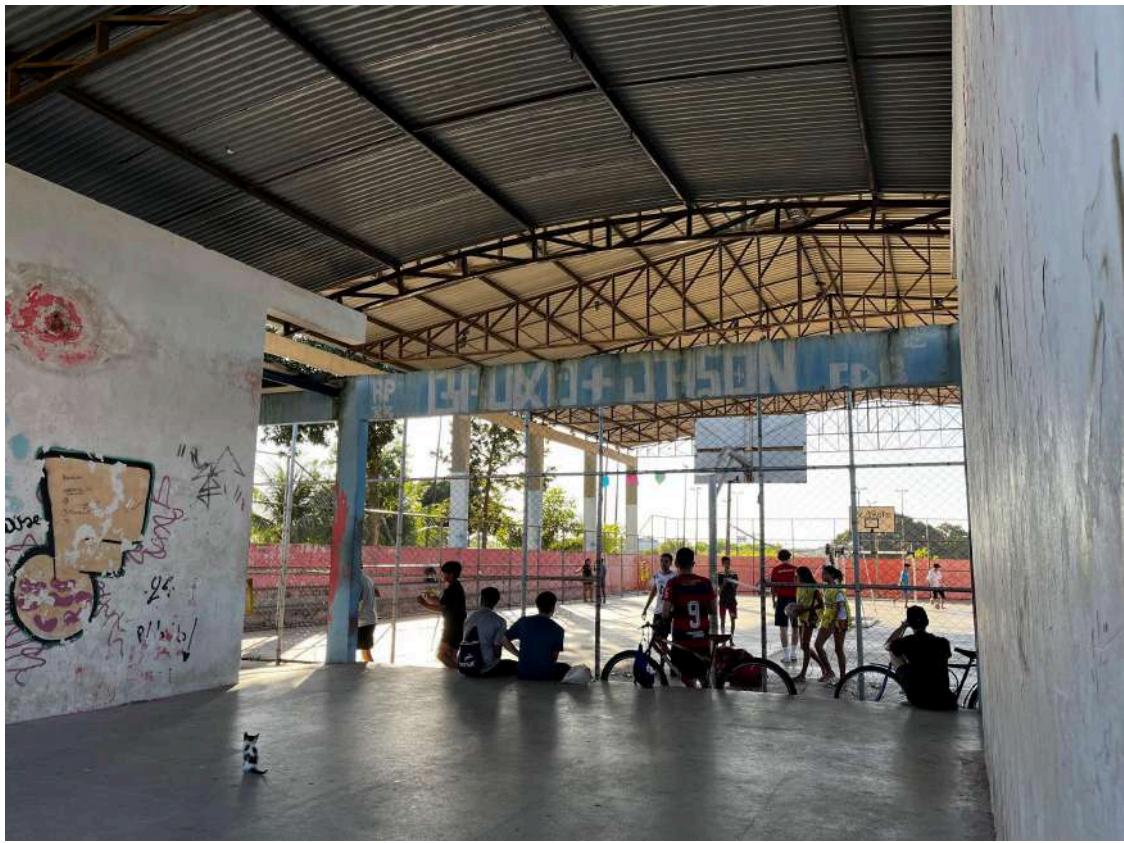
²⁰ Alguma das ações realizadas pelo Estado no combate à violência doméstica. Disponível em: <https://www.mppb.mp.br/images/2024/plano-seguranca-violencia-mulher.pdf> acesso: 15 set. 2025.

Figura 16: Praça da Juventude (Localizada no Bairro das Indústrias - 2025)



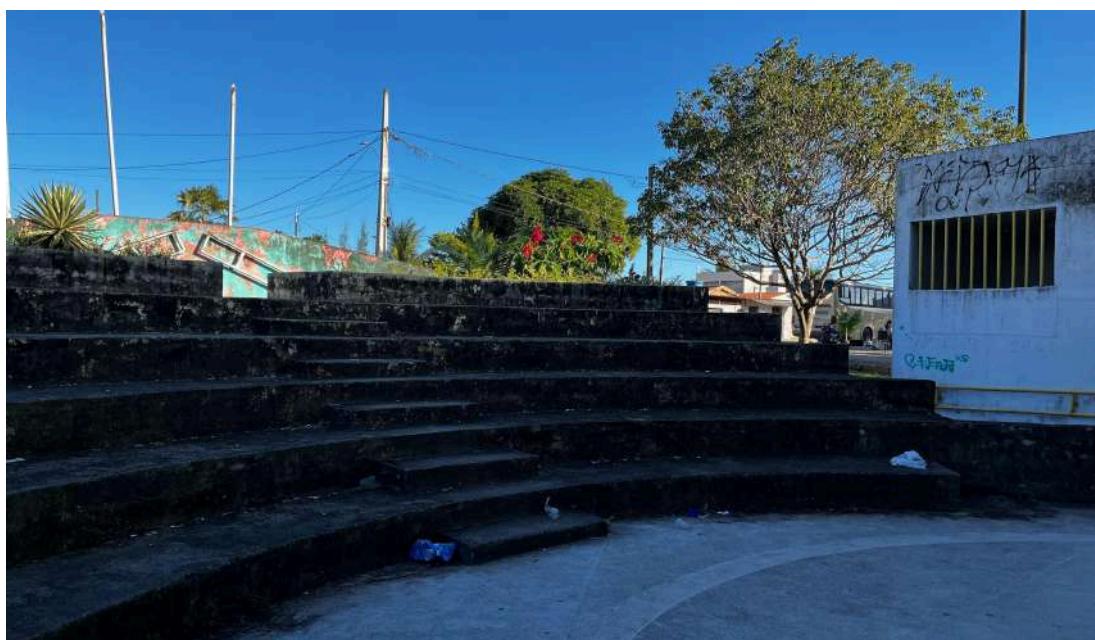
Fonte: Arquivo Pessoal, Fideles, 2025.

Figura 17: Projeto Futebol de Rua



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Figura 18: Ambiente de Anfiteatro degradado e abandonado (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Figura 19: Campo de futebol Marretinha (2024)



Fonte: Google imagens, 2024.

Sobre a imagem acima, o espaço do campo é muito utilizado e tem um serviço cotidiano de acolher eventos esportivos e atividades físicas, funcionando também como uma escolinha de futebol que acolhe muitas crianças do bairro, assim como outros moradores advindos de bairros de João Pessoa para campeonatos. Vale ressaltar que o local tem uma iluminação eficiente que possibilita eventos noturnos e possui um bom acesso pelo bairro vizinho, como da própria população do Jardim Veneza. O campo de futebol foi reformado e entregue aos cuidados de um morador que já tinha um projeto de escolinha de futebol para crianças e jovens do bairro, conhecido como Marretinha, que leva também o nome do campo²¹. Também existe um campo society privado chamado Arena H2A no bairro, e um espaço de campo utilizado por crianças localizado por trás do Mercado Público do bairro.

No Jardim Veneza, em termos de lazer, temos apenas uma praça oficialmente inaugurada e onde também se estabelecia a Associação de Moradores do Vieira Diniz, uma subdivisão da área feita pela própria população, que denomina também uma série de conjuntos habitacionais entregues pelo governo federal com a ex-presidente Dilma Rousseff, que veio presencialmente, causando um alvoroço na localidade na época²². Devido a esse evento emblemático no bairro que foi visto nacionalmente, o conjunto habitacional foi apelidado pela população de Dilmão. Na inauguração desse conjunto habitacional, mesmo que em seu discurso tenha se louvado as habitações, as mesmas enfrentam um total descaso em termos estruturais nos dias atuais.

²¹ Prefeito Cícero Lucena entrega Campo de Futebol Marretinha, no Vieira Diniz. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/secretarias-e-orgaos/prefeito-cicero-lucena-entrega-campo-de-futebol-marretinha-no-vieira-diniz/>, acesso: 22 ago. 2025.

²² Deste acontecimento, não foi encontrada a notícia original no site da prefeitura de João Pessoa, mas segue o discurso feito pela ex-presidente no momento da entrega em formato de vídeo. Disponível em: https://youtu.be/_sNq12q45Tw?si=edNIXcfoNiv_GWcK, acesso: 12 de ago. 2025.

Posteriormente a esse evento, também houve a entrega de um conjunto habitacional pelo governo, presencialmente, com o Ex-presidente Jair Bolsonaro, causando bastante comoção pela população do bairro circunvizinho de Mumbaba (conhecido pela população próximo ao Cidade Verde, no qual se divide em etapas I, II, III e IV). Nomeado como Residencial Canaã, se localiza uma USF e uma escola municipal ao lado das residências²³. Sobre tais habitações e um novo condomínio que vendo construído na região, exploraremos a seguir ao refletir as questões de habitação no bairro.

1.3 A realidade da Favelização Vertical: O Condomínio da Paz, Dilmão e Conjunto Vieira Diniz I, II, III e IV

Primeiramente, o “Dilmão”, conhecido pela população como um conjunto habitacional com condições precárias e espaços pequenos, é um ambiente com várias deficiências de acesso à água, energia e infraestrutura de moradia. Nos arredores desse conjunto, encontram-se outros quatro conjuntos habitacionais e na rua de baixo, próximo a área de preservação, há uma série de moradores que residem em condições extremamente precarizadas como em barracos, chamados pela população local de “invasões”.²⁴

As chamadas “invasões” ou ocupações — pelos moradores destas habitações — são caracterizadas por espaços desocupados ou irregulares em que moradores constroem casas pela falta de moradia digna. São feitas casas de produtos encontrados pelo bairro, em que muitos deles sobrevivem catando lixo e fazendo reciclagem. Como esses moradores, em situação precária, também tem a necessidade de pedir mantimentos de porta em porta pelo bairro. Moradias como essas são encontradas por diversos espaços do bairro, nas margens do próprio bairro.

Infelizmente, no bairro, não existem projetos para acolher essas pessoas em situação de vulnerabilidade. Também foi possível observar dependentes químicos que circulam pelo bairro, nada muito distante da realidade de grandes metrópoles, a exemplo de São Paulo. Entre a realidade e o ponto mais oriental das américas, João Pessoa está imersa num berço de

²³ Bolsonaro visita a Paraíba para a entrega de dois residenciais do Programa Casa Verde e Amarela. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/06/24/bolsonaro-joao-pessoa-campina-grande-sao-joao.ghtml>, acesso: 22 ago. 2025.

²⁴ Terminologia utilizada pela população nativa. Além desse local de “invasão”, existem outras pela região, próximas à barragem de marés e na R. Médico Roberto Vieira Batista, que não são mais tão precárias. A população que reside nessas moradias já conseguiram transformar as residências em alvenaria, de forma desordenada por ser em espaços estreitos (45 m^2) e que ainda não possuem saneamento básico. Nas moradias próximas à o “Dilmão”, os moradores têm calçamento, mas utilizam instalações elétricas precárias e o acesso à água é deficitário.

contradições, entre a especulação imobiliária feroz e o cotidiano da trabalhadora, havendo um abismo entre esses dois mundos.

Figura 20: Condomínio “Dilmão” antes da entrega em 2017



Fonte: Divulgação/Secom-JP, 2017.

Figura 21: Condomínio Dilmão atualmente (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Em relação às mulheres ali residentes, podemos dizer que elas sentem e resistem ao estigma presente nas moradias, em suma maioria quem ali reside advém de outros bairros, mais precisamente, outras regiões periféricas de João Pessoa. Segundo informações²⁵, os moradores foram retirados de áreas de vulnerabilidade social, porém especula-se que houve

²⁵ Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/vidaurbana/condominios-populares-de-jp-viram-territorio-de-violencia>, acesso: 14 set. 2025.

um deslocamento de pessoas “ligadas ao crime”. Nenhum fato dessa natureza pode ser comprovado.

Infelizmente, dada a situação do tráfico de drogas, no bairro é possível ver alguns grupos de pessoas usuárias de drogas que circulam a esmo pelos comércios e residências. Muitos desses dependentes químicos são vítimas do vício em álcool e do crack. São relatados pelos comerciantes roubos de mercadorias por esses dependentes, o que gerou uma mudança com relação aos mecanismos de segurança. Hoje, muitos deles usam sistema de câmeras de segurança e grades para assegurar seus estabelecimentos, além de pagarem por segurança privada. Abaixo encontramos algumas imagens sobre as áreas denominadas como “invasões”, localizados nos arredores do Conjunto Jardim Veneza I, II e III, conhecido por “Dilmão”.

Figura 22: Ao redor do Conj. Dilmão - R. Alberto Cassiano Coutinho (2024)



Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 23: “Invasões” em alvenaria próximo ao Distrito Industrial (2025)



Fonte: Arquivo Pessoal, Fideles, 2025.

Aqui vemos algumas imagens sobre moradias que evoluíram de “invasões” ou ocupações para residências irregulares em alvenaria, como na fotografia 23. Já com relação às fotografias acima, vemos a realidade do local, no qual existem códigos de conduta para adentrar o espaço das residências pela facção local. Comum também em outros bairros periféricos, faz-se necessário seguir certas regras para não ser tomado como inimigo. Infelizmente, muitos moradores são realocados de regiões violentas, para a mesma realidade em outros espaços.

Figura 24: Conjunto habitacional Vieira Diniz I, II, III e IV (2025)



Fonte: Arquivo Pessoal, Fideles, 2025.

Nas fotografias 24 e 25 elencadas anteriormente, vemos um “código de conduta” que regula essas moradias, dominadas pela lógica faccional. Não são todos que podem entrar e para ser permitido o acesso a esses espaços, precisam seguir um ritual de dizer a que veio naquele local que não é público ou simplesmente, habitacional. Ao contrário, este é dominado pelas regras internas da facção local. Em outros momentos de circulação no bairro, vê-se pichações com a sigla da facção local em muros, estabelecimentos, em vias demarcar território.

Figura 25: Conj. Vieira Diniz I (2025)



Fonte: arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Figura 26: Crianças moradoras brincam em terreno baldio à tarde



Fonte: Arquivo Pessoal, Fideles, 2025.

Além destes conjuntos habitacionais, temos o “Condomínio da Paz”, localizado na comunidade da Beira Molhada, local de pesquisa de alguns estudos sobre a geografia do bairro e também Zona de Interesse Social (ZEIS) da prefeitura para reconstrução das moradias ali encontradas. Ao percorrer e observar as moradias, ao longo do tempo, elas têm entrado ainda mais em um estado de calamidade aos moradores que ali residem, o que nos deixa revoltados com a atual situação em que moradores são submetidos a viver na região. Podemos ver imagens do ano de 2022 e fotografias retiradas neste ano à nível de comparação.

Figura 27: Condomínio da Paz - Beira Molhada (2022)



Fonte: Google Maps, 2022.

Figura 28: Condomínio da Paz nos dias atuais (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Ao descrever, no esforço de compreender quais são as dinâmicas sociais que podem ser representadas no Jardim Veneza, nos deparamos com um bairro periférico da região de João Pessoa, que ao longo do tempo foi mudando, tendo mais destaque, inclusive em termos de especulação imobiliária, como abordado anteriormente. Também foi dada maior atenção ao calçamento das ruas²⁶, uma das problemáticas comuns ao bairro, na falta de calçamento contribuia com esgotos à céu aberto, bem como alagamentos nas ruas. No entanto, segue uma questão à população local, segundo os próprios moradores, a exemplo, da Beira Molhada.

O processo de verticalização que as periferias vêm sofrendo, com o crescimento do espaço urbano de forma desenfreada e mal planejada, recai em construções de conjuntos habitacionais como solução economicamente e socialmente viáveis. Formadas por múltiplos pavimentos, com um espaço restrito a um apartamento pequeno para comportar famílias que são numerosas e que ficam muitas vezes sufocadas dentro de um espaço reduzido de moradia. Além disso, o movimento de verticalização é uma decisão política, onde “atualiza” a estética da periferia para uma estética organizada e higiênica.

Segundo os relatórios diagnósticos, especificamente o da FASE II do Plano Diretor de 2021²⁷ de João Pessoa, dentro de suas classificações de análise o bairro aparece citado “49” vezes no relatório, dada a necessidade de atenção dos mais diferentes setores, como: (ZEIS), devido o Condomínio da Paz localizado na comunidade de Beira Molhada, aparece como apto a ser demolido e reconstruído dado a precariedade do residencial, retratado em imagens anteriores. Esse conjunto habitacional, até o momento, não sofreu nenhum avanço significativo para melhoria da qualidade de vida da população.

Evidencia-se neste documento a necessidade de escolas para atender a população que requer acesso aos anos finais, dado o fato que no bairro não existe nenhuma escola estadual disponível, entre outras questões, como melhorias no calçamento, saneamento, mobilidade urbana, infraestrutura, saúde e educação. Estas questões serão melhor exploradas no capítulo três, em análise do bairro em termos relacionais e explicativos, aos dados quantitativos nos eixos: saúde, lazer, transporte público, educação e moradia.

²⁶ Cícero Lucena autoriza pavimentação em 22 ruas de três bairros e projeta transformação na região do Jardim Veneza com um novo Cemapi. Disponível em: <https://mail.tribunamunicipalista.com.br/2025/01/22/cicero-lucena-autoriza-pavimentacao-em-22-ruas-de-tres-bairros-e-projeta-transformacao-na-regiao-do-jardim-veneza-com-um-novo-cemapi/> acesso: 16 ago. 2025.

²⁷ Pode ser acessado completo, disponível em: https://planodiretor.joaopessoa.pb.gov.br/wp-content/uploads/2021/10/115_2021.10.08_P2b_DIAGNOSTICO-TECNICO.pdf, acesso: 14 ago. 2025.

1.4 Mecanismos de manutenção do presente e futuro, mas qual futuro?

Neste último momento do capítulo um, o nosso interesse é demonstrar um novo olhar sobre o bairro. Dadas as mudanças nos últimos anos, que acompanham o crescimento e evidenciam o que tem se tornado João Pessoa. O que vemos até o momento, demonstra como o Jardim Veneza segue sofrendo com problemáticas que atravessam a população na vida cotidiana que contradizem a imagem criada para a capital a nível nacional: ótima segurança, pouco trânsito, boa qualidade de vida, saúde e educação, por exemplo.

Contudo, na segurança diária das moradoras periféricas, essas seguem sendo atravessadas pela incapacidade de fazerem parte da cidade e também de acessar o capital cultural, além da precarização do trabalho. Como atesta Lefebvre sobre a orientação dos investimentos realizados na cidade:

A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na **direção do dinheiro**, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro). (1991a, p.12).

Em territórios periféricos, uma das características eleitoreiras é a organização de eventos, shows e oportunidades pontuais de diversão, todavia o dinheiro para investimentos significativos à melhoria da vida ficam em segundo plano. Tendo em vista tais dificuldades, percebemos que os trabalhos anteriormente citados, no tópico 1.3 versam quase exclusivamente sobre a comunidade Beira Molhada. Aqui, em nosso trabalho e com o objetivo de aplicar o olhar ampliado sobre a realidade do bairro e da violência sistêmica que o assola, buscamos descrever os meios de acesso à saúde, educação, lazer e habitação do mesmo.

Destacamos, brevemente, como qualidade presente ao bairro e sua população a solidariedade e o senso de comunidade, como também em acolher aqueles que buscam representar suas dores. Em diversos momentos desta pesquisa, fomos tratados com ar de curiosidade e respeito. Como uma pesquisadora que vivênciaria tem família na região, essa posição estabelecida no campo pesquisado, deu-me liberdade de trafegar o bairro, acessar espaços e colher as fotografias que aqui servem como complemento às nossas descrições, neste momento utilizo a primeira pessoa para oferecer clareza sobre as condições de pesquisa.

Retornando, com relação à saúde, no bairro podemos observar duas Unidades de Saúde da Família (USF), a primeira localizada na Rua Maria José Mirando do Amaral, ao lado da escola municipal João Monteiro da Franca. Nela os moradores encontram encaminhamentos de médicos, acesso à dentistas, vacinação e acompanhamento neonatal e pré-natal, assim como a população local de diabéticos e hipertensos. Nos mapas também é descrito que existiria uma terceira USF no bairro, mas ao verificarmos o local, o espaço está à venda. Algo comum identificado em nossas observações foi os usos dados aos espaços públicos que são usados para fins privados.

À frente do posto de saúde em questão, (foto abaixo), no período noturno, há o aparecimento de ocupação às tendas que são vistas à frente da USF, nesta funcionam como comércios itinerantes de churrasco, frango assado e também de venda de bebidas. Na esquina dessa USF encontra-se um depósito de bebidas conhecido pela população, onde em sua maioria homens se reúnem para beber à noite. Enquanto isso, muitas mulheres estão em espaços religiosos, na calçada de suas casas conversando sobre o dia ou apenas realizando as atividades domésticas. Não foi possível identificar um espaço noturno, no qual as mulheres do bairro possam se reunir, e nem se já existiu um na região. Neste sentido, demonstra-se a necessidade de espaços noturnos para essas mulheres interagirem e vivenciarem o bairro.

Com relação ao acesso à alimentação, um pequeno parênteses. No bairro, existe uma cozinha comunitária financiada pela prefeitura de João Pessoa, próximo ao campo de futebol Marretinha. Inicialmente atendia os moradores e trabalhadores com refeições, principalmente no horário de almoço, mas que agora só entrega marmitas aos moradores cadastrados na lista de acesso à cozinha. Foi anunciado em 2024²⁸ que a cozinha seria expandida pela prefeitura, até o momento nenhuma reforma foi de fato executada.

Figura 29: Unidade de Saúde da Família do Vieira Diniz (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

²⁸ Prefeito autoriza reforma e ampliação de cozinha comunitária no Jardim Veneza. Disponível em: <https://www.portaldacapital.com/2024/07/01/prefeito-autoriza-reforma-e-ampliacao-da-cozinha-comunitaria-do-jardim-veneza/>, acesso: 23 de ago. 2025.

Figura 30: Unidade de Saúde da Família do Jardim Veneza (2024)



Fonte: Google Maps, 2024.

Para atender a população atual do bairro, seria necessária uma estrutura maior para atendimentos e socorros imediatos. Muitos moradores comentam enfrentar dificuldades para acessar e conseguir encaminhamentos nos postos de saúde, mesmo que para ter o direito eles precisem estar em filas desde às 6h da manhã, com fichas limitadas para o tempo de atendimento do médico disponível. Além dessas USFs, foi prometido aos moradores, que será construída uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) para a região segundo a Prefeitura de João Pessoa²⁹, atendendo a demanda do Jardim Veneza e dos bairros desta área.

Sobre a segurança no local, atualmente não existe nenhum posto policial ou delegacia, contudo, já existiu um posto de polícia civil-militar ao lado da praça do bairro no passado. Segundo moradores, o posto policial foi desapropriado para uso particular de um dos moradores da região, fato mostrado anteriormente. Hoje, neste local, esse mesmo morador reside e também aluga um local de esquina no terreno, que abriga um mercado. Ainda esse mesmo morador tem acesso à antiga associação de moradores onde existem registros da história do bairro, com imagens e documentos que foram deixados no local quando ela começou a ser desapropriada de uso público ao uso particular, segundo os próprios moradores comum de acontecer em áreas públicas no bairro que não possuem sem fiscalização.

Com relação à educação no bairro, como já abordado anteriormente, não existem escolas estaduais para atender aos anos finais. Estão disponíveis três creches no bairro, sendo elas: Centro de Referência Escolar Infantil (CREI) Glauce Burity, CREI Margarida Maria Alves e CREI Gertrudes Maria e três escolas municipais, dispostas nas imagens abaixo. Uma delas é no modelo ensino integral e as outras duas no modelo regular, oferecendo também a Alfabetização de Jovens e Adultos na região. Na Rua José Mirando do Amaral abriga o caso

²⁹ João Pessoa ganhará novas UPAs nos bairros da Indústrias e Geisel. Disponível em: <https://www.maispb.com.br/674621/joao-pessoa-ganhara-novas-upas-no-bairros-da-industrias-e-no-geisel-anuncia-cicero.html> Acesso: 13 ago. 2025.

mais emblemático da região de total descaso com a educação da população local que é a escola João Monteiro da Franca, onde a mesma segue numa reforma infindável que permeia oito anos da escola, segundo alguns moradores.

Figura 31: Escola Municipal João Monteiro da Franca (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Figura 32: Escola Cidadã Integral Prof. Paulo Freire (2019)



Fonte: Google Maps, 2019.

Figura 33: Escola Municipal Presidente João Pessoa (2024)



Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 34: Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI)
Profª Gilberta Fátima B. de Oliveira (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Ao entrarmos em contato com a mais nova creche encontrada no Bairro, para além das descritas, daremos ênfase à acima assinalada devido a sua localização estar nas proximidades da comunidade de Beira Molhada. Descendo essa mesma rua na qual ela se localiza, foi possível ver um calçamento precarizado e afetado pelo aumento da lagoa em tempos de fortes chuvas. Ao lado um terreno, encontra-se um projeto de mudas pela população, chamado de Associação de promoção sócio-cultural — Projeto Paraíba Verde.

No prédio ao lado existe um projeto vinculado a um vereador chamado de José Paulo Neto, que inicialmente recebia o nome de Centro de Referência da Cidadania do Jardim Veneza. No momento de nossas observações estavam cortando cabelo alguns homens na calçada, alguns senhores estavam também conversando no local. Neste local também são fornecidos cadastramentos para acesso aos postos de saúde no bairro, além de fornecerem cursos a população da localidade, papel esse que era exclusivo às Associações de Moradores. Podemos pontuar também, que existe uma Associação dos Moradores do Jardim Veneza, que contribui à população, mas hoje é utilizado como mecanismo eleitoreiro ao responsável.

Ao descer nesta rua Rua Antônio Alves de Moraes, foi possível constatar que está sendo construído um novo conjunto habitacional, às margens da lagoa. Área essa considerada como de não adensamento populacional, logo que não deveria ser incentivado mais moradias na comunidade já precarizadas. Como foi permitido, então, tal construção? Que vai em desacordo com o planejamento urbano informado pelo poder público. Sobre a organização da cidade:

No entanto, o núcleo organizacional da cidade continua muito forte. Seus arredores de bairros recentes e de semifavelas, povoadas com pessoas sem raízes e desorganizadas, lhe conferem um poder exorbitante. A gigantesca aglomeração quase informe permite aos detentores dos centros de decisão os piores empreendimentos políticos. (Lefebvre, 1991a, p. 17).

Como afirma Lefebvre (1991a), onde são tomadas as decisões da cidade e do crescimento da mesma, não se conectam à realidade, bem como às necessidades dos bairros nos quais realizam seus empreendimentos. A construção de moradias, como mostradas na fotografia abaixo, evidenciam como a preocupação da Prefeitura segue seus parâmetros de interesse e não de viabilidade ambiental, como impacto social com o aumento da população às margens de um local com constantes inundações, que ainda seguem sem calçamento.

Figura 35: Novas habitações sendo construídas na região de Beira Molhada (2025)



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Figura 36: Rua à Frente da atual construção



Fonte: Arquivo pessoal, Fideles, 2025.

Por fim, para retomar nosso fio condutor analítico, o debate sobre a violência sistêmica, entendemos essa, a qual manifesta-se na desigualdade estrutural — relação bairros centrais e periferias —, e a exploração que ocorre nas relações sociais, políticas e econômicas, criando um ambiente propício a outras formas de violência. Diretamente ligada ao neoliberalismo, visto que enfraquece os serviços sociais, tornando direitos básicos de manutenção à vida, questões individuais e transferidas à família.

Essa violência se manifesta na opressão das mulheres e outras populações marginalizadas, especialmente ao serem submetidas à sobrecarga de trabalho para a reprodução social e à manutenção do capital. Na reprodução social, as mulheres periféricas na estrutura de produção e reprodução da vida são as mais afetadas pela precarização do acesso aos direitos básicos da constituição cidadã de 1988. Trata-se de um retrato parcial da realidade de um bairro periférico que é o Jardim Veneza, fazendo-se perceptível a sua posição relacional à cidade. Além do próprio direito à cidade, que virá a ser abordado no capítulo seguinte.

A escassez na qualidade de vida em termos materiais reflete a necessidade de políticas públicas que supram as necessidades básicas dos moradores e moradoras. Devemos buscar explorar tal realidade social do mundo social desse território periférico, onde a complexidade e os mecanismos de violência em João Pessoa contradizem discursos e notícias glamurosas sobre a cidade. A capital da Paraíba não está excluída das contradições do sistema capitalista, e seguimos provocados a pensar, qual futuro é reservado aos moradores do Jardim Veneza? Buscaremos compreender suas possíveis interpretações pelos campos da sociologia e antropologia, para ambas, sobre a violência e a condição urbana.

CAPÍTULO 2: A VIOLÊNCIA SISTÊMICA NO JARDIM VENEZA

No capítulo anterior, tivemos como objetivo mostrar como os aspectos materiais e a escassez de mecanismos de manutenção da vida afetam os moradores e moradoras do Jardim Veneza, realizados pelo acesso de interlocutores antigos, como familiares desta autora que estão inseridos na história do bairro e na realização de caminhadas pela localidade. As contradições apresentadas pelo sistema capitalista e a lógica neoliberal fortemente defendida por setores empresariais na capital pessoense exibem um aprofundamento das desigualdades sociais no tecido urbano. O Jardim Veneza serve como proposta de análise que vai além das suas características socioespaciais e estruturais: o bairro pode e deve ser encarado de forma relacional, estrutural e global.

Ao analisarmos este tecido social e ciclo de vida do Jardim Veneza, procuramos a posição de cientistas sociais que almejam compreender a realidade, não somente em si mesma, visto que a atual forma de produção do capital se mostra insustentável em diferentes esferas. Essa inviabilidade coloca a população já marginalizada em uma posição ainda mais precarizada. Seja no tecido social urbano, seja no próprio desprovimento de oportunidades para adquirir capital cultural e econômico, ter acesso a direitos básicos como saúde, educação, lazer e poder circular e viver no bairro com tranquilidade, assim escancarando as deficiências, por exemplo, no deslocamento pela cidade com rapidez e dignidade.

Temos aqui uma fotografia da realidade do Jardim Veneza. Através dela, nos deparamos com o debate sobre violência urbana e em como isso está inserido no debate sobre violência sistêmica e na própria estrutura do capitalismo, assim como na precarização do trabalho e da vida de mulheres periféricas dentro da divisão sexual do trabalho. Compreendamos a divisão sexual do trabalho como Hirata e Kergoat (2007) afirma em sendo a “a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho; nos ofícios e nas profissões, e as variações de tempo e do espaço nessa distribuição, e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos” (p. 596), além desse aspecto de diferenciação, existem nessas contribuições o aspecto hierárquico, como atesta a mesma autora (Hirata e Kergoat, 2007).

Ademais, ao abordarmos a divisão sexual do trabalho, temos como iniciativa demonstrar como essas desigualdades e violências são sistemáticas e estruturais. Devemos portanto nos questionar como o trabalho produz mercadorias e existe também o trabalho que sustenta a vida, sendo ele referente à reprodução social. Como consequência, há a reprodução

de uma violência sistêmica, assim, ao expormos suas consequências, se almeja um futuro distinto para populações, tais como a do Jardim Veneza.

O aporte teórico será o da Teoria da Reprodução Social, para analisarmos via uma teoria marxista feminista, em como a produção e reprodução social ocorrem. Entendamos reprodução social como “conjunto de atividades — sendo elas físicas, mentais, emocionais —, comportamentos, emoções e responsabilidades que são necessárias para a manutenção da vida”, segundo as autoras Laslett e Brenner (1989). Outro importante aspecto é entender essas atividades como necessidades básicas para que a população viva e possa se manter.

Dentro dessa ótica analítica, observamos as condições nas quais as trabalhadoras e trabalhadores possuem para trabalhar. Como conseguem reproduzir suas condições de vida (produção da vida) por meio da alimentação, saúde, educação, mobilidade urbana, transporte público, higiene e em quais condições sociais, tais como o capital cultural e social para a manutenção do seu trabalho ou estudo, por exemplo. Assim, dentro dessa estrutura de manutenção da vida, o trabalho da reprodução social é realizado majoritariamente por mulheres.

Segundo Federici (2019) as mulheres são as que, em sua maioria cuidam, limpam, criam crianças e adolescentes, fazem o preparo da alimentação. No caso do Brasil, esse trabalho doméstico e de cuidado, em sua maioria, é realizado por mulheres negras. Segundo dados do Instituto Pesquisa de Econômica (IPEA)³⁰ e Ministério da Igualdade Racial (MIR) esse trabalho é feito por 69,9% das mulheres negras, além disso com relação à escolaridade 52,4% dessas mulheres negras não concluíram o ensino médio.

Sendo assim, o tecido urbano abriga de forma explícita as diferenciações e hierarquias sociais e amplia as divisões existentes do trabalho, de gênero, de raça e dentro das aglomerações das cidades, como aborda Lefebvre (1991a). O autor argumenta que a condição de territórios periféricos pode ser interpretada como o de um *ecossistema* com modo de viver e um sistema de valores (p. 19). Assim, neste sistema estariam as preocupações com a segurança, as exigências de previsão com relação ao futuro, em suma, as próprias disposições do indivíduos no ambiente urbano. Em tais condições, as tensões se exacerbam e os conflitos ficam evidentes àqueles que assim desejarem ver.

Nas ciências sociais, temos várias pesquisas e estudos sobre a sociologia e a antropologia urbana que podem ser citadas como referências ao campo de pesquisa. Nomes

³⁰ Informações completas do artigo, encontram-se em: <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/aff23384-109d-49f5-8320-3ce28f907ba2/content>. Acesso: 08 ago. 2025.

como o da Alba Zaluar (1985), Gilberto Velho (1978; 2000), Mariza Peirano (2014), Émile Durkheim (1893; 1895; 1897), Georg Simmel (1903), Ernest Burgess e Robert Park (1925), Louis Wirth (1928; 1964), Henri Lefebvre (1991a; 1991b) — são referências ao campo sobre a relação entre direito à cidade e podemos refletir por meio de alguns deles para o exposto no plano diretor da cidade de João Pessoa, como na realidade apresentada no Jardim Veneza em 2021 — haja vista a data de publicação deste plano.

Tais autores refletem sobre a transição da realidade do campo para as cidades, a vida nas metrópoles, como por exemplo ocorre a composição do poder, tempo e espaço relacionando com os territórios. Os autores também analisam como se estruturam socialmente e como as sociedades urbanas vão avançando em níveis de complexidade. Já os pesquisadores que versam sobre a questão da violência, no contexto urbano, especificamente no Brasil, temos autores como: Michel Misso (2006), Alba Zaluar (1999; 2019), Sérgio Adorno (2002), Gláucio Ary Dillon Soares (2008; 2014), José Maria Pereira de Nóbrega (2010), entre outros.

Primeiramente, o próprio E. Durkheim (1893) sobre a anomia, e depois, como Howard Becker (2008), sobre o sujeito desviante, o outsider. Além do mais, um dos referenciais desta pesquisa foi o pesquisador estadunidense William Foote-Whyte em seu “A Sociedade de Esquina” (1943). Neste estudo, a observação participante reforça a importância de se pesquisar as dinâmicas dos bairros, onde moradores e situações narradas, observadas e vivências nos fazem compreender as relações sociais dentro daquele espaço social.

Ademais, iremos adentrar sobre o debate da violência de um entendimento na teoria do seu caráter múltiplo e sistêmico. Posteriormente, poderemos observar o debate sobre direito à cidade que reforça o debate aqui trazido sobre o caso do Jardim Veneza, abordado no capítulo um, que seguirá sendo explorado neste capítulo, bem como no último.

2.1 Violência: multiplicidade de opressões e sofrimentos

O conceito de violência na sociologia, primordialmente advém de um dos fundadores das ciências sociais, Émile Durkheim (1985), no qual o mesmo identifica o crime como um fenômeno social que regula a ordem social e dentro limites considerados pelo autor como normais, algo intrínseco à realidade social. E o comportamento anômico, desviante, trata-se de uma ação que incide sobre os indivíduos no espaço social urbano dado um processo de desorganização, que durante à ascensão da modernidade e de valores racionalistas, rompem com valores tradicionais ali anteriormente cultivados, entendimento esse que discordamos.

Nesta perspectiva, Friedrich Engels (1845) influenciado por Marx, em contraponto, indica que a violência é um fenômeno social e material para as sociedades capitalistas numa perspectiva que é também ideológica, no sentido que a ideologia é um conjunto de proposições elaboradas pelas classes dominantes para fomentar a falsa consciência com o coletivo. A violência, para o autor, deve ser vista como um determinante para o processo revolucionário.

Durkheim (1985), por sua vez, volta a sua atenção que o crime não seria um produto ideológico da sociedade capitalista, mas explica-o por meio da epistemologia social, pois para o autor o fato social deve ser visualizado como coisa, dentro da perspectiva funcionalista, muito mais próxima das ciências naturais.

A perspectiva teórica marxista, que aqui repousam os nossos esforços teóricos, fundamenta-se na crítica ao sistema capitalista, no qual esse faz com que a criminalidade seja vista como um problema diretamente ligado ao próprio funcionamento do sistema e não apenas de forma focalizada, para além da perspectiva de Engels (1845) sobre seu viés ideológico. Com resoluções advindas somente de políticas públicas e na análise de controle apenas como no debate sobre a segurança pública, todavia não podemos nos satisfazer que o próprio Estado solucionaria uma problemática que necessita para existir. Fato esse que foi explorado no trabalho de conclusão de Fideles (2021).

Como se trataria de um problema sistêmico, existiria assim uma solução direta para o “problema” do crime, que é a própria superação do modo de produção capitalista por meio do processo revolucionário da classe trabalhadora. A violência como elemento material, histórico e dialético das sociedades contemporâneas foi assim discutida por Karl Marx, que ao aplicar o método histórico nos estudos das relações sociais definiu algumas transformações ao longo da história, como afirma,

Na história real, como se sabe, o papel principal é desempenhado pela conquista, a subjugação, o assassinato para roubar, em suma, a violência. Já na economia política, tão branda, imperou sempre o idílio. Direito e “trabalho” foram, desde tempo imemoriais, os únicos meios de enriquecimento, excetuando-se, sempre, é claro, “este ano”. Na verdade, os métodos da cumulação podem ser qualquer coisa, menos idílicos. (Marx, 2013, p. 786).

No qual, o autor, aborda a necessidade de compreensão sobre como a violência utilizada pelo mecanismo de acumulação do capital, tem objetivos concretos e não idílicos. De forma alguma a violência do processo e a violência sistêmica estão distantes da realidade cotidiana dos sujeitos periféricos. Contudo, autores como Max Weber (1999; 2004), ao

abordar o conceito de burocratização e racionalização das relações sociais, e o próprio processo de desencantamento do mundo, cunhou o conceito de monopólio da violência pelo Estado.

Para ele, por meio deste monopólio, compreendamos seus desdobramentos no desenvolvimento da institucionalização do crime que ocorre até os dias atuais. Compreende-se então, que a atuação do Estado está relacionada com a ausência ou não da violência e/ou da coação física apresentada pelo mesmo, digamos assim que o uso da violência pelo Estado é um dos determinantes para o estabelecimento do Estado para Weber (*ibid.*). Ao possuir e exercer o monopólio legítimo da violência, faz com que o Estado estabeleça a necessidade de sua existência e por meio disso exerce uma dominação entre os seres humanos.

Para que essa dominação seja legítima, Weber (1999; 2004) caracteriza três tipos de dominação, nas quais são definidas como: dominação tradicional, dominação carismática e dominação racional-legal. O autor ainda organiza então os tipos de dominação de acordo com o processo histórico, no qual a fase racional-legal seria a do funcionamento do Estado Moderno na sociedade moderna, visto que para ele essa fase não estaria centrada em um indivíduo apenas, mas sim no sistema legal em si, na burocracia do Estado.

Sendo assim, não somente na teoria sociológica, bem como na teoria política moderna, o momento de transição do Estado absolutista para o Estado Moderno deu-se por um processo de racionalização e burocratização das instituições políticas e jurídicas. Contudo, como sabemos, neste processo de alta racionalização, foram criados diversos malefícios sociais, tais como a grande especialização do trabalho na sociedade capitalista e a falta de segurança social perante o mercado de trabalho, nos tempos atuais.

O Estado moderno é um mecanismo, atua tal como uma empresa, que busca a manutenção da ordem social no sistema capitalista, no caso, tem a função de gestão econômica para que essa tenha uma atuação bem-sucedida na sociedade. Contudo, a sua atuação está sempre limitada pelas características burocráticas de sua gestão, seja política, como econômica. Esse modelo weberiano, favorece com que as políticas de gestão em segurança sejam guiadas pelos interesses das elites, tornando o estado refém da reprodução de desigualdades e violências. Se aprofundarmos na sociologia compreensiva de Weber (1999; 2004), a sua sociologia é a da dominação, onde a força e violência são mecanismos essenciais do processo político e da própria existência e da manutenção das instituições políticas e do Estado.

Dentro daquilo que compreendemos como modernidade, racionalidade e desenvolvimento, o tecido urbano é atravessado por contradições, tais como os ciclos de crise do capitalismo. Nesse sentido, a modernidade se confunde e é permeada por sujeitos periféricos com vivências distintas, ainda que dentro do mesmo espaço social, tal como o Jardim Veneza. A perspectiva urbanística adotada de substituir o espaço de conjuntos habitacionais por um mercado ilegal para drogas e estabelecimento de facções, demonstra como o surgimento de estados paralelos em ambientes onde o poder público não alcança ou deseja alcançar, fomenta a violência sistémica nesses territórios periféricos onde a violência do estado é perpetuada.

Podemos compreender violência do estado como uma forma de omissão do Estado que prejudica a integridade, liberdade e o bem-estar dos indivíduos, tanto de maneira coercitiva (polícia) quanto por exploração, exclusão ou negligência, reforçando as próprias estruturas que fomentam a violência no seu caráter sistêmico. Até certo ponto, Foucault (1999) relativiza que qualquer indivíduo na sociedade está suscetível a um potencial alvo de intervenção e eliminação, mesmo destacando que os subalternos são aqueles mais escolhidos como alvo, até pelo caráter histórico de desigualdades. Sobre o poder e sua relação em quem decide quem vive ou morre, Foucault:

Como um poder como este [o biopoder] pode matar, se ele na verdade cuida essencialmente de [melhorar] a vida, de prolongar sua duração, de aumentar suas chances, e afastá-la dos acidentes, de compensar suas deficiências? Como, nestas condições, é possível, para um poder político, matar, pedir a morte, causar a morte, fazer morrer, dar a ordem de matar, expor à morte não somente seus inimigos, mas também seus cidadãos? Como este poder que tem por objetivo fazer viver pode deixar morrer? (1999, p. 26-227).

A contradição de esperar soluções pelo Estado, evidencia a política da morte, institucionalizando assim o crime. Ainda, o estudo da violência pela sociologia, tem uma significativa contribuição da compreensão do Estado estabelecida por Weber, mas nosso interesse será pensar de acordo com o teórico Althusser (1980) neste trabalho. O estado é explicitamente compreendido como um aparelho repressivo, uma máquina que assegura à classe burguesa à dominação sobre a classe operária para submetê-los ao processo de expropriação da mais-valia (p. 31). Ainda,

O Estado é então e antes de mais aquilo a que os clássicos do marxismo chamaram o aparelho de Estado. Este termo comprehende: não só o aparelho especializado (no sentido estrita) cuja existência e necessidade reconhecemos a partir das exigências da prática jurídica, isto é a polícia - os tribunais - as prisões; mas também o exército, que (o proletariado pagou esta experiência com o seu sangue) Intervém directamente

como força repressiva de poder em última instância quando a polícia, e os seus corpos auxiliares especializados, são «ultrapassados pelos acontecimentos»; e acima deste conjunto o chefe do Estado, a governo e a administração. (Althusser, 1980, p. 31-32).

Concluímos nosso entendimento que na teoria marxista o Estado é um aparelho que funciona e tem sentido por meio do poder que o mesmo exerce. Aqui, toda luta de classes gira em torno da conservação do poder pelo Estado. O Estado, então, precisa ser determinado com objetivos das classes dominantes, logo a classe trabalhadora precisa tomar o poder para destruir o poder do Estado, para que ao fim do processo não exista mais Estado por meio de uma revolução (p. 38). A violência, evidencia como os aparelhos ideológicos do Estado, que estão no campo de domínio público, são utilizados para manutenção das classes dominantes e para fins privados. Dito isso, o Direito acaba por sempre ser o direito das classes dominantes, não sendo público ou privado, na qual o seu valor está em seu funcionamento (p. 44-45), determinando assim a violência sistêmica como algo “natural”.

2.2 Reprodução Totalizante

Visando compreender de onde surge o debate sobre reprodução totalizante com o objetivo de fundamentar nossa análise da violência sistêmica no bairro Jardim Veneza, voltaremos ao Marx (2013). A reprodução totalizante seria para o autor o que ocorre nas relações entre meios econômicos e nas próprias condições de existência, o que abrange a própria condição de vida, de produção material, no qual se aproxima com o do próprio trabalho reprodutivo (familiar e doméstico). Para ele, os elementos estariam interligados e seriam interdependentes que, por sua vez, estabelecem a reprodução. Essa totalidade social, como argumenta Ruas (2021) deve ser compreendida, para o autor, como tudo que vai além dos meios econômicos e abrange a construção do real e das relações sociais que se estabelecem entre os sujeitos (p. 382).

A violência sistêmica promovida pela estrutura do Estado como condutor da luta de classes, faz com que sujeitos periféricos criem diferenciações entre si pela localização da sua casa no bairro, por exemplo. Portanto, devemos procurar uma unidade na diversidade, no caso, a unidade de classe trabalhadora. Um morador que reside próximo às zonas de comércio do bairro tem casas maiores, mas em contrapartida está mais refém dos barulhos de trânsito e da grande circulação de pessoas nos fins de tarde. Enquanto o morador dos conjuntos habitacionais está sujeito a morar em casas menores em condições, muita das vezes, precárias.

Neste complexo de relações sociais concretas, cada categoria ganha sentido sistemático apenas por meio de seu posicionamento com respeito às outras categorias e ao todo. Assim, a noção marxiana de totalidade social nos permite afirmar a distinção de cada relação social específica que constitui o capitalismo sem suprimir a sua unidade e determinação, e nem subordinar, homogeneizar ou diluir o particular no universal. (Ruas, 2021, p. 384).

Uma visão que os moradores não se apercebem de forma necessariamente teórica, mas que convivem diretamente, pois vivenciam as consequências de como as classes dominantes desejam que o bairro seja visto e publicizado em canais de notícias, nas dinâmicas da cidade de João Pessoa. Assim, inevitavelmente, fica constatado também o processo de gentrificação que a capital da Paraíba vem sofrendo, empurrando antigos moradores de bairros mais bem localizados para os bairros distantes, ou até mesmo limitando quais moradias poderão ser ocupadas por essas classes populares no mesmo bairro.

Em confrontação à análise sobre o Jardim Veneza, outros bairros da capital foram bem mais explorados e compreendidos, seja por suas características históricas, culturais e por serem zonas turísticas da capital pessoense³¹. Nos perguntamos qual o interesse de não se explorar e descrever, expor territórios periféricos? Reforçar uma imagem apenas positiva para a população de fora de João Pessoa, como a de um ambiente de alta qualidade de vida e baixos índices de criminalidade, enquanto a realidade concreta oculta interesses de especulação imobiliária da qual a capital vem sofrendo nos últimos anos.

A violência, então, já possui um pressuposto de ser algo negativo, para a grande mídia e no senso comum. Contudo, ao refletirmos a violência dentro do sistema capitalista, esse sistema consegue construir camadas de novas violências em corpos vulneráveis. Em seu sentido múltiplo, que vão além dos mecanismos materiais de violência, como a violência física, sexual e patrimonial, temos também, violências que atuam de maneira sistêmica, simbólica, psicológica e do abandono. Abandono esse que é sofrido pelos bairros periféricos pela escassez ao acesso à meios de manutenção de suas vidas em sociedade, isso feito pelo próprio Estado burguês.

Por sua vez, a violência pelo Estado também é compreendida como um mecanismo, único e legítimo de resolução de tensionamentos, que vão sendo utilizados em territórios periféricos, por exemplo, entre novos e antigos moradores. Subvertendo esse entendimento de ser o único papel do Estado como legítimo a exercer sua força para promoção da paz social, a violência que advém do sujeito periférico em tomar posição contra a condição das suas

³¹ Pereira (2024) sobre o bairro do Roger. Pontes (2024) sobre a comunidade do Timbó. Oliveira (2012) sobre o bairro de Jaguaribe. São exemplos de outros trabalhos que exploram bairros em João Pessoa.

opressões, faz com que o mal-estar social que toma conta da sociedade precise e deva ser um meio de resistência, na luta e exposição dos não-lugares construídos no tecido social urbano³².

Sendo assim, a própria consciência de classe das classes populares, bem como a hegemonia que é exercida pelos grupos dominantes, determina a história oficial, aprofundando as tensões existentes. Em nada tem de idílico no capitalismo, visto que o reconhecimento da violência, com a constituição histórica dos cercamentos, determina que essa violência é um mecanismo de manutenção e promoção da luta de classes no capitalismo.

No Brasil, saindo do debate entre os autores considerados clássicos pelas ciências sociais, Saffioti (2011) contribui para entendermos como a atual forma de funcionamento do sistema capitalista, vem tomando moldes ainda mais violentos, com a ideologia neoliberal, na qual existe uma defesa exacerbada do livre-comércio, acelerando a nossa percepção de tempo e espaço, provocando processos como despolitização, desregulamentação, privatizações. Em resumo, são as políticas de estado mínimo, em contraposição às políticas de bem-estar social, onde o Estado tem o papel em assumir responsabilidade por questões básicas de manutenção da vida dos cidadãos. Sobre tal questão,

Vive-se uma fase ímpar de hegemonia do capital financeiro, parasitário, porque nada cria. Esta é, certamente, a maior e mais importante fonte da instabilidade social no mundo globalizado. A concentração mundial de riquezas atingiu tão alto grau, que gerou um perigo político a temer-se. Fruto de fusões de empresas e outros mecanismos que também corroboram na realização de uma determinação inerente ao capitalismo: a acumulação de bens em poucas mãos e a farta distribuição da miséria para muitos, nestas abissais desigualdades morando o inimigo, ou seja, a contradição fundante deste modo de produção, ao qual são inerentes a injustiça e a iniquidade. Sem a concretização desta verdadeira lei, acumulação e miséria, o capitalismo não se sustentaria, ou melhor, nem seria capitalismo. (Saffioti, 2011, p. 14).

Dentro desse processo de globalização e ápice do capital financeiro, a geração de novos produtos e comércios, a lógica de exploração-dominação segue a mesma, perpetuando os limites entre países e as classes sociais, modificando tudo para continuar da mesma forma. No Brasil, o mercado ilícito das drogas pesadas tem um papel importante no aumento da violência, conhecida como violência urbana, segundo Saffioti (2011).

Na guerra às drogas, como afirma o pesquisador Daniel Cerqueira (2024) segundo os dados dispostos no Atlas da Violência (IPEA, 2024), não se controla a questão da violência nas cidades, muito menos em territórios dominados pelo tráfico de drogas. Tal ação tem um

³² Neste momento evidenciamos a importância da violência na perspectiva positiva, por meio da revolução para destruição do Estado Burguês e do sistema capitalista, como abordada na teoria marxista, visto que é necessário uma revolução das estruturas sociais baseadas na luta de classes e assim, estabelecendo uma transformação radical nas desigualdades produzidas pelo capitalismo.

alto custo ao Estado e deixam pessoas vulneráveis, expostas a situação de conflito constante e à balas perdidas, por exemplo, tendo um absurdo número de crianças que morrem todos os anos vítimas do estado de guerra entre polícia e tráfico. Ainda sobre a violência e os espaços, Saffioti afirma que,

As fronteiras, já muito tênuas, entre o urbano e o rural deixaram de existir. A comercialização das drogas também se globalizou, disseminando-se por todo o território nacional. Mais do que isto, tomou conta do planeta. E, comprovadamente, ela produz alterações no estado de consciência, capazes de comprometer, de modo negativo, o código de ética dos que se dedicavam apenas ao trabalho lícito como ganha-pão. (Saffioti, 2011, p. 16).

No processo de guerra às drogas, podemos identificar com facilidade em quais territórios se concentram altos índices de violência, pelo constante confronto entre polícia militar e facções. O crime organizado se instaura e nele as suas raízes fincam vítimas já fragilizadas pelas condições precarizadas de trabalho e de habitação. O crime organizado utiliza-se da fragilidade dos jovens, que são mais suscetíveis ao mundo de redes sociais e comparações como elementos distintivos, que reforçam o status de classes dominantes. Conforme sinaliza Zaluar (2019) sobre esse assunto:

O que tem chamado a atenção dos estudiosos dessas guerras é que são encontradas tanto entre os empreendimentos baseados em negócios ilegais que trazem muito ganho ao garantir a impunidade de seus agentes quanto nas organizações religiosas ou etno-políticas fundamentalistas, justificadas pela verdade incontestável das suas crenças. (2019, p. 9).

Além disso, Zaluar (2019) aborda o papel do medo dentro da estrutura intersubjetiva da violência, produzindo marcas dentro do cotidiano dos moradores de territórios periféricos. A condição do medo é vista em traumas profundos, tremores, suor frio, tensão muscular construindo socialmente significados às emoções de estar em um ambiente inseguro, como um ônibus tarde da noite, para descer num local sem iluminação e sem a certeza do que encontrará no caminho à sua casa.

Como o autor Howard Becker (2008) expôs em sua teoria do etiquetamento social, vale a pena ser lembrado que os corpos que morrem no Brasil, tem cor, classe, raça e gênero bem definidos. Isto é, são jovens, negros, entre 20 e 24 anos de idade e pobres. Podemos nos questionar sobre as mulheres familiares que convivem e criam tais jovens mortos, os quais sofrem com as consequências do encarceramento em massa e a falta de elucidação de crimes contra jovens periféricos, utilizando de argumentos jurídicos como o do Auto de Resistência³³

³³ Art. 329 do Decreto-lei nº 2.848 | Código Penal, de 07 de dezembro de 1940. Resistência: Art. 329 - Opor-se à execução de ato legal, mediante violência ou ameaça a funcionário competente para executá-lo ou a quem lhe

para presunção de culpa da vítima e proteção de policiais, caindo na subjetividade da “ameaça”.

A cidade enquanto território violento, que carrega uma série de complexidades dentro do sistema capitalista de produção, coloca em debate a necessidade de explorarmos, mesmo que brevemente, a questão anteriormente trazida de direito à cidade. Posteriormente a isso, veremos em nosso terceiro e último capítulo a condição da mulher periférica no Jardim Veneza e suas relações com as condições aqui compreendidas dentro do conceito múltiplo de violência e vulnerabilidade de corpos femininos a tais violências, em territórios específicos, com os das periferias de João Pessoa.

2.3 Direito à cidade

Com o objetivo de aprofundarmos mais criticamente o contexto contemporâneo das cidades na contemporaneidade, voltaremos o olhar mais específico sobre as dinâmicas em João Pessoa no bairro Jardim Veneza. Para isso, precisamos então pensar sobre as cidades como uma produção da sociedade capitalista. Como Lefebvre (1991a) afirma, a cidade é um espaço produzido socialmente, no qual o controle é expropriado dos habitantes pelo capital e pelo Estado. A luta pelo espaço da cidade pode ser compreendida como a luta de classes, onde a cidade é um produto em disputa (p. 24-25).

João Pessoa, na sua condição de capital da Paraíba, fica na posição central ao tecido urbano paraibano. Contudo, mesmo que a vida dentro de alguns bairros da capital seja muito intensa, percebida e financiada, esses bairros atuam na manutenção da qualidade estética atribuída à localidade e centralizam a imagem criada dos bairros periféricos em contraposição. Ao contrário do descaso e da falta de manutenção oferecida, há bairros periféricos da cidade, a exemplo do próprio Jardim Veneza. Sobre a dinâmica entre centros e periferias, Lefebvre:

O núcleo urbano torna-se, assim, produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a este duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar. Assim, os antigos centros entram de modo mais completo na troca e no valor de troca, não sem continuar a ser valor de uso em razão dos espaços oferecidos para atividades específicas. Tornam-se centros de consumo. (1991a, p. 20).

Ao analisarmos o direito à cidade, pensamos nos moradores com direitos de estar na centralidade das decisões, sejam elas políticas, econômicas, ambientais e simbólicas. Ao

esteja prestando auxílio: Pena - detenção, de dois meses a dois anos. § 1º - Se o ato, em razão da resistência, não se executa: Pena - reclusão, de um a três anos. § 2º - As penas deste artigo são aplicáveis sem prejuízo das correspondentes à violência.

pensarmos numa intersecção entre os trabalhos dos autores Lefebvre (1991a; 1991b; 2002) e Harvey (1980; 1992; 2008; 2014), o direto à cidade assume uma ótica mais complexa, dadas as condições apresentadas no subtópico anterior, neste mesmo capítulo. O direito em habitar à cidade em plenitude, de sentir, experimentar e produzir no tempo e espaço urbano, além da possibilidade de romper com os ritmos impostos pelo capital e pensar novas alternativas à vida urbana, bem como romper com a violência sistêmica. Conforme Harvey, do qual temos acordo,

A queixa era uma resposta à dor existencial de uma crise devastadora da vida cotidiana na cidade. A exigência era, na verdade, urna ordem para encarar a crise nos olhos e criar uma vida urbana alternativa que fosse menos alienada, mais significativa e divertida, porém, como sempre em Lefebvre, conflitante e dialética, aberta ao futuro, aos embates (tanto temíveis como prazerosos), e à eterna busca de uma novidade incognoscível. (Harvey, 2014, p.11).

A cidade, ainda, tornou-se o local de reprodução e acumulação de capital, o espaço social é interpretado como uma mercadoria e os habitantes da cidade são excluídos dos processos de decisão sobre a mesma. Contudo, como mostrado no primeiro capítulo, o Jardim Veneza consegue subverter, mesmo que minimamente e dentro de condições específicas, ao eleger representações advindas de moradores como vereadores na Câmara Municipal de João Pessoa, os parlamentares Jailma (PSB) e Bandeira (AVANTE).

Ao colocarmos em cheque os ritmos impostos pela estrutura capitalista nas cidades, estamos reivindicando o direito à ritmos diferentes ao da gentrificação — forte especulação imobiliária e crescimento desordenado—, os ritmos de trabalho urbano — uberização e precarização, como também a informalidade e a lógica empreendedora, meritocrática—, e por fim, a possibilidade de ser criados novos ritmos de vida na cidade, tais como os movimentos por moradia, hortas comunitárias, entre outros. Tal crítica é abordada em Elementos da Ritmanálise e outros ensaios por temporalidades de Henri Lefebvre *apud* Costa e Peixinho (2024).

Podemos também pensar em como o ritmo da cidade não vai de encontro com o ritmo de vida de muitas famílias trabalhadoras, de mulheres trabalhadoras que possuem dupla, triplas jornadas, fato esse analisado pela Teoria da Reprodução Social. Pois a elas é imputado o dever do cuidado, seja com a casa, com o marido/esposa, com os filhos, com outros familiares, sendo que para elas, o cuidado é tomado como dever natural. Tal realidade é sobremaneira mais agravada no Brasil, pois mesmo com o avanço de uma maioria de chefes

de família serem mulheres, segundo dados do IBGE de 2022³⁴, cerca de 21,3 horas semanais das mulheres são dedicadas ao cuidado e tarefas domésticas, contra 11,7 horas semanais dos homens.

Para Harvey (2014), o direito à cidade está em conciliação com a própria lógica coletiva em repensar o urbano, a exemplo da própria mobilidade da cidade, como a construção do Plano Diretor de João Pessoa. Nesse processo, que ocorre em 2021, o documento mostra que são geradas uma série de análises sobre as condições de bairros da cidade e também das necessidades que precisam de atenção por parte do poder público. Aqui, o bairro do Jardim Veneza é citado “49 vezes” ao longo do documento, como citado anteriormente no capítulo um. Neste mesmo documento, no Jardim Veneza, é abordada a situação de acesso a meios culturais, bem como aos meios desportivos e de lazer no bairro. Ao lado do bairro das Trincheiras, ele possui um nível elevado de domicílios em situação de vulnerabilidade de renda.

A seguir, iremos observar alguns dados disponíveis deste trabalho, no subtópico posterior a base teórica levantada por nós neste momento. Ainda, temos que o Distrito e o Bairro das Indústrias aparece como uma número de cinquenta vulneráveis na faixa etária escolar e sem cobertura plena de atendimento (Plano Diretor, p. 46), mapeados pelo plano.

Aqui, cabe uma breve comparação com o que foi oferecido no trabalho de conclusão de curso de Pereira (2024) sobre o bairro do Roger, no qual faz parte da capital dos bairros de João Pessoa, no seu ponto de análise por Pierre Bourdieu das trajetórias de sujeitos periféricos e violência urbana. Neste momento, nos interessa em como o Roger também teve seu viés analítico pela condição de abrigar um dos principais presídios da capital e ser rotineiramente divulgado como território violento, quando não popularizado por sua forte cena cultural.

A condição de violência sistêmica no Roger pode ser também visualizada e a mesma não ignora a incapacidade do Estado e do sistema capitalista em manter os mecanismos de reprodução social de forma eficiente a população local. Nos cabe também a reflexão sobre como existem relações entre os centros de poder e os bairros com maiores privilégios, assim como uma suposta melhor segurança e também acesso à direitos fundamentais, em detrimento a bairros marginalizados em questões espaciais como em abrigar grande parte da massa trabalhadora da capital.

³⁴Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=A%20divis%C3%A3o%20das%20tarefas%20dom%C3%A9sticas.realiza%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20n%C3%A3o%20Grandes%20Regi%C3%B3es> Acesso: 01 set. 2025.

Gostaríamos apenas de reforçar a crítica sobre o direito à cidade, sem a categoria de análise de gênero nos faz esquecer como as cidades são pensadas por homens, ao longo da história. Além disso, cabe dizer que os espaços são construídos para atender suas necessidades, não se preocupando em como ele afeta as mulheres, em termos de iluminação pública, por exemplo, a dificuldade de locomoção por certos espaços pelo horário e o local em si ser ermo, suscetível à violência, particularmente para mulheres trabalhadoras. Uma vez que isso é um fato, em João Pessoa existe uma lei sobre mulheres que forem descer do transporte público após as 22h³⁵, podem solicitar a parada o mais próximo possível da sua residência e o motorista não pode se negar a atender a solicitação, se chama Lei da Parada Segura.

Sendo assim, para Bhattacharya (2017) a desvinculação da posição entre o homem a mulher oferece uma visão parcial da realidade, contudo, quando observamos do ponto de vista da totalidade, veremos que deveria existir um interesse material de homens se juntarem às mulheres, visto que os homens dentro da estrutura capitalista possuem privilégios e status que reforçam a sua condição de explorado e de degradação dos meios de reprodução da vida, fato esse que está ligado diretamente a condição de subordinação e desumanização das mulheres e pessoas negras.

No último capítulo deste trabalho, buscaremos analisar brevemente algumas informações do Plano Diretor da cidade, posteriormente, para que os dados corroborem nossa observação participante e nas caminhadas realizadas pelo bairro, sobre as condições materiais, características dos moradores, características do bairro e de seus moradores. Assim como o debate realizado neste capítulo sobre a violência sistêmica. Nossas categorias de análise vão de encontro a compreender a interseção entre raça, gênero e classe por meio da Teoria da Reprodução Social.

³⁵ A lei 1.824/2013, sancionada pelo prefeito Luciano Cartaxo, institui normas para o desembarque de mulheres no transporte coletivo à noite em áreas de risco. Segundo o texto, as usuárias de ônibus têm o direito, após as 22h, de solicitar o desembarque em um local que não seja parada regulamentada, desde que seja permitido estacionar e que esteja no trajeto regular da linha. A proposta é garantir menos riscos e mais segurança à integridade física das mulheres que utilizam o transporte coletivo no horário noturno. Disponível em: https://sapl.joaopessoa.pb.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2013/15914/15914_texto_integral.pdf

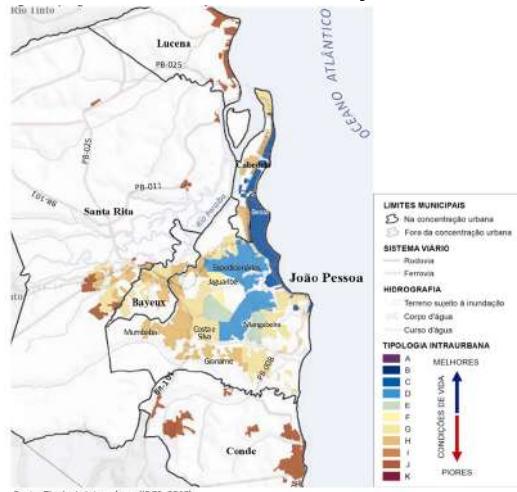
CAPÍTULO 3: PLANEJAMENTO DAS CIDADES: UMA ANÁLISE DO PLANO DIRETOR DE JOÃO PESSOA (2022)

Neste último capítulo, iremos analisar, utilizando os dados dispostos no Plano Diretor concebido no ano de 2022 pela prefeitura de João Pessoa e as questões estruturais anteriormente descritas por meio de dados, tabelas, mapas, gráficos e informações comparativas entre bairros da capital. Ao entender quais relações econômicas, sociais e espaciais estão estabelecidas com o bairro do Jardim Veneza, respectivamente, buscaremos mostrar qual a tipologia intra urbana deste concentração, sem seguida, onde estão as centralidades com relação aos bairros, o macrozoneamento da capital e, por fim, como estão distribuídos os conjuntos habitacionais em João Pessoa nesta breve introdução ao capítulo.

Posteriormente, repousamos nossos esforços sobre algumas categorias explicativas como: raça/cor, renda, gênero, segurança, educação e saúde. Nossa objetivo é mostrar características relacionais com outros bairros da capital. Dito isso, o bairro do Jardim Veneza está localizado numa área com as piores condições de vida, quando comparado com bairros como Bessa e Expedicionários, próximos às áreas turísticas da cidade, por exemplo. Santa Rita e Bayeux que fazem fronteira com o Jardim Veneza também aparecem com áreas demarcadas como entre as piores condições de vida. Entendamos concentração urbana segundo IBGE,

Concentração urbana refere-se a aglomerações de municípios com forte integração entre si, caracterizadas por um significativo número de habitantes e um contínuo processo de urbanização, onde a população se desloca para trabalho e estudo entre diferentes cidades (IBGE, 2016).

Figura 37: Tipologia intraurbana da concentração urbana de João Pessoa (2017)



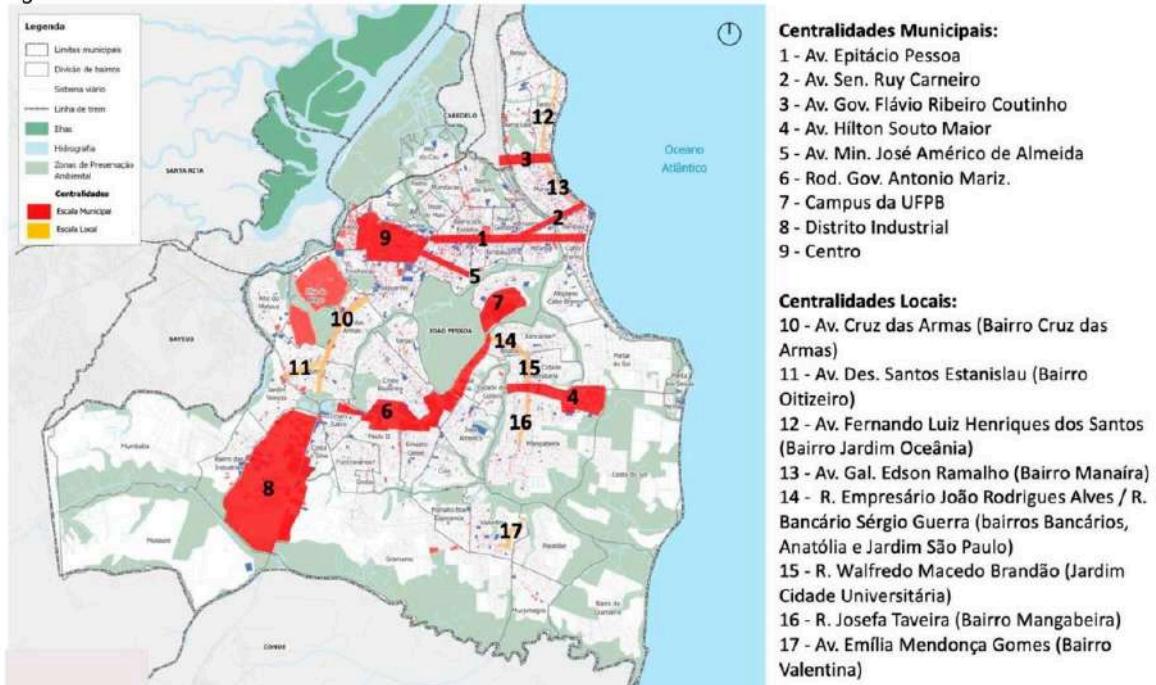
Fonte: Plano Diretor, 2022.

Já com relação às centralidades, podemos observar que na região na qual encontra-se o Jardim Veneza não existe um destaque para além do Distrito Industrial nas proximidades do bairro. Bairros como, Jardim Oceânia, Manaíra, Bancários, Anatolia, Jardim São Paulo são os que mais tem destaque e são bairros que possuem uma dinâmica comercial muito referencial aos moradores da cidade de João Pessoa. Contudo, como mostrado no primeiro capítulo deste trabalho, existe um efervescente comércio na região na qual se encontra o Jardim Veneza. Dadas as distâncias de áreas nobres que concentram ruas comerciais famosas, o mais próximo são comércios dos bairros Cruz das Armas e Oitizeiro.

Segundo Martins (2013), novas centralidades nas grandes cidades decorrem de um processo de expansão urbana onde se consolidou o comércio e os serviços a partir da necessidade da população em diminuir seus deslocamentos (p. 7). Sendo assim, o Jardim Veneza serve-nos como um exemplo de surgimento de novas centralidades a dinâmicas de expansão urbana na capital de João Pessoa.

Figura 38: Centralidades em João Pessoa (2020)

Figura 98: Centralidades em João Pessoa



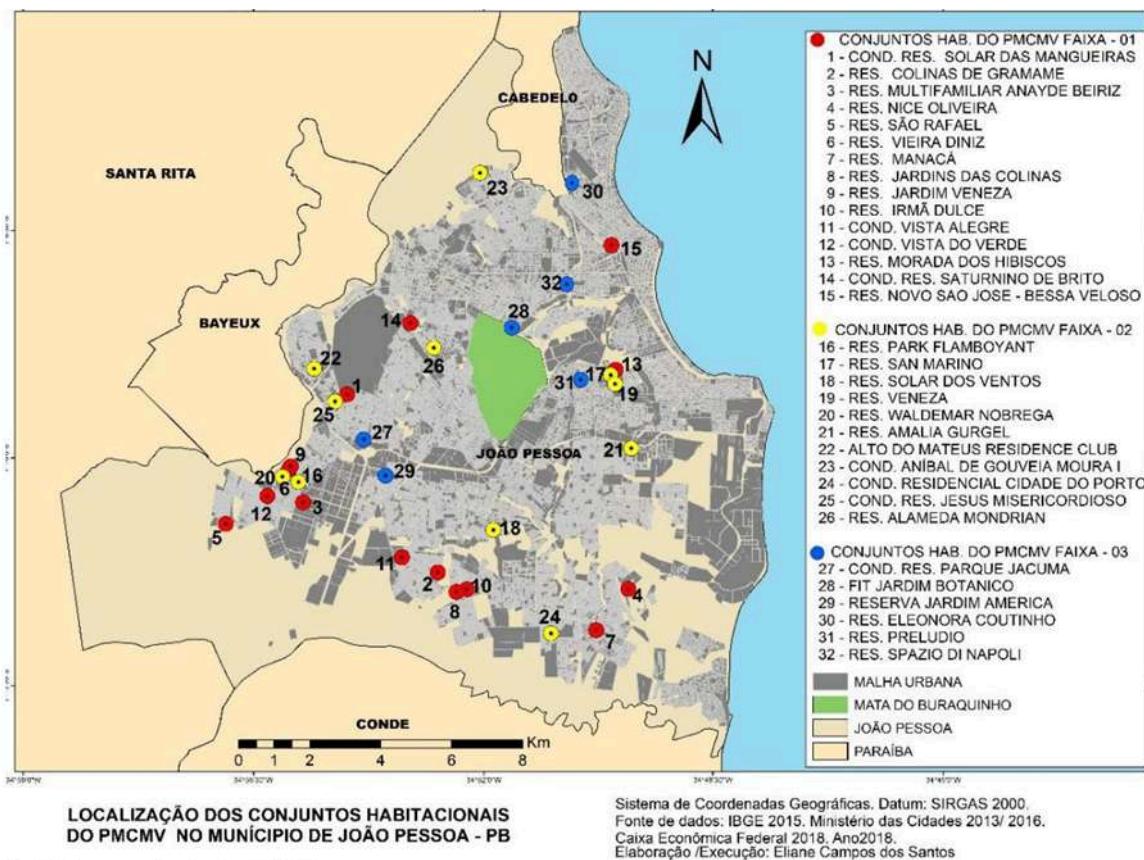
Fonte: Planmob (2020)

Fonte: Plano Diretor, 2022.

Como podemos observar com o mapa descrito em seguida, a localização dos conjuntos habitacionais podem ser relacionados a perspectiva de análise do próprio zoneamento urbano da capital pessoense. Neste mapa, apresentam-se uma alta concentração conjuntos

habitacionais na região onde localiza-se o Jardim Veneza. Tais conjuntos habitacionais aparecem em zonas de interesse social e zonas que não devem ter adensamento populacional, contudo, o movimento de ampliação de verticalização de conjuntos habitacionais na região segue sem mecanismos de controle para que tal adensamento populacional não ocorra.

Figura 39: Localização dos conjuntos habitacionais do PMCMV em João Pessoa (até 2016)

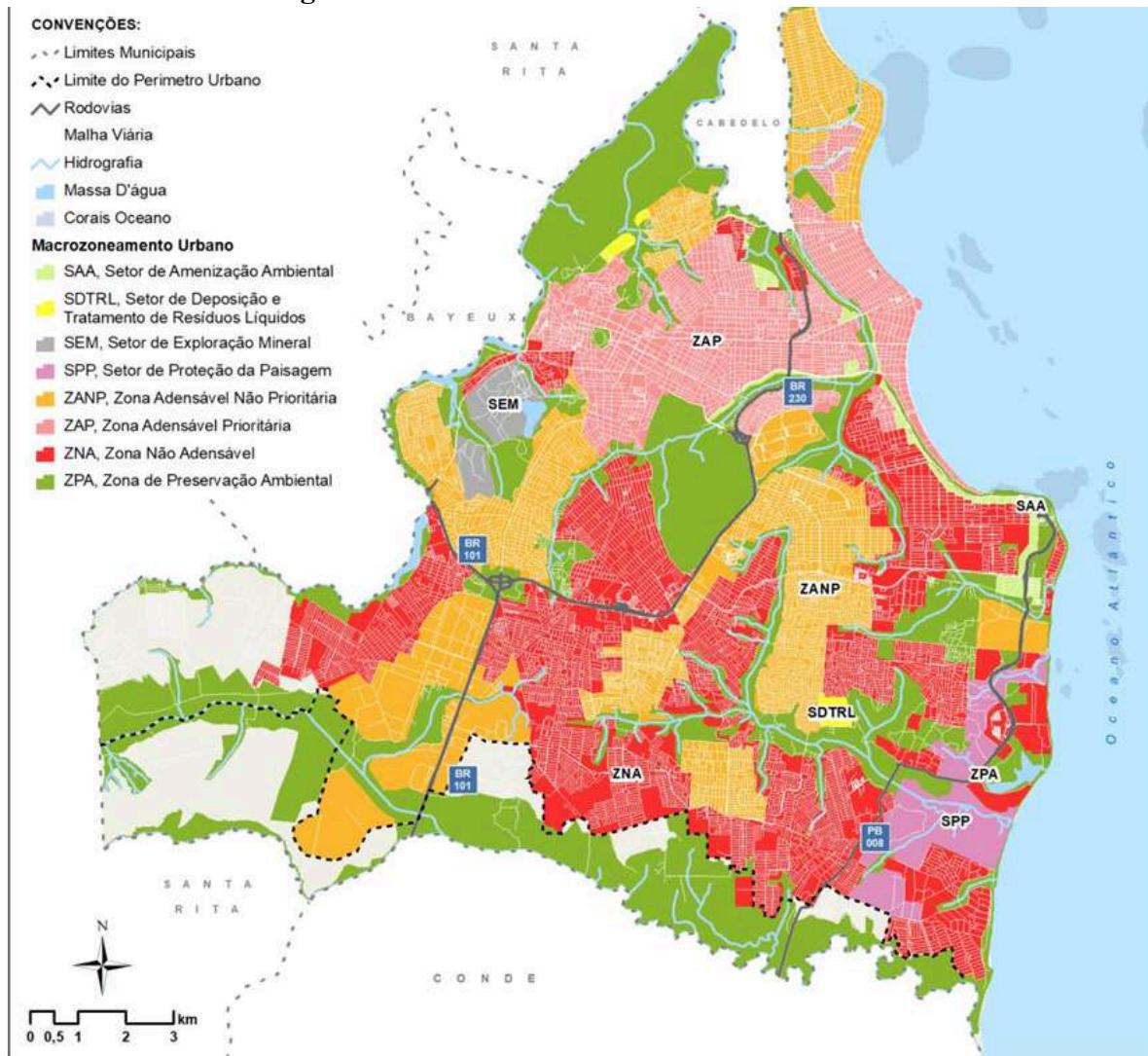


Fonte: Campos dos Santos (2019)

Fonte: Plano Diretor, 2022.

Outra localidade de João Pessoa que possui uma alta concentração de conjuntos habitacionais é o bairro de Mangabeira. No entanto, o espaço geográfico do bairro o caracteriza quase como um município dentro de João Pessoa. O bairro cresceu em contingente populacional, concentrando em sua maioria população de classe trabalhadora, bem como comércios que são referência para a capital, o mercado público de mangabeira, por exemplo, abriga hoje um dos maiores shoppings que leva o mesmo nome do bairro, como empresas de Telemarketing.

Figura 40: Macrozoneamento de João Pessoa



Fonte: Consórcio PDMJP (2021), a partir de dados da PDMJP (1992)

Fonte: Plano Diretor, 2022.

Portanto, nesta breve introdução ao presente capítulo podemos perceber que a região na qual encontra-se o Jardim Veneza possui uma alta concentração habitacional, dados os conjuntos habitacionais dessa região, bem como segue crescendo mesmo sendo caracterizada pela prefeitura como zonas que possuem limitações legais e ambientais, muitas dessas claras, como o fato do bairro estar nas proximidades das três lagoas e a bacia de Marés. Além disso, possui a característica de serem zonas de interesse social, que visa a produção de moradias para população de baixa renda, visando garantir o direito à moradia. Expondo uma contradição de expansão em território de preservação ambiental.

3.1 Classe, Raça e Renda:

Ao citarmos o Plano Diretor, devemos primeiramente entender que o último a ser elaborado para João Pessoa, foi no ano de 2021. Sendo assim, os dados os quais ele se baseia para seu cruzamento de informações estão dentro desse período histórico. Dado também que a realidade se modifica, mas que as desigualdades tendem a permanecerem no espaço-tempo, esses dados seguem atuais e pertinentes a complementar nosso argumento de que o bairro sofre com a violência sistêmica e as mulheres periféricas dentro do contexto da cidade estão mais suscetíveis às violências por ela gerada.

Cabe dizer que o Jardim Veneza é um bairro predominantemente de população negra, sendo que cerca de 62,8% dos seus moradores são negros e apenas 36,1% se autodeterminam brancos, dentro de um total de habitantes de 12.812 (2021). A renda domiciliar desses moradores trabalhadores era de R\$919,92, não chegando a um salário mínimo, que hoje é R\$1.518,00. A vulnerabilidade social do bairro é algo que atravessa sua renda, bem como a condição de aglutinar trabalhadoras racializadas.

Sendo assim, o trabalho de Pereira (2024) nos ajuda a pensar e problematizar as disparidades existentes entre os bairros em João Pessoa. Bairros como Cabo Branco, segundo o autor, chega a ter um renda de R\$7.991,92, em comparação por exemplo, ao Jardim Veneza de R\$919,92. O abismo das desigualdades de renda, demonstram como o capital econômico acaba se concentrando em territórios de maioria de brancos, visto que o bairro de Cabo Branco, tem uma distribuição de 68,4% de moradores brancos e apenas 30,1% de moradores negros.

Como afirma Bourdieu em *A miséria do mundo* (1992) “os que não possuem capital são mantidos à distância, seja física, seja simbolicamente, dos bens socialmente mais raros e condenados a estar do lado das pessoas ou dos bens mais indesejáveis e menos raros” (p. 164). A lógica de isolar moradores às margens da cidade, longe dos centros de decisão e também de poder econômico proporciona um ambiente de violência sistêmica, a falta de capital econômico faz com que a prospecção de futuro seja extenuada.

Figura 41: Mapa de concentração étnica e bairro de transição étnica

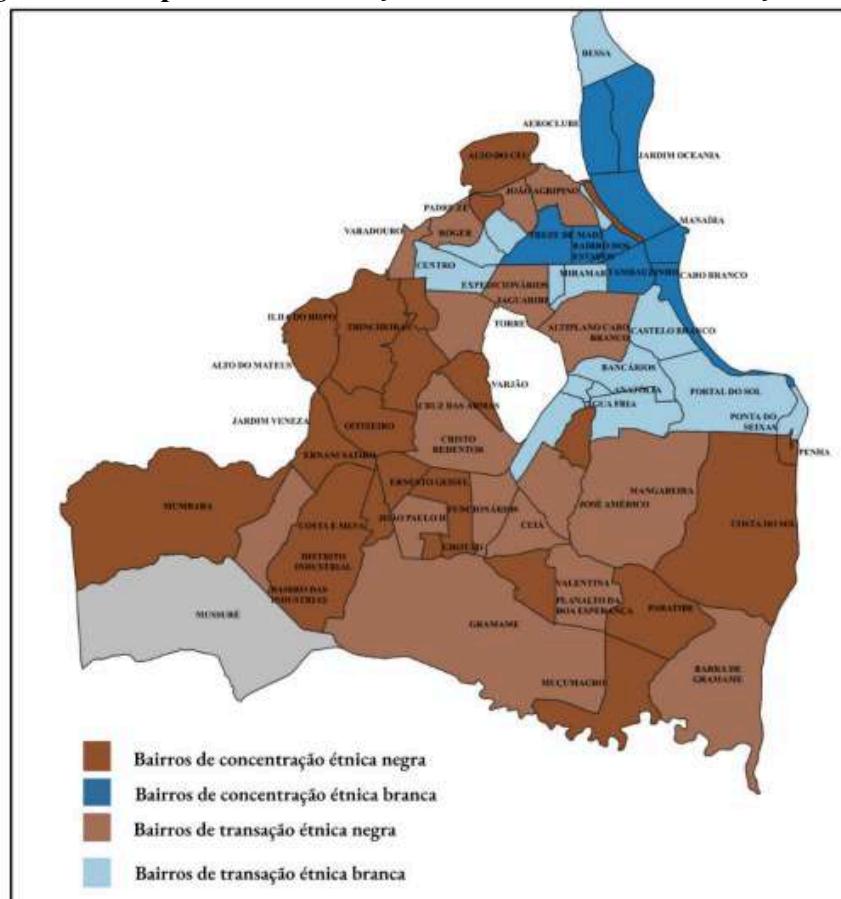


FIGURA 3 MAPA DE JOÃO PESSOA COM A CARACTERIZAÇÃO ENTRE BAIRRO DE CONCENTRAÇÃO ÉTNICA E BAIRRO DE TRANSIÇÃO ÉTNICA. ELABORAÇÃO NOSSA.

³⁶Fonte: Pereira, 2024.

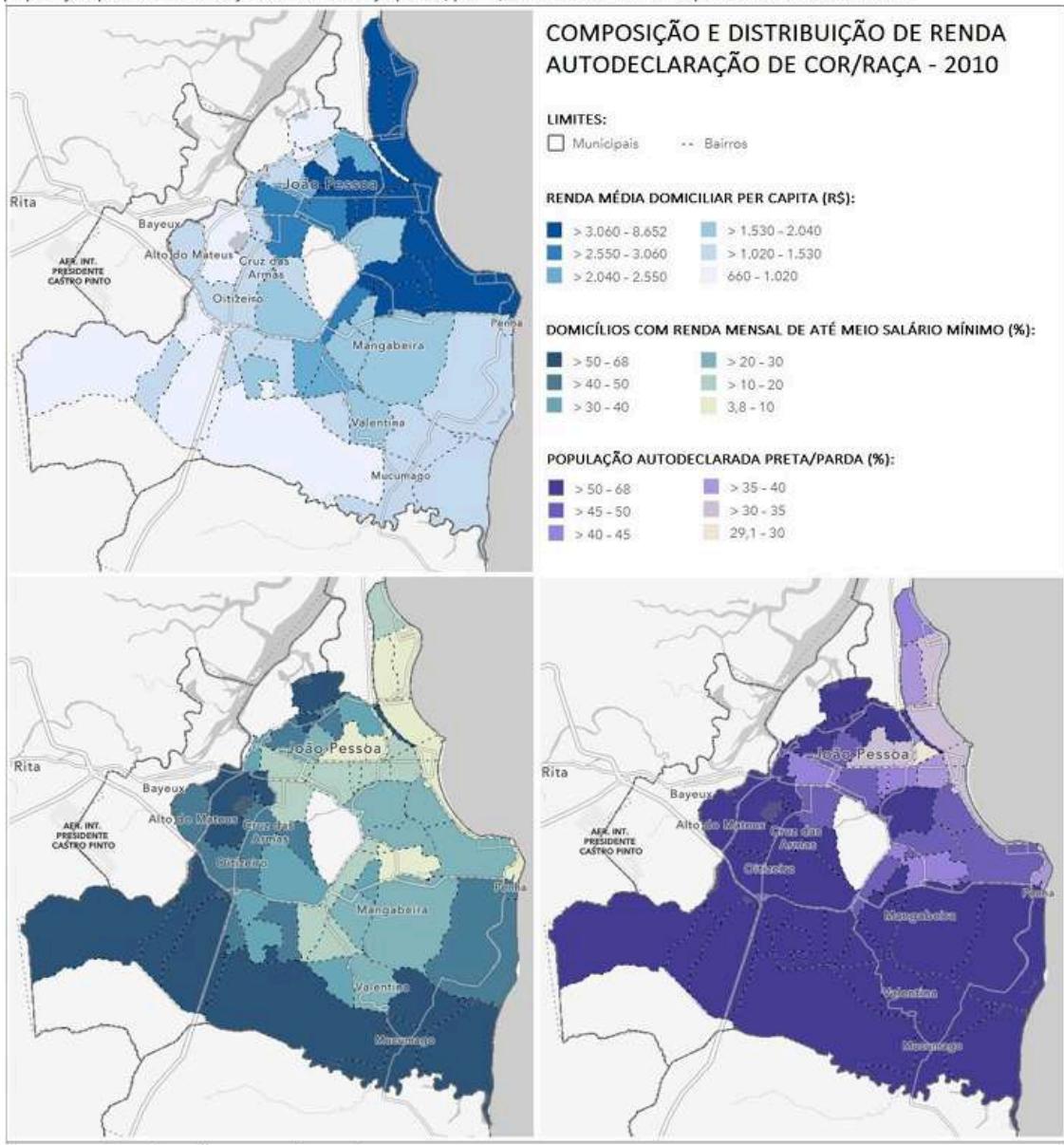
Devemos então compreender o que seria a concentração étnica, no caso ela ocorre por influências históricas, migratórias, como a própria colonização e escravidão. Já em relação à transação étnica, refere-se ao fluxo ou alteração de características culturais e sociais de uma população para outra. Como aborda Pereira (2024),

Nesse sentido, o conceito de estigmatização territorial apresenta-se como de alto alcance explicativo em um momento que João Pessoa (e outras capitais do Brasil) está projetando o futuro de seu espaço urbano com o Plano Diretor de João Pessoa (2023) e o projeto João Pessoa Sustentável. Essas políticas urbanas voltam cada vez mais as políticas e incentivos públicos para as classes economicamente dominantes e o seu usufruto do espaço, sem se preocupar em transformar a distribuição desigual de bens econômicos e simbólicos entre os grupos econômico e etnicamente explorados, a maioria negra da cidade (p. 50).

³⁶ Disponível para buscar com o título de “Rupturas do cotidiano: mercados ilegais e estruturas políticas das favelas” (2024). Monografia de Ciências Sociais. Universidade Federal da Paraíba.

Figura 42: Renda média domiciliar, por autodeclaração de cor ou raça parda/preta, dos bairros de João Pessoa - 2010

Figura 47: Renda média domiciliar, percentual de domicílios com renda média de até meio salário mínimo e percentual da população por autodeclaração de cor ou raça parda/preta, dos bairros do município de João Pessoa - 2010



Fonte: IBGE (2010), JOÃO PESSOA (2021a)

Fonte: Plano Diretor de João Pessoa, 2022.

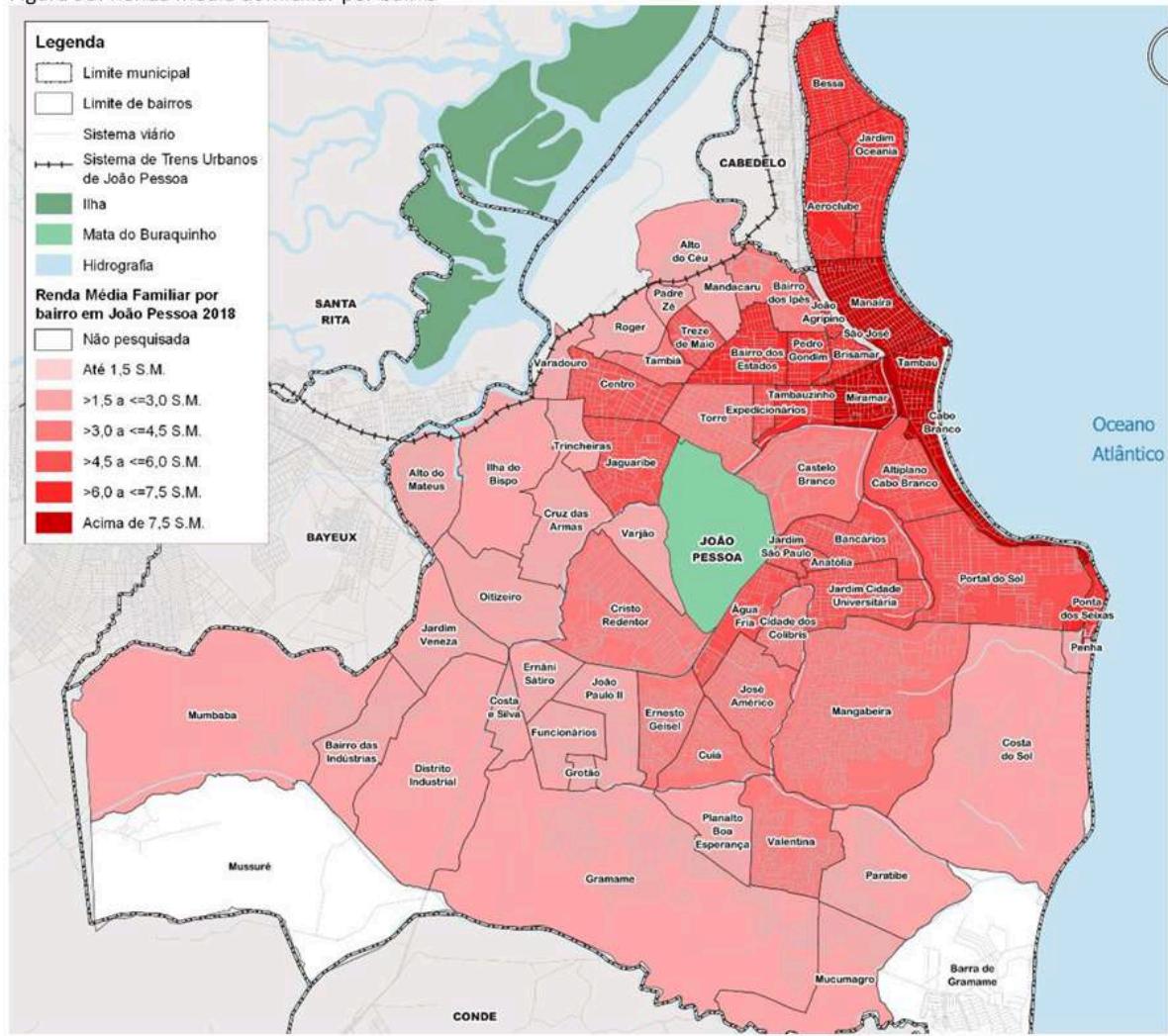
Podemos observar que dentro das duas figuras anteriormente apresentadas, existe uma conciliação entre a análise da composição e distribuição por raça/cor no território de João Pessoa, estabelecendo uma inferência na relação entre território periférico, com o baixo capital econômico, que acaba por concentrar moradores negros. Os afastando do local de

trabalho, com um ritmo de vida mais cansativo e mais suscetível às violências de deslocamento, além da quase inexistência de tempo livre para a família ou para o lazer.

Uma das consequências que podemos pensar sobre esse ritmo de vida mais acelerado são os vícios em jogos, que acabam por serem vistos como saídas milagrosas da realidade de dificuldades financeiras e opressões psicológicas e físicas de trabalho, do cotidiano em si em territórios periféricos. Sobre isso, dados do Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad) atestam que cerca de 10,9 milhões de brasileiros têm sintomas de dependência em jogos de azar no Brasil, onde os grupos mais afetados seriam os adolescentes e pessoas de baixa renda. Vista essa escalada da dependência em jogos, um sintoma da violência sistêmica sofrida pelo trabalhador, torna-se um problema de saúde pública.

Figura 43: Renda Média domiciliar por bairro

Figura 95: Renda média domiciliar por bairro



Fonte: Planmob (2020)

Fonte: Plano Diretor, 2022.

Ainda sobre a distribuição de renda no espaço geográfico de João Pessoa, podemos observar que bairros da praia como Cabo Branco, Jardim Oceania, Brisamar, Bessa, Manaíra, Tambaú e Miramar concentram moradores com salários acima de 7,5 salários mínimos, na cotação atual do salário mínimo, o que seria o equivalente a cerca R\$11.385 por mês. Em comparação, bairros que incluem o Jardim Veneza, nas margens da cidade, a renda estaria em até 1,5 salários mínimos, ou seja, em torno de R\$991,00 para os dados da época. As disparidades salariais do território pessoense expõem como a desigualdades ao longo tempo seguem sendo aprofundadas dentro do processo de gentrificação que vem sofrendo a capital pessoense.

Os rendimentos mensais afetam diretamente a alimentação desses moradores e moradoras periféricos, bem como a qualidade e o acesso aos alimentos nutritivos os deixam à mercê de uma insegurança alimentar, aqui compreendida como “à falta de acesso contínuo e regular a alimentos em quantidade suficiente e de qualidade, que compromete o bem-estar da família e da pessoa, levando à fome ou má nutrição” segundo o Ministério de Saúde.

No último trimestre de 2023, 27,6% (21,6 milhões) dos domicílios particulares no Brasil estavam com algum grau de insegurança alimentar sendo que 18,2% (14,3 milhões) enquadraram-se no nível leve, 5,3% (4,2 milhões) no moderado e 4,1% (3,2 milhões) no grave. (IBGE, 2024).

No bairro do Jardim Veneza, dada a vulnerabilidade social e também a insegurança alimentar, está disponível à população uma política pública desenvolvida pela Prefeitura de João Pessoa, chamada “Bora Comer”, que se referem às cozinhas comunitárias que servem cerca de 3 refeições por dia à população cadastrada através do Centro de Referência de Assistência Social (cras) ou na sua Unidade Básica de Saúde da Família (USF) à receber o direito, atualmente a cozinha do bairro funciona apenas nos horários do almoço³⁷.

Nesta tabela que segue, também estão descritos outros dois empreendimentos para proteção social com relação à alimentação no bairro. Contudo, um deles é utilizado apenas para oferecer serviços básicos e cursos a população, que é o Centro de Referência da Cidadania (CRC) Jardim Veneza — Vereador Júlio Paulo Neto e o outro local listado

³⁷ No momento, também foi observado que o local encontra-se em reforma e depois da reforma foi indicado a população que receberia as três refeições prometidas desde o princípio. Nesse local, em sua inauguração também servia como um restaurante popular com refeições a valor acessível, fato esse que também era muito conhecido por ter uma unidade no centro de João Pessoa. Com refeições à R\$1,00. Com um histórico de escândalos sobre seu funcionamento, hoje ela não existe mais, na nossa pesquisa encontramos apenas uma unidade localizada no bairro de Mangabeira existe nos dias atuais: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-de-desenvolvimento-humano/conteudo-de-links/enderecos-dos-restaurantes-populares> Acesso: 03 set. 2025.

chamado Cozinha Escola trata-se da cozinha que alimenta diretamente o CREI Gertrudes Maria, localizado nas proximidades do condomínio da Paz, ambos citados no capítulo um deste trabalho.

Tabela 1: Relação Dos Equipamentos Públicos Socioassistenciais

Região / Bairro	Administração	Tipo	Nome	Proteção Social	Público específico	População referência (pessoas)
Costa e Silva	Municipal	Cozinha Comunitária	Cozinha Comunitária Taipa	Básica	-	S/I
Ernesto Geisel	Municipal	Banco de Alimentos	Banco de Alimentos de João Pessoa	Básica	Pessoas/familias em situação de vulnerabilidade alimentar e nutricional	S/I
Ernesto Geisel	Estadual	CSU	CSU Calula Leite	Básica	Crianças, adolescentes, jovens e adultos	S/I
Funcionários	Municipal	CRAS	CRAS Grotão	Básica	Pessoas/familias em situação de vulnerabilidade social	1.872
Funcionários	Municipal	CRC	CRC Funcionários II - Deputado Fernando Carrilho Milanez	Básica	Crianças, adolescentes, jovens e adultos	S/I
Funcionários	Municipal	Unidade de Inclusão Social/Produtiva	Centro de Referência para a Inclusão Social e Produtiva da Comunidade Maria de Nazaré (CRISPMAN)	Básica	Jovens e adultos	S/I
João Paulo II	Municipal	Conselho Tutelar	Conselho Tutelar Região Sudeste	Média	Crianças e adolescentes	S/I
6ª REGIÃO						
Jardim Veneza	Municipal	CRC	CRC Jardim Veneza - Vereador Júlio Paulo Neto	Básica	Crianças, adolescentes, jovens e adultos	S/I
Jardim Veneza	Municipal	Unidade de Inclusão Social/Produtiva	Cozinha Escola	Básica	Jovens e adultos	S/I
Jardim Veneza	Municipal	Cozinha Comunitária	Cozinha Comunitária Jardim Veneza	Básica	-	S/I

Fonte: Plano Diretor, 2022.

Tabela 2: Avaliação dos equipamentos socioassistenciais

Região / Bairro	Administração	Tipo	Nome	Proteção Social	Caracterização e avaliação ⁽¹⁾							
					Média mensal atend.	Atende demanda atual	Condição imóvel	Qualidade estrutura física	Projeto melhoria	Espaço para ampliar	Atende RH	Atende materiais/ mobiliários
Valentina	Municipal	Conselho Tutelar	Conselho Tutelar Região Valentina	Média	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
5ª REGIÃO												
Costa e Silva	Municipal	CRC	CRC Costa e Silva - Sandoval Silva de Assis	Básica	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
Costa e Silva	Municipal	Cozinha Comunitária	Cozinha Comunitária Taipa	Básica	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
Ernesto Geisel	Municipal	Banco de Alimentos	Banco de Alimentos de João Pessoa	Básica	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
Ernesto Geisel	Estadual	CSU	CSU Calula Leite	Básica	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
Funcionários	Municipal	CRAS	CRAS Grotão	Básica	300	Sim	Cedido	Regular	Não	Não	Sim	Sim
Funcionários	Municipal	CRC	CRC Funcionários II - Deputado Fernando Carrilho Milanez	Básica	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
Funcionários	Municipal	Unidade de Inclusão Social/Produtiva	Centro de Referência para a Inclusão Social e Produtiva da Comunidade Maria de Nazaré (CRISPMAN)	Básica	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
João Paulo II	Municipal	Conselho Tutelar	Conselho Tutelar Região Sudeste	Média	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
6ª REGIÃO												
Jardim Veneza	Municipal	CRC	CRC Jardim Veneza - Vereador Júlio Paulo Neto	Básica	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
Jardim Veneza	Municipal	Unidade de Inclusão Social/Produtiva	Cozinha Escola	Básica	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I
Jardim Veneza	Municipal	Cozinha Comunitária	Cozinha Comunitária Jardim Veneza	Básica	S/I	Não	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I	S/I

Fonte: Plano Diretor, 2022.

Na tabela de avaliação e caracterização dos equipamentos socioassistenciais dispostos anteriormente no Plano Diretor (2022) são caracterizados que tais equipamentos do Jardim Veneza são para proteção social básica. Observamos que não estão atendendo à demanda atual e as demais informações sobre número e média mensal de atendimentos, condição do imóvel, qualidade da estrutura física, projeto de melhoria, espaço para ampliar, atender os recursos humanos e atender mobiliário no local. Todas essas categorias avaliativas estão sem informações disponíveis, logo a avaliação falha em relatar informações pertinentes à realidade desses locais.

Posteriormente, iremos ainda analisar informações trazidas no plano sobre educação, saúde e segurança, respectivamente, os quais estão disponíveis e são pertinentes a um entendimento mais aprofundado das condições descritas no primeiro capítulo deste trabalho. A primeira delas, a educação é uma dos mecanismos mais utilizados como estratégia de ascensão social a esses grupos periféricos e em vulnerabilidade.

3.2 Educação:

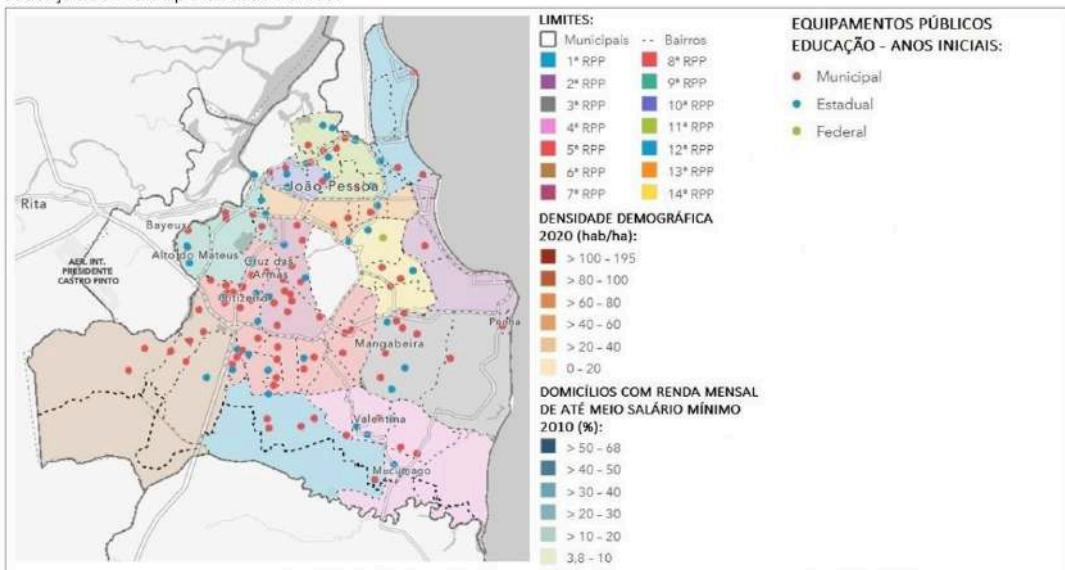
No bairro do Jardim Veneza, não são encontradas escolas estaduais para a população local concluir os anos finais de formação, fazendo com que os moradores se desloquem para bairros circunvizinhos ou para o centro da cidade, descrito anteriormente³⁸. Além disso, as pessoas acabam optando pelo ensino privado em razão do impeditivo desse deslocamento. No bairro encontram-se apenas três escolas municipais para os anos iniciais e a oferta de Educação de Jovens e Adultos (EJA) à comunidade local.

Com relação à cidade de João Pessoa, para termos uma capacidade de análise relacional com outros bairros, observemos o seguinte mapa abaixo. Neste mapa podemos visualizar que a região correspondente ao bairro aqui explorado tem apenas uma escola estadual que dispõe do ensino médio à comunidade local. Contudo, existem duas escolas estaduais na região, uma no bairro das indústrias, Escola de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Santos Dumont e também no mesmo bairro, Escola Estadual de Ensino Médio (EEEM) - Escola de Cidadã Integral Técnica (ECIT) Dom José Maria Pires, que segundo os dados disponíveis de 2020 Ministério de Educação (MEC)/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) atendem cerca de 373 alunos matriculados.

³⁸ Apenas à nível de contextualização sobre o citado, escolas particulares de referência encontram-se nos bairros da Torre, Centro, Bancários, Bessa e bairros os quais o deslocamento é um impeditivo claro ao acesso dos moradores da localidade. Em efeito, escolas privadas no bairro são uma opção mais acessível e de menor custo.

Figura 44: Distribuição por bairros de equipamentos educacionais

Figura 158: Distribuição espacial de equipamentos com oferta dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública de educação do município de João Pessoa.



Fonte: Plano Diretor, 2022.

Ainda neste documento aparecem todos os aparelhos de educação com um tabela que lista todas as escolas municipais e estaduais presentes da região que está localizado o bairro do Jardim Veneza, denominada 6^a Região Geográfica do município de João Pessoa. A importância de trazer os dados disponíveis sobre a educação visa fundamentar a situação presente do bairro diante do acesso à escolaridade, que é de escassez e superlotação das escolas disponíveis.

Podemos constatar que o acesso à educação, dado sua posição geográfica na cidade, acaba por impor limites aos jovens da região à pensar e acessar possibilidades distintas à entrada precoce no mercado de trabalho local. Seja via indústrias, comércios ou seja os próprios mercados ilegais que aliciam jovens em regiões de vulnerabilidade social, como a do bairro do Jardim Veneza. Ao ser pesquisada uma lista oficial, diferente da disposta do Plano Diretor sobre as escolas da capital, não foi encontrado um documento com tal relação que seja acessível a pesquisadores e à população.

Tabela 3: Lista de equipamentos educacionais da 6ª Região (incluso o Jardim Veneza)

Região / Bairro	Tipo	Nome	Total	Matrículas [1]							
				Educação infantil			Ensino fundamental		Ensino médio		
Total	Total	Creche	Pré-escola	Total	Anos Iniciais	Anos finais			EJA		
José Américo	EEEFM - ECI	Daura Santiago Rangel	401	-	-	-	39	39	232	130	
6ª REGIÃO			8.780	1.576	777	799	5.737	3.174	2.563	373	1.094
Distrito Industrial	CREI	Glaucê Burity	150	150	93	57	-	-	-	-	-
Distrito Industrial	EEEF	Domênica Andrea Magliano	75	-	-	-	75	75	-	-	-
Distrito Industrial	EMEF	Professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque	1.011	-	-	-	856	411	445	-	155
Indústrias	CREI	Fabiana Oliveira Lucena	107	107	107	-	-	-	-	-	-
Indústrias	CREI	Nenzinha Cunha Lima	125	125	29	96	-	-	-	-	-
Indústrias	EMEF	Cantalice Leite Magalhaes	682	60	-	60	622	329	293	-	-
Indústrias	EEEFM	Santos Dumont	315	-	-	-	152	-	152	163	-
Indústrias	EEEM - ECIT	Dom José Maria Pires	460	-	-	-	-	-	-	210	250
Jardim Veneza	CREI	Gertrudes Maria Escrava Liberta no Século XIX	100	100	47	53	-	-	-	-	-
Jardim Veneza	CREI	Margarida Maria Alves	66	66	46	20	-	-	-	-	-
Jardim Veneza	EMEIEF	João Monteiro da Franca	1.107	131	-	131	805	440	365	-	171
Jardim Veneza	EMEF - ETI	Professor Paulo Freire	266	-	-	-	266	266	-	-	-
Jardim Veneza	EMEF	Presidente João Pessoa	1.022	-	-	-	813	372	441	-	209
Mumbaba	CREI	Maria Emilia Coelho da Silva Correia	209	209	127	82	-	-	-	-	-
Mumbaba	CREI	Professora Maria das Graças da Silva Queiroz	237	237	154	83	-	-	-	-	-
Mumbaba	CREI	Tereza Cristina de Albuquerque	261	261	174	87	-	-	-	-	-
Mumbaba	EMEIEF - ETIP	Deputado Edmílson Tavares de Albuquerque	599	58	-	58	541	541	-	-	-
Mumbaba	EMEIEF	Professora Anayde Beiriz	1.988	72	-	72	1.607	740	867	-	309

Fonte: Plano Diretor, 2022.

Alguns dos dados atuais sobre as duas escolas de ensino médio próximos ao bairro do Jardim Veneza dispostos no site QEDU serão brevemente descritos para comparação. A nota atual do EEEFM Santos Dumont com relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) é de 3,7, com 347 alunos matriculados em 2024, dentre eles 17 matrículas de alunos da educação especial e a EEEM - ECIT Dom José Maria Pires tem um IDEB (2019) apenas avaliado em 3,1, dispondo de 236 matrículas em 2024, dentre eles 312 matrículas são da EJA e 13 matrículas de alunos da educação especial.

Tabela 4: Avaliação dos equipamentos educacionais da 6ª Região (incluso o Jardim Veneza)

Região / Bairro	Tipo	Nome	Oferta ensino	Caracterização e avaliação [1]							
				Média alunos/turma	Acima da capacidade	Atende demanda atual	Condição imóvel	Qualidade estrutura física	Projeto melhoria	Espaço para ampliar	Atende materiais/mobiliários
José Américo	CREI	Maria de Fátima Amorim Navarro	CRE, PRE	23	Sim	Não	Cedido	Regular	Não	Não	Não
José Américo	EMEIEF	Carlos Neves da Franca	PRE, AI	28	Sim	Não	Próprio	Baixa	Sim	Não	Sim
José Américo	EMEF - ETI	Radegundis Feitosa Nunes	PRE, AI, EJA	25	Sim	Não	Próprio	Regular	Não	Sim	Sim
José Américo	EMEF - ETI	Ministro José Américo de Almeida	AI, AF, EJA	30	Não	Não	Próprio	Regular	Não	Não	Sim
Distrito Industrial	CREI	Glaucê Burity	CRE, PRE	25	Sim	Sim	Cedido	Ruim	Não	Não	Sim
6ª REGIÃO											
Distrito Industrial	EMEF	Professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque	AI, AF, EJA	35	Sim	Não	Próprio	Regular	Não	Sim	Sim
Indústrias	CREI	Fabiana Oliveira Lucena	CRE	21	Sim	Não	Próprio	Regular	Não	Não	Sim
Indústrias	CREI	Nenzinha Cunha Lima	CRE, PRE	21	Sim	Não	Cedido	Regular	Não	Não	Sim
Indústrias	EMEF	Cantalice Leite Magalhaes	PRE, AI, AF	31	Sim	Não	Próprio	Ruim	Sim	Não	Sim
Jardim Veneza	CREI	Gertrudes Maria Escrava Liberta no Século XIX	CRE, PRE	25	Sim	Sim	Próprio	Regular	Não	Sim	Sim
Jardim Veneza	CREI	Margarida Maria Alves	CRE, PRE	22	Sim	Não	Cedido	Ruim	Não	Não	Sim
Jardim Veneza	EMEIEF	João Monteiro da Franca	PRE, AI, AF, EJA	33	Sim	Não	Próprio	Regular	Não	Não	Sim
Jardim Veneza	EMEF - ETI	Professor Paulo Freire	AI	27	Não	Não	Próprio	Regular	Não	Não	Sim
Jardim Veneza	EMEF	Presidente João Pessoa	AI, AF, EJA	37	Sim	Não	Próprio	Regular	Não	Não	Sim
Mumbaba	CREI	Maria Emilia Coelho da Silva Correia	CRE, PRE	23	Sim	Não	Próprio	Baixa	Não	Sim	Sim
Mumbaba	CREI	Professora Maria das Graças da Silva Queiroz	CRE, PRE	26	Sim	Não	Próprio	Baixa	Não	Sim	Sim
Mumbaba	CREI	Tereza Cristina de Albuquerque	CRE, PRE	26	Sim	Não	Próprio	Baixa	Não	Sim	Sim
Mumbaba	EMEIEF - ETIP	Deputado Edmílson Tavares de Albuquerque	PRE, AI	29	Sim	Não	Próprio	Baixa	Não	Sim	Sim
Mumbaba	EMEIEF	Professora Anayde Beiriz	PRE, AI, AF, EJA	34	Sim	Não	Próprio	Regular	Não	Não	Sim

Fonte: Plano Diretor, 2022.

Na tabela acima não estão listadas as duas escolas de ensino médio que aparecem na tabela anterior para avaliação das condições com relação o tipo de oferta do ensino no local, bem como a média de alunos, se está ou não acima da capacidade, se atende a demanda atual, como estão as condições do imóvel, a qualidade estrutural física, se existe algum projeto de melhoria e se dispõe de espaço para ampliação. De todas as escolas e creches, especificamente do Jardim Veneza, apenas o CREI Gertrudes Maria Escrava Liberta no Século XIX tem espaço para ampliação. A escola João Monteiro da Franca citada no primeiro capítulo aparece com condições regulares, contudo na prática essa avaliação não se confirma visto as informações trazidas anteriormente neste trabalho.

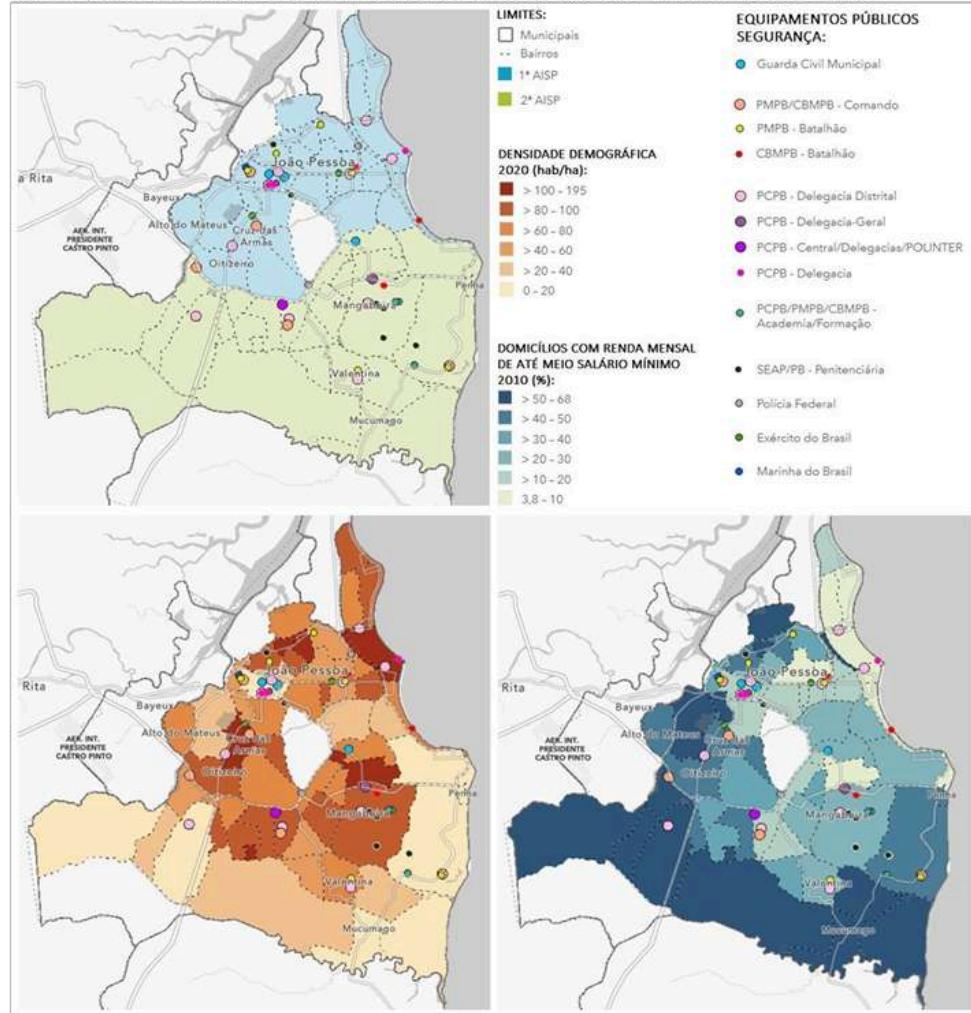
3.3 Saúde e Segurança:

Com relação à saúde, no bairro Jardim Veneza, aparecem disponíveis apenas duas unidades de saúde da família, que não atendem de forma satisfatória a população local que segue crescendo. Não existe nenhum tipo de hospital na região, sendo os mais próximos: o Hospital de Santa Rita; o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires; o Hospital da Mulher Dona Creuza Pires, assim como a UPA de Cruz das Armas.

Em relação à segurança, no bairro, não encontram-se delegacias ou postos policiais, sendo listados no Plano Diretor a existência do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba e uma delegacia da polícia civil localizada no distrito, nomeada como 8^a delegacia distrital. A maior concentração dos aparelhos de segurança do Estado estão localizados no bairro do Ernesto Geisel, onde encontra-se a conhecida cidade da polícia.

Figura 45: Distribuição Espacial da rede pública de segurança de João Pessoa

Figura 172: Distribuição espacial de equipamentos da rede pública de segurança do município de João Pessoa.



Nota: AISP = Área Integrada de Segurança Pública e Defesa Social; PMPB = Polícia Militar da Paraíba; CBMPB = Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba; PCPB = Polícia Civil da Paraíba; POLINTER = Polícia Interestadual; SEAP/PB = Secretaria de Estado de Administração Penitenciária da Paraíba.

Fonte: SESDS/PB (2016), PARAÍBA (2021a), IBGE (2010), PCPB (2021), PMPB (2021), CBMPB (2021), DPF/MD (2021), EB/MD (2021), MB/MD (2021), SEAP/PB (2021), SEMUSB. Densidade demográfica projetada por Consórcio PDMJP. Elaborado por Consórcio PDMJP.

Fonte: Plano Diretor, 2022.

No documento utilizado, não existem informações mais detalhadas com relação à segurança e saúde, apenas que no bairro de Mumbaba, trata-se de um dos bairros sem cobertura total ao atendimento por equipes básicas e agentes comunitários, com elevada concentração de população em vulnerabilidade social. Ainda em relação à segurança, o Jardim Veneza é destacado como um dos bairros que recebeu iluminações novas em LED que proporcionam uma segurança maior à circulação de mulheres moradoras do bairro, por exemplo. Melhorias pontuais que não eliminam a maior atenção do poder público à realidade de mulheres periféricas e trabalhadoras.

3.4 Gênero: a condição da mulher periférica

Ao refletirmos, finalizando o último subtópico deste capítulo sobre uma das categorias circundantes deste trabalho, buscaremos descrever e analisar alguns dados da realidade da mulher periférica com relação às condições de vida e de sua manutenção, amparadas pela Teoria da Reprodução Social. Dando ênfase às dinâmicas próprias de territórios periféricos, que agravam suas condições de desigualdade construídas pelo sistema capitalista e antes mesmo dele, pela diferenciação entre homens e mulheres, com base na divisão sexual do trabalho.

Para que essa estrutura fosse construída socialmente, temos que pensar que a própria rede de opressões imposta aos trabalhadores, também recai as mulheres, visto que “o controle da sexualidade e o controle do trabalho são dois links inseparáveis de uma disciplina que contém os setores mais vulneráveis do mundo do trabalho” (Bhattacharya, 2019a, p. 28). Dito isso, quem seria o agente que exerce esse controle? É apenas o Estado? Ao pousar sobre tal questionamento, de difícil e complexa resposta, devemos pensar que os próprios trabalhadores masculinos não estão inocentes neste caso. Sobre as condições desiguais de trabalho,

[A] desigualdade salarial de gênero persiste no país. Um estudo especial feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado em março de 2021 e baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD Contínua) aponta que houve redução do hiato salarial entre homens e mulheres entre 2012 e 2019, mas a desigualdade persiste, com rendimento médio das mulheres equivalente a 77,7% do rendimento dos homens (IBGE, 2019a; 2021 *apud*. Rodrigues, 2023, p.2).

A face do trabalho é apenas um dos mecanismos de reprodução e produção de violências contra mulheres na sociedade. Também vemos que essa desigualdade salarial recai na limitação de mulheres em terem maior controle da sua realidade social, familiar e pessoal, visto que se estiverem imersas em situações de violência, ficam refém de seus algozes pela impotência financeira. Contudo, dados recentes mostram que essas dinâmicas vêm adquirindo um diferente formato no Brasil, segundo o Censo 2022, 36 milhões de mulheres são chefes de família (49,1%) dos 73 milhões de chefes de família existentes no Brasil, logo há permanência de uma maioria de homens como chefes de família.

A violência, em todas as suas formas, é um fenômeno complexo e múltiplo, que é “compreendido a partir de fatores sociais, históricos, culturais e subjetivos, mas não deve ser limitado a nenhum deles” (Guilherme, Pedroza, 2015, p. 259 *apud*. Mamede; Faria; Martins, 2021). Se é importante, portanto, pensar como os homens da classe trabalhadora tem algum

controle ou não sobre o seu tempo e ritmo de vida, também precisamos compreender como eles exercem controle sobre os corpos de mulheres trabalhadoras, visto que as estruturas do capitalismo foram edificadas para maior controle do tempo dessas mulheres em relação ao dos homens, colocando-as sempre na posição do cuidado, por exemplo.

Dito isto, cerca de 69,9% das mulheres que trabalham com o cuidado, segundo dados do IPEA (2025) são mulheres negras. Muitos dos contratos são realizados de forma verbal e pela confiança no patrão que irão cumprir o acordado entre eles. Sabemos que na posição de negociação, quem é o elo mais fraco na hierarquia de poder em que não teria como garantir ao seu interesse. Este foi uma das críticas apontadas sobre as desigualdades nas relações de trabalho, aprofundadas com a Reforma Trabalhista de 2017.

Ainda sobre a mesma temática, temos que no 3º Relatório de Transparência Salarial, de 2024, mulheres seguem recebendo menos de 20,9% em comparação aos homens no mercado de trabalho, muitas das vezes cumprindo as mesmas funções. Seguem as informações retiradas com relação raça/cor e sexo com remunerações em específico na Paraíba, segundo os dados do relatório anteriormente mencionado.

Tabela 5: Relação Cor/Raça e Sexo com Remuneração Salarial (2024)

Raça Cor x Sexo	Quantidade de Vínculos	Remuneração Média	Salário Contratual Mediano
Mulheres	66.251	R\$ 2.203,26	R\$ 1.429,52
Mulheres Negras	45.227	R\$ 2.035,70	R\$ 1.429,52
Mulheres Não Negras	20.859	R\$ 2.571,22	R\$ 1.440,60
Homens	115.553	R\$ 2.648,96	R\$ 1.540,00
Homens Negros	85.732	R\$ 2.439,91	R\$ 1.540,00
Homens Não Negros	29.986	R\$ 3.254,83	R\$ 1.567,44

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), Ministério do Trabalho e Emprego.³⁹

Se os homens da classe trabalhadora preferem ficar com os salários mais baixos do que aceitar o “trabalho das mulheres” e se solidarizar com as mulheres trabalhadoras, é então o patriarcado que liga todos os homens numa conspiração silenciosa dos dominadores? (Bhattacharya, 2019, p. 29). A necessidade objetiva de sustentar a família em frente às dificuldades de manter um emprego com rendimentos suficientes à sobrevivência fazem com que esses homens, pela frustração de não entender o seu papel socialmente construído de chefe de família, criem ciclos de violências com as mulheres que vivem com esse homem

³⁹ Acesso ao relatório completo com os dados desagregados, segue: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNTFhZWI0MzUtZjZkOC00Y2EwLTg5MTMtYjkODYyOGEwNTIwIiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9> Acesso: 10 set. 2025.

trabalhador. Suas frustrações com a precarização da vida e do trabalho, recaem na base mais violentada no país e na Paraíba.

Segundo os dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública (2025) e o 19º Anuário de Segurança Pública (2024), a Paraíba registrou, apenas neste primeiro semestre, 20 feminicídios, se aproximando ao número do ano de 2018. Em 2024, 1.942 mulheres foram vítimas de feminicídio no país, a maioria delas sendo mulheres negras e na faixa etária de 18 aos 44 anos. Cerca de 63,4% desses crimes são vividos em domicílio, sendo que 97% delas foram mortas por homens.

Os lares de comunidades de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social são deixadas sem recursos e vazias, além do restrito acesso à direitos básicos para a manutenção da vida, como no bairro do Jardim Veneza. Segundo Bhattacharya (2019) não existe razões reais para a persistência da violência contra mulheres, contudo a ideologia capitalista procura dar sentido a tais ações violentas com dois mecanismos: 1) ideia sexista de divisão do trabalho por gênero dentro da família, o que trabalho de mulher e o que é do homem e 2) as ideias sexistas tentam se legitimar através de um apelo à tradição, que segundo a autora é um velho truque capitalista (p. 30).

Ao evocar espíritos do passado ao seu serviço, como afirma Bhattacharya (2019), uma linguagem emprestada, como Marx a chama, vindo na forma de ideologias que negam divisões de classe e enfatizam as livres divisões de classe, por exemplo onde comunidades evangélicas são tratadas como homogêneas, com supostos interesses semelhantes, independente da classe (p. 31). E continua, como o sexismo, com ideias que existe uma irmandade comum em todos os homens em oposição a uma irmandade de mulheres, que com isso obscurecem uma divisão de classe e exploração existentes entre os próprios homens, afirma Bhattacharya (2019, p. 31).

Logo, ao pensarmos sobre o racismo e opressão de gênero como opressões que se articulam com o sistema de classes, tais mecanismos agem de forma a possibilitar a produção e reprodução expandida do próprio capitalismo, segundo Bhattacharya (2021, p. 2). Bem como o patriarcado pode ser considerado como um sistema de regras e mecanismos que reproduzem a ordem do capital (p. 2). E o conjunto dessas relações e processos produzem historicamente uma realidade que fazem com que a reprodução social seja deixada à mercê da esfera privada, ou, o trabalho não remunerado das mulheres (p. 2).

No sistema patrimonialista, sustentado por intérpretes do Brasil, diferente da interpretação de Raymundo Faoro, na qual o mesmo afirma que a primeira instituição não seria a família, mas sim o domínio público que acaba dominando a esfera privada. Então

como isso ocorreria? Pensemos em como este argumento provoca que pensemos a figura do patriarca da família como uma herança do próprio sistema escravista. Ainda, Carole Pateman (1993) afirma que o patriarcado é um sistema análogo ao escravismo.

A violência contra mulheres e a impunidade, como legítima defesa da honra masculina, consiste em outra indicação de relações patriarcais. Essas situações de arbítrio de poder na família foram amplamente documentadas pelo pensamento social brasileiro. Recupero em seguida as perspectivas sobre o patriarcado que foram desenvolvidas pelo pensamento social brasileiro, procurando observar como os teóricos identificam o fenômeno, uma vez que essa discussão contribui para a análise de relações de poder que ficaram fora do alcance do Estado. (Aguiar, 2000, p. 305).

Portanto, estudar o fenômeno da violência sistêmica é um esforço não somente de expor as violências com os trabalhadores, mas também expor o quanto necessário são movimentos que reivindiquem um senso de coletividade e comunidade, que muito se faz presente em espaços de resistência como as periferias da cidade. A posição da mulher nesta estrutura de produção de violências no sistema capitalista, precisa ser melhor explorada, ainda mais na perspectiva da condição da mulher periférica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sociológica foi realizada por caminhadas, observação-participante, etnografia livre, assim como descrições densas sobre a realidade do bairro do Jardim Veneza, utilizando-se também de dados disponíveis e uma visão relacional das demais realidades da cidade de João Pessoa. Buscamos em todos os capítulos aqui dispostos, compreender como as mudanças bruscas nos últimos anos da cidade tiveram um impacto extremamente violento e desigual em territórios periféricos.

Ao longo dos três capítulos construídos, em diferentes níveis de esforço teórico, argumentativo e descritivo, buscamos por meio da nossa pesquisa fazer um empenho de compreensão em relação às diferentes realidades no tecido urbano e as relações de dominação e poder que são estabelecidas, entre bairros, bem como homens e mulheres.

Dentro da estrutura de violências sistêmicas, a própria condição do trabalhador e trabalhadora nos faz refletir sobre a capacidade de adaptação e a multiplicidade de violências que o sistema capitalista produz e reproduz. Ao utilizar a Teoria da Reprodução Social, vimos como a realidade concreta das pessoas e a reprodução material de suas vidas influenciam em suas subjetividades. A condição de sujeito periférico percorre a existência dos moradores do território do Jardim Veneza, o fazem se sentir pertencentes, mesmo que às margens da cidade.

Essa condição de marginal, coloca principalmente a mulher periférica dentro da cadeia de opressões existentes na dinâmica de produção capitalista, pois está na base da manutenção da vida dos trabalhadores e do futuro da sociedade. Contudo, o trabalho do cuidado é sobrecarregado pela própria ausência da manutenção do poder público de direitos básicos, como acesso à saúde, educação, segurança e lazer, trazidos neste trabalho, sobrecarregando mulheres periféricas em territórios precarizados e imersos nas desigualdades sociais e de gênero.

A necessidade de se explorar o território e a dinâmica dos bairros de João Pessoa, vem da demanda em interpretar e se fazer conhecer os espaços que são excluídos da realidade tão vendida da cidade, como a cidade turística, sem altos índices de violência, com uma qualidade de vida invejável. Mas, nós perguntamos: para quem? Onde exatamente em João Pessoa vivemos essa situação idílica? Não são as margens da cidade, não é na periferia.

Acreditamos, portanto, que nosso trabalho foi construído dentro dos limites crueis do possível, dada a viabilidade da pesquisa e também o tempo de análise dos dados aqui dispostos. O Jardim Veneza merece ter um esforço de pesquisa e compreensão para além de trabalhos sobre comunidades e da ótica da violência, precisando observar as suas dinâmicas

sociais de forma que mostre o prisma de possibilidades de análise, principalmente no futuro, ouvindo interlocutores diretamente, bem como pensando como elas, especificamente, chegaram àquele bairro periférico. Quais seriam suas impressões, suas vivências, suas angústias em residirem nesse espaço social?

Este trabalho, trata de uma contribuição ao debate da violência, bem como a denúncia de um sistema insustentável que segue aprofundando as desigualdades sociais historicamente construídas num território como o brasileiro, imerso no aprofundamento das políticas neoliberais, de crises do Estado, etc. Ademais, destaca-se o planejamento para as cidades que não são pensadas de fato para a realidade de populações vulneráveis, ou que visam proteger as mulheres da sobrecarga de jornadas triplas de trabalho, bem como os diferentes tipos de violência das quais sofrem diariamente apenas por serem mulheres, como o crime de feminicídio.

Por fim, nossos horizontes de pesquisa são fazer um debate mais robusto sobre a condição da mulher periférica e as condições dispostas no bairro aqui explorado, descrito e problematizado. Pensar o urbano e suas relações com as questões relativas aos sujeitos periféricos seguem como inquietação de pesquisa para trabalhos posteriores a este.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, S.. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, n. 8, p. 84–135, jul. 2002.
- AGUIAR, N.. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, v. 15, n. 2, p. 303–330, jun. 2000.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado** [ou Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado]. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. (ou Lisboa: Presença, 1980).
- ARAÚJO, Arthur. Prefeito Cícero Lucena entrega Campo de Futebol Marretinha, no Vieira Diniz. **João Pessoa: cidade em crescimento**, João Pessoa, 19 ago. de 2021. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/secretarias-e-orgaos/prefeito-cicero-lucena-entrega-campo-de-futebol-marretinha-no-vieira-diniz/>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2023. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, ano 17, 2023. ISSN 1983-7364.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, ano 18, 2024. ISSN 1983-7364.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2025. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, ano 19, 2025. ISSN 1983-7364.
- BARBOSA, Valter. Indústrias da Paraíba crescem e são destaque nacional. **FIEPB**, Campina Grande, 05 mai. 2010. Disponível em: <https://fiepb.com.br/noticia/industrias-da-paraiba-crescem-e-sao-destaque-nacional->. Acesso em: 12 ago. 2025.
- BECKER, Howard S: **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
- BHATTACHARYA, Tithi. Explicando a violência de gênero no neoliberalismo* Explaining gender violence in the neoliberal era. In: **Marx e o Marxismo**, v.7, n.12, jan/jun. 2019. Disponível em: <https://www.niepmarx.com.br/index.php/MM/article/view/319>. Acesso em: 12 set. 2025.
- BHATTACHARYA, Tithi. Social reproduction theory: remapping class, recentering oppression. Londres: **Pluto Press**, 2017, pp. 1-20.
- BOURDIEU, Pierre (dir.). **A miséria do mundo**. Tradução de diversos. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOLSONARO visita a Paraíba para entrega de dois residenciais do Programa Casa Verde e Amarela. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 24 jun. de 2022. Disponível em:

https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/06/24/bolsonaro-joao-pessoa-campina-gramulhe_resnde-sao-joao.ghtml. Acesso em: 12 ago. 2025.

BRITTO, Vinícius; NERY, Carmen. Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. **Agência IBGE jornal**, Rio de Janeiro, 24 de out. de 2023. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/3762_1-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=A%20divis%C3%A3o%20das%20tarefas%20dom%C3%A9sticas,realiza%C3%A7%C3%A3o%20nas%20cinco%20Grandes%20Regi%C3%B3es Acessado em: 12 ago. 2025.

COSTA, Hemily Sued Alves; PEIXINHO, Dimas Moraes. Cotidiano na produção do espaço: a Ritmanálise como proposta. **Revista Geografia Literatura e Arte**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 167–181, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geoliterart/article/view/213214>. Acesso em: 23 set. 2025.

CAMARANO, A. A. et al. O cuidado enquanto ocupação: em que condições? **Política em Foco**, v. 79, p. 95-107, abr. 2025. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/aff23384-109d-49f5-8320-3ce28f907ba2/content#:~:text=Pol%C3%ADtica%20em%20foco,-98&text=Destes%2C%2015%2C9%25%20conseguiram,negras%20\(Davis%2C%202016\)](https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/aff23384-109d-49f5-8320-3ce28f907ba2/content#:~:text=Pol%C3%ADtica%20em%20foco,-98&text=Destes%2C%2015%2C9%25%20conseguiram,negras%20(Davis%2C%202016)). Acesso em: 12 set. 2025.

CÍCERO Lucena autoriza pavimentação em 22 ruas de três bairros e projeta transformação na região do Jardim Veneza com um novo Cemapi. **Tribuna**, 22 jan. 2025. Disponível em: <https://mail.tribunamunicipalista.com.br/2025/01/22/cicero-lucena-autoriza-pavimentacao-em-22-ruas-de-tres-bairros-e-projeta-transformacao-na-regiao-do-jardim-veneza-com-um-novo-cemapi>. Acesso: 12 ago. 2025.

COOPER, David. **A philosophy of gardens**. Oxford: Clarendon Press, 2006.

D'ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, n. 1, p. 19-36, jan. 2020.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1987. (Texto originalmente publicado em 1895).

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 483 p. (Tópicos). ISBN: 9788578272531. (Texto originalmente publicado em 1893).

- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo sociológico.** Lisboa: Presença, 1987. (Texto originalmente publicado em 1897).
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** (Texto originalmente publicado em 1845) [adaptado para: São Paulo: Boitempo, 2010].
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ESTADO DA PARAÍBA. **Lei nº 1.824, de Julho de 2013.** João Pessoa, 2013. Disponível em: https://sapl.joaopessoa.pb.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2013/15914/15914_texto_integral.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais.** Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FERREIRA, Igor. Segurança alimentar nos domicílios brasileiros volta a crescer em 2023. **Agência IBGE jornal**, Rio de Janeiro, 27 de nov. de 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39838-seguranca-alimentar-nos-domiciliros-brasileiros-volta-a-crescer-em-2023>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- FIDELES, Dayanne Costa. Janelas de Oportunidades na Segurança Pública, O fenômeno da criminalidade e políticas públicas em segurança. (**Trabalho de conclusão de curso**). 2021. 58f. Departamento de Ciências Sociais: Universidade Federal da Paraíba, 2021.
- _____ . **Diário de Campo.** 2024.
- _____ . **Fotografias do Bairro Jardim Veneza,** 2025.
- FOUCAULT, MICHEL. “**Em defesa da sociedade**”. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GOVERNO DA PARAÍBA. **Endereços dos Restaurantes Populares em João Pessoa.** Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-de-desenvolvimento-humano/conteudo-de-links/enderecos-dos-restaurantes-populares> Acesso: 12 ago. 2025.
- GOVERNO DA PARAÍBA. Plano de Segurança para vítimas de violência doméstica. Disponível em: <https://www.mppb.mp.br/images/2024/plano-seguranca-violencia-mulher.pdf> Publicado: Março/2025. Acesso: 22 set. 2025.
- HARVEY, David. **A justiça social e a cidade.** São Paulo: Hucitec, 1980.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo, Edições. Loyolas 1992.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações.** São Paulo: Loyola, 2008.

- HARVEY, David. **Cidades rebeldes : do direito à cidade à revolução urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2025.
- HONÓRIO, Gustavo; ACAYABA, Cíntia. 35 mulheres foram agredidas física ou verbalmente por minuto no Brasil em 2022, diz pesquisa. **G1 São Paulo**, São Paulo, 02 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/02/35-mulheres-foram-agredidas-fisica-ou-verbalmente-por-minuto-no-brasil-em-2022-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- IARED, V. G.; OLIVEIRA, H. T. de. **Walking ethnography e entrevistas na análise de experiências estéticas no Cerrado.** Educação e Pesquisa, v. 44, 2018.
- INGOLD, Tim. **Being alive: essays on movement, knowledge and description.** London: Routledge, 2011.
- IBGE. **Malha de Setores Censitários.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/26565-malhas-de-setores-censitarios-divisoes-intramunicipais.html> Acesso: 15 set. 2025.
- IBGE. **Arranjos populacionais e concentrações urbanas do Brasil.** 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/arranjos_populacionais/2015/pdf/publicacao.pdf Acesso 19 de ago. 2025.
- IPEA. **Atlas da violência 2024.** IPEA: 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/04a8811b-b222-496f-b8f3-cd2e71662a22/content>. Acessado em: 12 ago. 2025.
- Condomínios populares de JP viram “território de violência”. **JORNAL DA PARAÍBA**, 15 abril de 2015. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/vidaurbana/condominios-populares-de-jp-viram-territorio-de-violencia>. Acesso em: 22 set. 2025.
- JOÃO Pessoa ganhará novas UPAS no bairro das indústrias e no geisel, anuncia Cícero. **Mais PB**, João Pessoa, 10 ago. de 2023. Disponível em: <https://www.maispb.com.br/674621/joao-pessoa-ganhara-novas-upas-no-bairros-da-industrias-e-no-geisel-anuncia-cicero.html>. Acesso em: 12 ago. 2025.

- JOÃO PESSOA. **Anuário 2023 da Segurança e da Defesa Social da Paraíba, João Pessoa, 2024.** Disponível em: https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-seguranca-e-defesa-social/arquivos/anuario_2023_digital_completo.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.
- JOÃO PESSOA. **Jardim Veneza Setor 33, João Pessoa, [S.I].** Disponível em: https://filipeia.joaopessoa.pb.gov.br/files/geovias/JARDIM_VENEZA.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.
- JOÃO PESSOA. **Plano diretor: Pb2 Relatório do diagnóstico Técnico,** João Pessoa, 2021. Disponível em: https://planodiretor.joaopessoa.pb.gov.br/wp-content/uploads/2021/10/115_2021.10.08_P2b_DIAGNOSTICO-TECNICO.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.
- JOÃO PESSOA. **Plano diretor: R2 Eventos Participativos,** João Pessoa, 2021. Disponível em: https://planodiretor.joaopessoa.pb.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/115_2021.06.24_R2_EVENTOS-PARTICIPATIVOS-publicacao-previa.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.
- LASLETT, B.; BRENNER, J. Gender and social reproduction: historical perspectives. *Annual Review of Sociology*, v. 15, n. 1, p. 381-404, 1989. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/089124391005003004>. Acesso em: 12 set. 2025.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo, 1991a.
- LEFEBVRE, H. **The Production of Space.** Oxford: Blackwell, 1991b.
- LEFEBVRE, Henri. **Revolução urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- LIMEIRA, Tibério. **Fotografia.** Disponível em: [https://www.brasildefato.com.br/2019/06/17/joao-pessoa-registra-maior-volume-de-chuvas-dos-ultimos-30-anos secondo-a-pmj/](https://www.brasildefato.com.br/2019/06/17/joao-pessoa-registra-maior-volume-de-chuvas-dos-ultimos-30-anos segundo-a-pmj/), acesso: 15 ago. 2025.
- LEAL, Camila. A habitação de interesse social como elemento estruturador do crescimento urbano: Um panorama da cidade de João Pessoa – PB (Brasil). *Repositorio de la Universidad Nacional de La Plata.* 2014. Disponível em: https://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/55477/Documento_completo.pdf?sequence=1. Acesso em: 6 out. 2025.
- MADEIRA, Lígia. O retorno da cidade como objeto de estudo da sociologia do crime. *Sociologias*, Porto Alegre, n.9, p. 370 - 377. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/CyMkW7dsV77w9CTwbCJ6ckm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 12 set. 2025.

- MADRUGA, Clarice Sandi (org.). **III Levantamento Nacional de Álcool e Drogas LENAD III.** UNIFESP: São Paulo, 2025. Disponível em: <https://lenad.uniad.org.br/resultados/lenad-iii-jogos-de-aposta/> Acesso: 12 ago. 2025.
- MARTINS, Carla Benitez; ARAÚJO, Catharina G.; MAMEDE, Renata de M. Neoliberalismo e recrudescimento da violência doméstica e familiar contra a mulher no Brasil: um estudo a partir da Teoria da Reprodução Social. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 12**, 2021, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: UFSC, 2021. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613693185_ARQUIVO_5a2b0b3ded17ce4b172893f6b034acd2.pdf. Acesso: 12 set. 2025.
- MARTINS, Dayse Luckwu. Novas Centralidades e Fragmentação Urbana: João Pessoa - PB. In: Encontros Nacionais ANPUR, 2013, Recife. Anais [...]. Recife: ENANPUR, 2013. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenapur/article/download/354/344/>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858**. Tradução de Mário Duayer, G. L. de Paula, E. P. da Silva, T. F. de Souza e J. L. Neves. Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da Economia Política**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MISSE, Michel. **Crime e violência no Brasil Contemporâneo: Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana**. São Paulo: Lumen Júris, 2006.
- MUMBABA será incorporada à zona urbana de João Pessoa para expansão imobiliária. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 07 ago. 2020. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/politica/mumbaba-sera-incorporada-a-zona-urbana-de-joao-pessoa>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- NA PARAÍBA, Dilma entrega 576 casas e 22 máquinas retroescavadeiras. [S.l.: s.n.], 2013. 1 vídeo (8 min). **Publicado pelo canal Presidência do Brasil**. Disponível em: https://youtu.be/_sNq12q45Tw?si=edNIXcfoNiv_GWcK. Acessado em: 12 ago. 2025.
- NÓBREGA JÚNIOR., José Maria Pereira da. Os homicídios no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco: dinâmica, relações de causalidade e políticas públicas. 2010. Tese (**Doutorado em Ciência Política**). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Acessado em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1558>. Acesso em: 20 mar. 2021.

OLIVEIRA, Juliana Barros de. O bairro de Jaguaripe na memória dos seus moradores idosos. 2012. 273 f. Dissertação (**Mestrado em História**) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

O que se sabe sobre o assassinato dos jovens que foram decapitados em Bayeux. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 25 set. 2024. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/o-que-se-sabe-sobre-assassinatos-de-jovens-que-foram-decapitados-em-bayeux>. Acesso em: 12 ago. 2025.

PARK, R. E. ; BURGESS, E. W. **The City**. Chicago: University of Chicago Press, 1925.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PATEMAN, Carole. The sexual contract. Stanford, California: **Stanford University Press**, 1988.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul. 2014.

PEREGRINO, Yasmin Ramos. (Re)conhecendo a favela: uma análise socioespacial urbanística de três lagoas em João Pessoa, Paraíba, Brasil. 2016. 204 f. Dissertação (**Mestrado em Arquitetura e Urbanismo**) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11657/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 12 set. 2025.

PEREGRINO, Yasmin Ramos; BRITO, Ana Laura Rosas; SILVEIRA, José Augusto Ribeiro. O espaço livre público informal como lócus da oportunidade e da integração socioespacial da cidade: o caso da favela Beira Molhada, em João Pessoa - PB, Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 456–473, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/Urbe/article/view/22107>. Acesso em: 23 set. 2025.

PEREIRA, Gabriel Farias. Rupturas do cotidiano: mercados ilegais e estruturas políticas da favela. 2024. 126 f. (**Trabalho de conclusão de curso**) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, 2024.

PIZZOL, Kátia Maria Santos de Andrade. Uso e apropriação dos espaços livres públicos e informais de uma área urbana em João Pessoa, PB. 2005. 177 f. Dissertação (**Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente**) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

PMJP entrega reurbanização de praça do Conjunto Vieira Diniz. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 19 de ago. de 2010. Disponível em:

<https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/vidaurbana/pmjp-entrega-reurbanizacao-de-praca-do-conjunto-vieira-diniz> Acessado em: 12 ago. 2025.

PONTES, Williane Juvêncio. **Periferização e estratégias de resistência: a formação de uma comunidade a partir do processo de crescimento urbano de João Pessoa-PB.** Ponto Urbe, São Paulo, Brasil, v. 31, n. 1, p. 1–22, 2024. DOI: 10.4000/pontourbe.14292. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/216922>. Acesso em: 12 set. 2025.

PREFEITO autoriza reforma e ampliação da cozinha comunitária do Jardim Veneza. Portal da Capital, João Pessoa, 01 jul. de 2024. Disponível em: <https://www.portaldacapital.com/2024/07/01/prefeito-autoriza-reforma-e-ampliacao-da-cozinha-comunitaria-do-jardim-venezza/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. Topografia Social da Cidade de João Pessoa. João Pessoa, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Frederico-Ramos/publication/355339329_Topografia_social_de_Joao_Pessoa-2009.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Frederico-Ramos/publication/355339329_Topografia_social_de_Joao_Pessoa_-_2009/links/616aa7ddb90c5126624c938c/Topografia-social-de-Joao-Pessoa-2009.pdf). Acesso em: 12 ago. 2025.

RIBEIRO, Marcos Vinicius. O debate Marxista sobre o papel da violência na história. In: XXIX Simpósio de História Nacional, 2017. **Anais Eletrônicos** [...] Brasília: Universidade Nacional de Brasília, 2017. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548953098_e1597a6ba76c03634a18487e210e7cf6.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.

RODRIGUES, F. A.. Barreiras à efetivação da igualdade salarial de gênero no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 1, p. e82532, 2023.

RUAS, R. Teoria da Reprodução Social: apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas. **Revista Direito e Práxis**, v. 12, n. 1, p. 379–415, jan. 2021.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero patriarcado e violência.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTANA, M. A.; PERES, I. Capitalismo, Cidade e Política na Perspectiva de David Harvey. **Sociologia & Antropologia**, v. 3, n. 5, p. 151–174, jan. 2013.

SEDURB garante zeladoria de 24 praças distribuídas em 15 bairros de João Pessoa. João Pessoa: cidade em crescimento, **João Pessoa**, 08 out. de 2020. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/sedurb-garante-zeladoria-de-24-pracas-distribuidas-em-15-bairros-de-joao-pessoa/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

- SERPA, Angelo. **Lazer e trabalho no espaço urbano-metropolitano contemporâneo.** Mercator (Fortaleza), v. 14, n. spe, p. 137-148, dez. 2015.
- SILVA, Fabiano Pereira. A juventude nas ondas do rádio: trajetórias de vidas marcadas pela experiência da comunicação comunitária. 2011. 131 f. Dissertação (**Mestrado em Sociologia**) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, v. 11, n. 2, p. 577-591, out. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/WfkbJzPmYNdfNWxpyKpcwWj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2025.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon. **Não Matarás: desenvolvimento, desigualdade e homicídios.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon; SAPORI, Luís Flávio. **Por que a violência cresce no Brasil?** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.
- SOARES, Maria de Lourdes; PAZ Rosangela Dias de O (org.). **A estrutura socioespacial, produção dos agrupamentos habitacionais sociais e as condições de habitação na cidade de João Pessoa, Paraíba.** João Pessoa: Editora UFPB, 2020. Disponível em: <https://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/804/879/6924?inline=1>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- SOUZA, Ludmilla. Mais de 18 milhões de mulheres sofreram violência em 2022. **Agência Brasil**, São Paulo, 02 fev. 2023. Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/mais-de-18-milhoes-de-mulheres-sofreram-violencia-em-2022#:~:text=A%20pesquisa%20mostrou%20que%2046,festa%20\(11%2C2%25\)](https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/mais-de-18-milhoes-de-mulheres-sofreram-violencia-em-2022#:~:text=A%20pesquisa%20mostrou%20que%2046,festa%20(11%2C2%25)). Acesso em: 12 ago. 2025.
- SPAREMBERGER, Cristian. O Estado no Pensamento de Max Weber: Além da Dominação e da Racionalização. **Salão do Conhecimento**, [S. l.], v. 4, n. 4, 2018. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/10328>. Acesso em: 12 set. 2025.
- Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana (SEMOB). **Linhas de ônibus: itinerários e horários.** Disponível em: <https://servicos.semobjp.pb.gov.br/linhas-de-onibus/>. Acesso 22 set. 2025.
- TAVARES, Vitor. Como João Pessoa foi de capital “esquecida” a nova “queridinha” do verão do nordeste. **BBC News Brasil**, Recife, 04 jan. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c878w1140evo> Acesso: 12 ago. 2025.

- TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DA PARAÍBA (TRE). **Estatísticas do eleitorado na Paraíba.** Banco de dados. Disponível em: <https://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-do-eleitorado-na-pariba> Acesso: 20 de ago. 2025.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 121-132.
- VELHO, Gilberto. O desafio da violência. **Estudos Avançados**, v. 14, n. 39, p. 56-60, maio 2000.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Brasília, Editora Universidade de Brasília, vol. I. Editora da Universidade de Brasília. 1999.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva.** 2. Vol. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa São Paulo: Editora UnB, Imprensa Oficial, 2004.
- WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- WIRTH, L. 1928. **The Ghetto.** Chicago : University of Chicago.
- WIRTH, L. 1964 [1956]. The Ghetto. In : _____. **On Cities and Social Life.** Chicago : The University of Chicago.
- ZALUAR, A.. Os medos na política de segurança pública. **Estudos Avançados**, v. 33, n. 96, p. 5–22, maio, 2019.
- ZALUAR, Alba. **Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização.** São Paulo em Perspectiva, v. 13, n. 3, p. 3-17, jul. 1999.
- ZALUAR, Alba. **A máquina e a Revolta.** As Organizações Populares e o Significado da Pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985. 265 p.